

Prof. Mestrando Givandelson de Oliveira Aquino  
Profa. Mestranda Edilaine Isabel Ferreira Aquino  
Profa. Dra. Juliana Marcondes Bussolotti  
Profa. Dra. Mariana Aranha de Souza

**Organizadores**

**Grupo de estudo Arte Educação e Criação – MPE**

# **vida com** ***ARTE*** **Memórias de professores**



Prof. Mestrando Givandelson de Oliveira Aquino  
Profa. Mestranda Edilaine Isabel Ferreira Aquino  
Profa. Dra. Juliana Marcondes Bussolotti  
Profa. Dra. Mariana Aranha de Souza

**Organizadores**

**Grupo de estudo Arte Educação e Criação – MPE**

# **vida com** **ARTE**

## **Memórias de professores**



 **edUNITAU**  
EDITORA DA UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

**Taubaté/SP**  
**2021**

## **Organizadores**

Prof. Mestre Givandelson Aquino

Profa. Mestra Edilaine Isabel Ferreira Aquino

Profa. Dra. Juliana Marcondes Bussolotti

Profa. Dra. Mariana Aranha de Souza

Preparação e adaptação da capa

Ana Raquel Gonçalves Sanches

Imagem da capa

Terra (Série Os Quatro Elementos), 2017, de Del Aquino, colagem de papel Color sobre placa de Colorplac, 65 X 95 cm

## **Expediente**

**REITORA:** Profa. Dra. Nara Lúcia Perondi Fortes REITORA

**PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO:** Profa. Ma. Angela Popovici Berbare

**PRÓ-REITORA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO:** Profa. Dra. Sheila Cavalca Cortelli

**PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO:** Profa. Dra. Leticia Maria P. da Costa

**GESTÃO COMPARTILHADA - EAD:** Profa. Dra. Marcia Regina de Oliveira

## **edUNITAU**

**Diretora-Presidente:** Profa. Dra. Nara Lúcia Perondi Fortes

## **Conselho Editorial**

**Pró-reitora de Extensão:** Profa. Dra. Leticia Maria Pinto da Costa;

**Assessor de Difusão Cultural:** Prof. Me Luzimar Goulart Gouvêa;

**Coordenador do Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi:** Felipe Augusto Souza dos Santos Rio Branco;

**Representante da Pró-reitoria de Graduação:** Profa. Me. Silvia Regina Ferreira Pompeo Araújo;

**Representante da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação:** Profa. Dra. Cristiane Aparecida de Assis Claro;

**Área de Biociências:** Profa. Dra. Adriana Leônidas de Oliveira;

**Área de Exatas:** Prof. Me. Alex Thaumaturgo Dias;

**Área de Humanas:** Prof. Dr. Moacir José dos Santos.

## **Equipe Técnica**

**NDG UNITAU – Núcleo de Design Gráfico**

**Coordenação:** Alessandro Squarcini

**Capa:** Ana Raquel Gonçalves Sanches, Givandelson de Oliveira Aquino

**Revisores:** Givandelson de Oliveira Aquino, Edilaine Isabel Ferreira Aquino, Juliana Marcondes Bussolotti, Mariana Aranha de Souza

ISBN 9786586914122

## **Copyright ©by Editora da UNITAU, 2021**

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor

## APRESENTAÇÃO DOS AUTORES

**1. Ana Raquel Gonçalves Sanches:** (Ana Sanches) Arquiteta e Urbanista formada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2017), realizou iniciação científica com bolsa FAPESP, com ênfase nos seguintes temas: memória, patrimônio arquitetônico e salvaguarda. Graduanda em Artes Visuais pela Universidade de Jales (2018). Pós-graduanda "Latu Sensu" em "Psicopedagogia Institucional e Clínica" na Faculdade de Conchas (2019). Servidora pública, atuando como professora de Arte na Rede Municipal de São José dos Campos buscando ênfase no processo reflexivo e no protagonismo dos estudantes. Participa do grupo de pesquisa "Dispositivos Acessíveis para as Realidades Virtual e Aumentada", do GIIP-IA/UNESP (Grupo Internacional e Interinstitucional de Pesquisa em Convergências entre Arte, Ciência e Tecnologia do Instituto de Artes, da Universidade Estadual de São Paulo).

**2. Carmem Lúcia Caetano de Souza:** Nascida e criada em São José dos Campos. Arte-educadora, professora, bailarina e coreógrafa. Tem formação em Pedagogia e Licenciatura em Dança, Especialização em Dança-Educação e atualmente cursa o Mestrado Profissional em Formação Docente para a Educação Básica. Atuou na Rede Estadual de Ensino como professora de Ensino Fundamental e nos dias atuais trabalha Rede Municipal de Ensino da cidade de São José dos Campos, no Projeto Sala de Leitura Interativa na Educação Infantil lecionando Literatura e Música. É professora de dança intergeracional e acredita no potencial criativo de cada um e luta para que esse potencial floresça!

**3. Cintia dos Santos Magalhães:** graduação em Licenciatura Plena em Letras Português/Literatura pela Faculdade São Camilo FAFI - ES(2003), graduação em Artes Visuais pela Universidade Metropolitana de Santos(2013), especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade EJA pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo(2013), especialização em Letras: Português e Literatura pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá(2005), especialização em Fundamentos e Aplicação da Arte-Educação pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras(2009), especialização em Alfabetização e Letramento pela Faculdade Campos Eliseos(2016) e especialização em Psicopedagogia Institucional pelo Instituto Superior de Educação e Cultura Ulysses Boyd (2008). Mestranda em Educação - UNITAU.

**4. Edilaine Isabel Ferreira Aquino:** Mestre em Educação na Universidade de Taubaté. Especialista em Métodos e técnicas do Ensino pelo Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2018) e Arte Educação pelo Instituto Superior de Ensino da América Latina (2009), graduada em Educação Artística com habilitação em Música pela Faculdade Santa Cecília (2003), e em Bacharel em Música pela Faculdade Santa Cecília (2001). Pedagoga pela Faculdade de Educação e Ciências Gerencias de Sumaré (2012). Tem experiência nos segmentos; da educação infantil à Educação Jovens e Adultos; no ensino regular, na escola de tempo integral e em projetos especiais. Atuou como Orientadora de Ensino de Arte - Secretaria de Educação e Cidadania de São José dos Campos no período de abril de 2014 a junho de 2021. Participou de implementação, adequação e redação de currículos de Arte e há mais de uma década atua na formação de professores em cursos de extensão.

**5. Fabiana Alves de Almeida:** graduação em Letras pela UNITAU, (2008); Pedagogia pela UNINTER, (2013); Especialização em Gestão e Organização da Escola pela UNOPAR, (2014); Especialização em Psicopedagogia pela ANHANGUERA, (2016); Especialização em Psicologia Organizacional pela ANHANGUERA, (2018). Especialização em Formação em Educação a Distância pela UNIP (2020). Atua na rede Estadual de Ensino - SP (Fundamental II e Ensino Médio), leciona na UNIPLAN - Centro Universitário, no curso de Pedagogia e já lecionou no curso Administração da mesma. Outrora Orientadora do Projeto de Prática de Ação Pedagógica - UNIPLAN - Centro Universitário. Mestranda em Educação - UNITAU. Atua como palhaça de hospital voluntária.

**6. Fábio Junior Pinheiro da Silva:** Mestrando em Educação pela Universidade de Taubaté - UNITAU (2021). Pós-graduação Lato Sensu em Educação de Surdos, Tradução/Interpretação em Libras, Surdocegueira e em Metodologia para o Ensino de Artes. Graduação em Licenciatura Plena em Música e em Letras: Português/Espanhol. Fez também extensão universitária em Educação Inclusiva pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo e Técnicas Vocais pelo Portal Educação. É ator, músico – instrumentista e cantor lírico, dublador; arte educador e intérprete de Libras. Trabalho com diretores como Antunes Filho, Gerald Thomas, Antônio Araújo, José Renato Pécora, dentre muitos outros. Fez também diversas óperas e musicais. Desde 2013 é

Professor/Arte Educador no Programa Fábricas de Cultura da Secretaria de Estado da Cultura SP, gestão da Catavento Cultural como educador de Teatro e Arte com Libras onde, pelo período de quatro anos, dirigiu quatro espetáculos dentro de um projeto especial do programa intitulado "Projeto Espetáculo".

**7.Felipe Adriano Gomes:** Mestrando do Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté. Graduado em Pedagogia pela Universidade Metropolitana de Santos, bacharelado e licenciatura em Geografia pela Universidade de Taubaté. Possui formação em artes cênicas pela Escola Municipal Maestro Fêgo Carmargo. Atualmente é gestor escolar e professor na rede privada de Pindamonhangaba e do curso comunitário Libertas em Taubaté. Tem experiência nas áreas da educação, cultura e meio ambiente.

**8.Fernanda Macedo Costa dos Santos:** Mestranda em Mestrado Profissional em Educação pela Universidade de Taubaté. Graduada em Pedagogia, Pós graduada em Alfabetização e Letramento e Psicopedagogia com ênfase em educação especial. Professora da Rede Municipal de São José dos Campos desde 2019. Tem experiência na área de Educação desde 2003, com ênfase em implantação e avaliação de sistemas, administração escolar, desenvolvimento de planos e programas Educacionais. Desde 2015 ministrando aulas e gerenciando alunos e salas de aula, tanto na Educação Básica quanto em Universidades. Trabalho de pesquisa no seguinte tema: "Leitura e interpretação matemática" e com projeto dentro da área de "Aprendizagem Solidária e Serviço".

**9.Givandelson de Oliveira Aquino:** Mestrando em Educação pela Universidade de Taubaté. Possui Especialização em Arte e Educação (FCE-2016), Docência do Ensino Superior (FCE-2016) Educação Musical (FCE-2017), Alfabetização e Letramento (INESP-2019), Docência da Educação Básica (IFSP-2021), graduando em Filosofia; graduação em Pedagogia (FECGS-2012) e graduação em Educação Artística com habilitação artes cênicas (FASC-2004). Professor de arte efetivo SEDUC/SP e da SEC de São José dos Campos - SP. Possui experiência na elaboração, adequação e redação de currículos de Arte e atua na formação de professores em cursos de extensão.

**10.Helena Xavier Pires:** Mestre em Educação pela Universidade de Taubaté. Pós-graduada em Educação Musical (FCE-2017), Arte Terapia (2008), graduação em Pedagogia (FECGS-2012) e graduação em Educação Artística com habilitação em Música (UNESP -1998). Integrante dos grupos de Pesquisa em Arte da Universidade de Taubaté e do G-PEM (Grupo de pesquisa em Educação Musical da UNESP). Professora de arte efetiva da SEC de São José dos Campos- SP. Atua como pianista com composições autorais e corpetidora de Coros.

**11.Jade Moura de Godoy:** Mestre profissional em Educação (MPE) pela Universidade de Taubaté. UNITAU (2022), Pós-graduada em Transtorno do Espectro Autista pelo Centro Universitário Celso Lisboa do Rio de Janeiro em parceria com o CBI OF MIAMI da Flórida-EUA (2020). Licenciada em Artes Visuais pela Universidade de Taubaté UNITAU (2017) e Técnica em Informática pela escola Adventista de Taubaté/Tremembé (2009). Atua como Arte Educadora no ensino regular da rede pública para os anos iniciais e finais do ensino fundamental e EJA desde 2018. Seus temas de interesse e pesquisa são: Arte Educação, Diversidade Sociocultural, Inclusão Escolar e Formação Docente.

**12.Juliana Marcondes Bussolotti:** graduação em Escola de Comunicação e Artes pela Universidade de São Paulo, pós-graduação lato sensu em Designer Instrucional pela Universidade Federal de Itajubá, mestrado em Ciências Ambientais pela Universidade de Taubaté e doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista. Atualmente é pós-doc. do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe – TerritoriAL - UNESP, SP. Professora assistente III da Universidade de Taubaté, professora coordenadora-adjunta do Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté, professora e conselheira - CONDEP do Departamento de Gestão e Negócios - Gen, integrante da Comissão Própria de Avaliação - CPA - UNITAU, conselheira do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP - UNITAU, professora coordenadora do curso de geografia EAD da Universidade de Taubaté. Tem experiência na área de educação, geografia, turismo e meio ambiente, com ênfase em: Ensino Superior, Educação Ambiental, Educação Tecnológica e Arte Educação. Atuando principalmente nos seguintes temas: arte educação, formação docente, diversidade sociocultural e inclusão, educação ambiental para sustentabilidade, empreendedorismo e inovação, tecnologia da informação e comunicação e processos de ensino e aprendizagem. Linhas de Pesquisa: Empreendedorismo, Inovação e Educação; Formação Docente e Desenvolvimento Profissional; Inclusão e Diversidade Sociocultural; Saberes e práticas no uso de tecnologias em educação; Educação ambiental para a conservação da biodiversidade; Arte-Educação; Planejamento da paisagem; Uso público em Unidades de Conservação. Participa dos grupos

de pesquisa: Educação: desenvolvimento profissional, diversidades e metodologias - UNITAU - Ciências Humanas, Educação; Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Saberes e Práticas em Educação à Distância - UNITAU - Ciências Humanas, Educação; Conservação da Natureza da Zona Costeira - Ciências Humanas, Geografia - UNESP.

**13. Juliane Raphael Vicente:** graduada em Artes Visuais, Teatro e Pedagogia. Pós-graduada em Dança e Consciência Corporal e Pós-graduanda em Ensino de Arte e Musicalidade e em Teatro e Educação. Possui cursos de capacitação em Cenografia, Agente Cultural, Gestão e Liderança. Atua há 32 anos como arte educadora na educação formal e informal abrangendo crianças, adolescentes e adultos com deficiências. Atuou no setor de cultura da Prefeitura de Boa Esperança do Sul - SP, como professora de dança e encarregada do setor de cultura. Ministrou oficinas voltadas a consciência e expressão corporal para grupos de 3ª Idade. Atualmente pesquisa as Artes Integradas na proposta educacional.

**14. Mariana Aranha de Souza:** Doutora em Educação: Currículo (2011) e Mestre em Educação: Currículo (2006) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Graduada em Pedagogia pela Faculdade Maria Augusta Ribeiro Daher (2001). Atualmente é Professora Permanente do Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional do Centro Universitário do Sul de Minas -UNIS-MG e Professora do Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté. É pesquisadora do GEPI (Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade) da PUC/SP, do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Saberes e Práticas em Educação à Distância, da Universidade de Taubaté, do Grupo Educação: desenvolvimento profissional, diversidades e metodologias da Universidade de Taubaté e do Grupo de Estudos e Pesquisas de Ensino de Ciências e Engenharia - GEPECE, da Escola de Engenharia de Lorena da Universidade de São Paulo - USP. Atua também como Coordenadora dos Cursos de Especialização em Psicopedagogia, Gestão Escolar e Metodologias Ativas de Aprendizagem e Ensino Híbrido da Universidade de Taubaté. Tem experiência como Orientadora de Pesquisas, Professora Universitária, Professora de Educação Básica e Diretora de Escola. Atua principalmente com os seguintes temas: Interdisciplinaridade, Formação de Professores, Currículo, Gestão Escolar, Didática, Educação à Distância, Tecnologias e Mídias Digitais e Metodologias Ativas de Aprendizagem.

**15. Michael Santos Silva:** Arte Educador, Artista Visual e Mestre em Educação. Atualmente é Doutorando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM e Orientador de Escola Pedagógico na Secretaria de Educação e Cidadania de São José dos Campos/SP. Mestre na modalidade profissional em Educação pela Universidade de Taubaté (Unitau), Especialização em Ensino de Arte pela Universidade Cândido Mendes (UCAM), Especialização em Psicopedagogia e Educação Especial pela Faculdade Futura, Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade do Vale do Paraíba (UniVap) e Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação Ibituruna (ISEIB). Tem experiência em Arte Educação e Artes Visuais com foco em Mediação de Procedimentos e Processos Artísticos com crianças, bem como Formação Docente.

**16. Neila Fernanda Oliveira Fernandes:** servidora pública federal desde 2014, mestranda da Universidade de Taubaté (UNITAU) do curso Mestrado Profissional em Educação Profissional. Sou Assistente Social, formada pela Universidade Federal Fluminense, RJ; e exerço minha profissão no Instituto Federal Fluminense, RJ. Também sou formada em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá, RJ e desempenhei as carreiras de docente e coordenadora pedagógica entre os anos de 2006 a 2014, nas instituições de ensino públicas e privadas no Município de Campos dos Goytacazes, RJ. Sou Pós-Graduada em MBA em Gestão de Pessoas pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) e Especialista na Ativação de Processo de Mudança na Formação Superior de Profissionais de Saúde, pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca e Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/FIOCRUZ). Desde 2021.1 participa do grupo em Pesquisa de Artes promovida pela UNITAU, possui fluência no idioma da língua inglesa, foi contadora de histórias do Grupo Alegria, apaixonada por viagens e pelo mar e sempre que possível gosta de sapatear.

**17. Raquel Balduino da Silva:** Mestranda em Educação pela Universidade de Taubaté. Especialista em Arte: Educação e Saúde (ISAL, 2010) e Especialização em Educação para Relações Étnico-Raciais (UFSCAR, 2013), Graduação em Pedagogia (UNIP, 2009) e em Artes Visuais (UNIMES, 2014). Professora de Arte, efetiva da SEC de São José dos Campos - SP. Experiência com Educação não formal e projetos socioeducativos.

# APRESENTAÇÃO DO PROJETO VIDA COM ARTE: MEMÓRIAS DE PROFESSORES

Givandelson de Oliveira Aquino; Edilaine Isabel Ferreira Aquino; Juliana Marcondes Bussolotti; Mariana Aranha de Souza

O trabalho aqui apresentado é fruto do Grupo de Estudo Arte Educação e Criação, ancorado no Grupo de Pesquisa CNPq Educação: desenvolvimento profissional, diversidade e metodologias, da Universidade de Taubaté. Nesse Grupo de estudos executam-se regularmente seminários, rodas de conversa, oficinas e discussões sobre metodologias relacionadas a arte educação e processos criativos. O projeto teve início com uma reflexão dos professores participantes sobre suas vivências e experiências a partir do contato com arte em suas histórias de vidas.

Os participantes do Grupo de Estudo Arte Educação e Criação foram convidados a reconstituir suas memórias, tendo como indicativos os seguintes aspectos: a relação familiar na infância com a arte e a cultura, as brincadeiras na infância, as manifestações de arte presentes na família e comunidade, o que aprendeu de arte na escola, e como a arte atualmente está inserida nas práticas pessoais e na prática docente nas diferentes áreas de atuação profissional.

Os relatos foram reunidos constituindo capítulos do presente livro sob o sugestivo título: ‘Vida com Arte: memórias de professores’.

A nossa história de vida está impregnada de momentos em que nos relacionamos com a arte e com a cultura, quer estejamos conscientes disso ou não. Para o professor, e de modo especial, para os professores que lidam com a arte, é de suma importância reconhecer na própria história como se deu o encontro com a arte.

Segundo Coutinho (2004, p.145) “A construção de nossa história de vida com a arte depende de um movimento voluntário de reflexão e apropriação das múltiplas e significativas experiências com a arte, que acumulamos ao longo da vida.”

Ainda de acordo com a autora nossas vivências estão em nossa memória, porém, só se tornam história a partir do momento que refletimos sobre elas, passando por filtros afetivos e cognitivos que os singularizam.

Nessa perspectiva, os participantes do grupo foram convidados a lembrar e relatar, em forma de memorial acadêmico o seu contato com arte. Para Santos (2005):

O memorial constitui uma biografia, configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva. Deve então ser composto sobre a forma de um relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor, de tal modo que o leitor possa ter uma informação completa e precisa do itinerário percorrido. (SANTOS, 2005, p.2).

A escolha do memorial mostrou-se uma ferramenta adequada para os processos de investigação e reflexão dos participantes sobre como a arte está presente em sua vida pessoal e influenciando em suas práticas educativas.

A experiência é algo particular que nos acontece, e que se tornou importante em nossa vida. Como defende Dewey (2010):

A vida não é uma marcha ou um fluxo uniforme e ininterrupto. É feita de história, cada qual com seu enredo, seu início e movimento para seu fim, cada qual com seu movimento ritmo particular, cada qual com sua qualidade repetida, que a perpassa por inteiro. (DEWEY, 2010, p. 110).

Ao recordar traz-se a consciência fatos marcantes que tomaram importância capilar na constituição daquilo que se é no momento presente. Ou seja, tem-se uma experiência quando assim fomos transformados por ela, conforme expressa Larrosa (2016, p. 28): É uma experiência aquilo que “nos passa” ou que nos toca, ou que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.

Para este trabalho utilizou-se como metodologia a pesquisa-ação. De acordo com (TRIPP, 2001), pesquisa-ação é uma metodologia qualitativa, utilizada em projetos com fins de buscar transformações em suas próprias práticas. O autor ainda acrescenta que as técnicas de pesquisa-ação devem atender aos critérios de pesquisa acadêmica, como revisão pelos pares, significância, originalidade, dentre outros.

Nesta pesquisa cada participante do Grupo de Estudos Arte Educação e Criação elaborou um memorial sobre sua história de vida pessoal com arte, relacionados aos aspetos: a) a relação familiar na infância com a arte e a cultura, b) as brincadeiras na infância, c) as manifestações de arte presentes na família e comunidade; d) a arte na escola, e) a arte na vida pessoal e na prática docente. Foram construídos um total de 17 memoriais. Os organizadores tiveram a incumbência de receber os relatos e orientar a escrita, quando necessário, e o cumprimento com o objetivo para estabelecer uma caracterização, tendo em vista o resultado final, que seria a composição do livro.

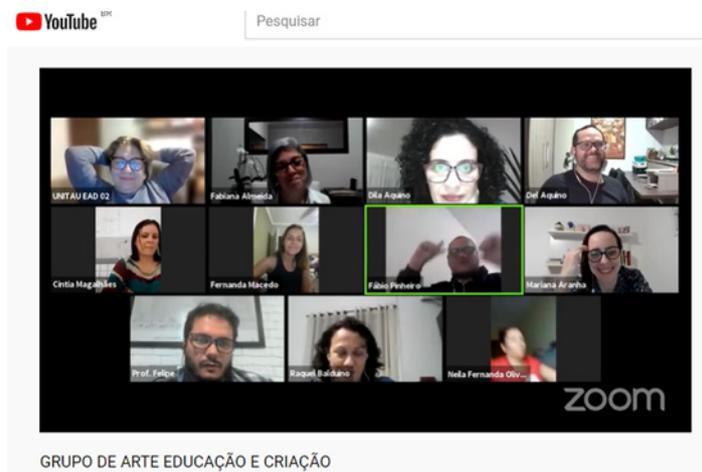
A escrita do material teve como percurso os seguintes procedimentos: a) leitura do texto Vivências e experiências com a arte (Coutinho, 2004); b) Escrita das experiências pessoais com arte em memorial acadêmico; c) postagem dos textos de cada pesquisante-autor do livro em um texto word online para que todos acompanhassem os processos individuais; d) Leitura cruzada das escritas dos memoriais, para análise e reflexão coletiva das experiências pessoais com a arte; e) correção entre pares dos textos; f) revisão final realizada pelos autores; g) elaboração da arte gráfica do material pelos participantes; h) elaboração de leitura dos textos em gravação de podcast para hiperlink em cada capítulo; i) revisão e formatação final da equipe de edição do livro na editora.

Dos 38 participantes do grupo, 17 escreveram seus memoriais que resultaram na organização dos capítulos do livro conforme é possível verificar no Quadro abaixo.

Os encontros que se seguiram após o lançamento da proposta foram repletos de relatos emocionados sobre as memórias afetivas em relação ao contato da arte. Inicialmente alguns dos participantes disseram não reconhecer uma efetiva presença da arte em sua vida, contudo, ao escutar a história de outrem, chegaram à conclusão que sim, pois durante sua trajetória de vida familiar, comunitária, escolar e religiosa a arte se fez presente.

Outro ponto que contribuiu para a reflexão da relação pessoal com a arte e a escrita dos memoriais se deu com a leitura do texto ‘Vivências e experiências a partir do contato com a arte’ de Rejane Coutinho (2004), pois o próprio texto da autora traz relatos de vivências pessoais e legados educacionais que marcaram o seu percurso e direcionaram sua formação.

**Figura 1** – Encontro para Leitura



**Fonte:** Elaborado pelos autores.

A escolha da elaboração do livro com os relatos transformado em capítulos possibilitou a vivência de um trabalho colaborativo que permitiu a troca de saberes, compartilhamento de vivências e corresponsabilização na construção da obra coletiva, além de todas atribuições que uma produção literária requer, tais como: a pesquisa anterior à escrita do texto, a extensão do mesmo, a linguagem, vocabulário, a correção, revisão, identidade da obra e arte final.

A elaboração do memorial contribuiu para que cada um dos participantes refletisse sobre sua trajetória e sobre seus próprios processos, uma vez que a experiência atual não pode prescindir de experiências anteriores dos sujeitos, pois compõe suas crenças e escolhas do momento presente.

A escrita possibilitou a sensibilização para a necessidade e importância do resgate de suas histórias de vidas com a arte e percepção de que ela está mais presente na trajetória pessoal do que poderiam imaginar. E como a arte é essencial para uma educação mais humana e efetiva.

## REFERÊNCIAS

COUTINHO, Rejane. Vivências e experiências a partir do contato com a arte. In. TOZZI, Devanil; COSTA, Marta Marques; HONÓRIO, Tiago. Educação com Arte. (Série ideias n. 31). São Paulo: FDE, Diretoria de Projetos Especiais. 2004.

DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LORROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2016.

SANTOS, Gildenir Carolino. Roteiro para elaboração de memorial. Campinas: Graf. FE, 2005.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: Uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

## PREFÁCIO

Prezadas leitoras/es e prezados leitores

Tive o privilégio de ser uma das primeiras leitoras deste livro tão significativo para mim e para o campo da Arte/Educação. Desde que comecei a trabalhar com a metodologia de histórias de vida, venho buscando impregnar os campos de formação docente com essa abordagem pela potência que ela carrega e produz naquelas e naqueles que se dispõem e se comprometem com o processo de caminhar para si. Aqui e ali recebo ecos desses movimentos, mas este livro traz pela primeira vez de forma orquestrada uma sinfonia de histórias de vida com as artes.

São muitas as camadas que estão na tessitura dessa sinfonia que merecem destaque: Primeiro o processo foi gestado em um grupo de estudo, o Grupo de Estudo Arte Educação e Criação, ancorado no contexto da Educação e de um Mestrado Profissional, portanto, locais por excelência de formação; o processo foi vivenciado e compartilhado entre as e os integrantes de forma não hierárquica que se revela na organização do volume feita por parte das autoras e autores; ainda revela e deixa marcas do processo vivenciado no grupo; e traz as diferentes vozes, cada uma com sua afinação própria, revelando respeito às diferenças.

Para o campo da Arte/Educação, o compartilhamento dos processos e resultados de um exercício dessa natureza é enriquecedor, pois revela como as intrincadas experiências com as artes são imprevisíveis e singulares e por outras vias comuns a gerações, culturas e contextos sociais.

Ao compartilhar com as comunidades implicadas diretamente na recepção, sobretudo docentes e arte/educadoras/es, as histórias aqui narradas têm o potencial de instigar outros processos e, em especial, alertar as educadoras e educadores para as potentes experiências com as artes de suas e seus estudantes.

Parabéns a todas e todos que fizeram parte desta publicação!

Boa leitura aos que estão chegando!

**Professora Doutora Rejane G Coutinho**

**Professora do Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista/UNESP**

## SUMÁRIO

<b>1. Quando a arte fala alto: Trajetória de um professor de arte.....</b>	<b>12</b>
<i>Givandelson de Oliveira Aquino</i>	
<b>2. Lampejos da minha história: Vida, arte, afetos e profissão.....</b>	<b>19</b>
<i>Edilaine I F Aquino (Dila)</i>	
<b>3. Como nasce um professor: Reflexões sobre uma trajetória.....</b>	<b>28</b>
<i>Carmem Lúcia Caetano de Souza</i>	
<b>4. Construção de sentidos e significados.....</b>	<b>33</b>
<i>Helena Xavier Pires</i>	
<b>5. Minhas referências.....</b>	<b>39</b>
<i>Michael Santos Silva</i>	
<b>6. Uma jornada profissional artístico-docente: “Voz” pelas mãos, mãos pela “voz”.....</b>	<b>46</b>
<i>Fábio Junior Pinheiro da Silva</i>	
<b>7. O poder mágico da arte.....</b>	<b>52</b>
<i>Fabiana Alves de Almeida</i>	
<b>8. Uma arte educadora na educação básica.....</b>	<b>59</b>
<i>Jade Moura de Godoy</i>	
<b>9. Na estrada à companhia das artes.....</b>	<b>62</b>
<i>Ana Raquel Gonçalves Sanches</i>	
<b>10. Step, stamp e stomp: a arte que nunca imaginei!.....</b>	<b>68</b>
<i>Neila Fernanda Oliveira Fernandes</i>	
<b>11. Janelas da docência.....</b>	<b>71</b>
<i>Felipe Adriano Gomes</i>	
<b>12. Percurso docente: Conexões com a arte e a educação.....</b>	<b>76</b>
<i>Raquel Balduino da Silva</i>	
<b>13. Memórias de arte e a construção da identidade.....</b>	<b>83</b>
<i>Fernanda Macedo Costa dos Santos</i>	
<b>14. De um pulo se fez um passo: Uma trajetória pela arte.....</b>	<b>89</b>
<i>Juliane Raphael Vicente</i>	
<b>15. A arte em suas infinitas formas.....</b>	<b>95</b>
<i>Cintia dos Santos Magalhães</i>	
<b>16. As voltas que o mundo dá, a construção da identidade de uma arte educadora-pesquisadora.....</b>	<b>101</b>
<i>Juliana Marcondes Bussolotti</i>	
<b>17 Memórias: A arte e o tempo.....</b>	<b>106</b>
<i>Mariana Aranha de Souza</i>	

## QUANDO A ARTE FALA ALTO

### Trajetória de um professor de Arte

Givandelson de Oliveira Aquino

#### Uma criança que gostava de fazer arte

Nosso caminhar nos ajuda a determinar o que somos hoje. O intuito desse texto é fazer um relato da história pessoal e dos legados educacionais que determinaram minha trajetória e direcionaram a formação pessoal. A ênfase aqui recai sobre minha história de vida com a arte acumulada ao longo do tempo. Segundo Coutinho (2004):

Carregamos nossas vivências em nossa memória, mas elas só passam a compor uma história e tornam-se experiências no momento em que nos dispomos a refletir, a relacionar e a tecer nossas singularidades. Carregamos vestígios comuns ao nosso meio, ao nosso contexto, à nossa época, mas a recepção e o acolhimento dessas vivências passam por filtros de forte teor afetivo e cognitivo que os singularizam. [...] Os legados comuns nos unem, os singulares nos identificam. (COUTINHO, 2004, p. 145).

É justamente na busca pela singularidade que me lanço a encontrar em minha memória, reflexos de contato com a arte e com vivências educacionais que direcionaram meu caminhar no sentido de me tornar o que hoje sou.

Sou o terceiro filho de uma família de quatro irmãos. Meus pais são oriundos do campo e nos educaram numa perspectiva que valorizava a família e a prática religiosa. Ao migrar para cidade, meu pai fez-se ferroviário e minha mãe continuou dona de casa, assumindo assim as peculiaridades da primeira educação, a educação doméstica. Foi em um lar de família desprovida de riquezas, mas também sem grandes ambições burguesas, que fui criado. Foi aí que aprendi esperar, partilhar, respeitar a vez do outro, perder, ser paciente, mas também buscar meu espaço, fazer-me ouvir e reivindicar meus direitos.

Minhas brincadeiras de criança estavam muito ligadas ao fazer artístico. Uma das primeiras lembranças de ação performática que tenho é me vestindo com as roupas de time do meu pai e imitando os trejeitos dele no campo de futebol. Já na infância fui percebendo que não tinha muitas aptidões esportivas. Em casa, passava o tempo inventando brincadeiras que envolviam arte. Quando se tratava de algo relacionado à arte, sempre estava envolvido e com muita perspicácia.

São lembranças recorrentes os primeiros anos na escola em companhia do meu irmão um ano e meio mais velho; o uniforme composto por jardineira azul, camiseta branca e sapato conga; a lancheira com estampa de super-herói; a almofada que levávamos para não se sentar no chão; a voz delicada da professora; e as brincadeiras. Sim, a escola nesse período era um lugar para se brincar! Lembro que não chorei no primeiro dia de aula, talvez por sentir-me seguro com a presença do meu irmão, mas o que lembro mesmo é que gostava de brincar.

É também desse período a lembrança do meu primeiro contato com o universo da literatura. Recordo com certa clareza de um livro que escolhi para que a professora lesse para a turma. O livro contava a história de um peixinho que não enxergava as belezas narradas pelos outros, até que um dia um turbilhão o fez abrir os olhos e ele passa a perceber quão belo era o seu lago (hoje sei que se trata de um livro infantil chamado Peixe Pixoto de Sonia Junqueira).

O Preliminar, ano anterior à primeira série que tinha como finalidade nos apresentar o universo das letras e dos números, não era obrigatório, mas minha mãe fez questão que frequentássemos. A professora tinha uma voz doce e apresentava um carinho todo especial por mim. Ela valorizava as expressões artísticas e estava sempre inventando algo para que nós fizéssemos. Nos encorajava a não ter medo de criar. Mais tarde, quando já havia aprendido o alfabeto, gostava de juntar as letras inventando palavras, as quais pedia que o meu irmão mais velho lesse. E se em casa era aluno dos maiores, também era professor da caçula. Mal aprendia e já queria ensinar. Fui eu quem ensinou minha irmã a escrever de 1 a 100 e a distinguir o nome das cores.

Na minha cidade havia uma banda marcial que acompanhava os eventos oficiais e as procissões. Na sede dessa banda, os próprios músicos davam aula para meninos que estivessem interessados em aprender a tocar algum dos instrumentos. Eram apenas duas exigências para ingressar no programa: a disposição do postulante

em aprender, coisa que eu tinha de sobra, e a matrícula que deveria ser feita pelos pais. O meu pai achava que aquilo não era para gente como nós, segundo ele, sem talento algum, e nunca quis me inscrever. O curioso é que ele integrava uma fanfarra tocando bumbo. Mesmo assim não me dei por vencido e de maneira autodidata, passei a aprender a tocar flauta doce. Meus pais e meus irmãos, além dos vizinhos, tiveram que ter muita paciência comigo.

A música está muito presente na vida do povo nordestino e isso nos torna pessoas bastante musicais. A cidade em que nasci, conta com um relevo que a torna uma concha acústica e como morávamos no centro da cidade, era possível ouvir o som que embalava todos os eventos do ano. As músicas tocadas nas festas de carnaval, procissões, festas juninas e outras que houvesse, chegava até os nossos ouvidos. Os sons escutados durante a noite eram imitados pelos meninos durante o dia com instrumentos improvisados em uma verdadeira apoteose musical. Fosse na escola ou na rua, a busca pelo contato com a arte era uma constante.

## **Fazendo arte na escola e na igreja**

Se havia algum evento na escola que tivesse qualquer tipo de apresentação, eu sempre participava. A escola era um ambiente propício para o contato e desenvolvimento com a arte. Sobre isso, Benedetti (2004, p. 176) nos conta: “A arte pode catalisar ressonâncias fecundas no relacionamento do aluno com a escola e consigo próprios quando processos de expressão e de comunicação, significativos para os alunos, ganham o espaço escolar”. Por isso mesmo a escola tornou-se um lugar muito especial para mim nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Essa realidade mudou quando passei para os anos finais. Eu havia trocado de escola e nessa nova situação, minha relação com a arte mudou completamente. Foi aí que travei contato com a arte de maneira sistematizada no currículo escolar com o nome de Educação Artística. Para Benedetti (2004), a escola pode ser um palco de bifurcação, gerando de um lado um ambiente favorável à criação, comunicação e expressão e por outro, pode produzir a apatia. As atividades de arte propostas na escola não eram significativas e as aulas eram ministradas por uma professora que não tinha formação na área. De acordo com Marques (2014, p.25) “A arte que tivemos em nossa escolarização formal não foi significativa, se passou em branco ou como uma atividade de segundo escalão”. A Educação Artística não ajudou em nada a minha aproximação com a arte.

Na escola não encontrava mais espaço e tempo para desenvolver meu ímpeto criativo de maneira satisfatória. As atividades de Educação Artística serviam apenas para cumprir protocolos. Marques (2014) nos faz pensar sobre isso quando diz que

Embora a arte como disciplina tenha sido uma enorme conquista [...] a inclusão da arte no currículo oficial em muitos casos converteu-se no enjaulamento da própria arte. [...] A arte perdeu não somente seu glamour, o prazer e a gostosura, mas perdeu também seu potencial transformador. A arte não pode ser apenas uma disciplina a mais do currículo, engradada, à mercê da burocracia. (MARQUES. 2014, p. 79)

Foi então que encontrei na Igreja uma nova possibilidade de extravasar toda minha verve artística. Havia sempre a necessidade de alguém que cantasse ou tocasse algum instrumento para animar as celebrações, além de fazer encenações da vida dos santos ou de trechos do evangelho. Enfim a Igreja surgiu como um campo fértil para as minhas empreitadas. Foi nesse período que comecei a desenvolver um trabalho como liderança jovem na Pastoral da Juventude da Igreja Católica. Tal empenho me deu a oportunidade de aprender muita coisa enquanto líder e principalmente no universo da arte, uma vez que as ações pastorais valorizavam este campo. Não que fosse um tenro professor de outros jovens, mas creio que esse trabalho favoreceu na minha escolha futura.

Foi ainda nesse período que me aventurei a aprender a tocar violão e levar mais a sério a interpretação teatral. Tudo isso por necessidade e sem uma instrução formal. Coletivamente, íamos nos desenvolvendo à medida que íamos fazendo e aprendendo juntos. A Igreja, assim como a escola, é um bom lugar para se aprender, porque as pessoas tendem a levar em conta a boa vontade de quem está fazendo e não a qualidade artística da produção. Aos poucos passei a me dedicar com mais afinco ao teatro.

Na paróquia que frequentava, implementamos no calendário anual grandes encenações como, auto de Páscoa, a encenação da vida do santo padroeiro e o auto de Natal. Essas representações eram aguardadas pela comunidade com grande expectativa e mobilizava muitos recursos. Em um dado momento começamos a achar que aquilo era pouco e resolvemos criar um grupo de teatro no qual poderíamos tratar de temas mais gerais e não apenas ligados a fé religiosa. Passamos a ter contato com gente da cena artística local, o que nos proporcionou um ganho em termos de qualidade técnica. Meus pares enxergaram em mim sinais de um ator em

gestação e passei a receber cada vez mais papéis de destaque nas montagens teatrais. Eu não recusava qualquer papel que me fosse oferecido, mesmo fora do meu núcleo. Os horizontes iam se alargando e um grande ganho foi quando passamos a participar de festivais.

O festival é uma oportunidade de troca entre diversos artistas, promovendo ganhos para todos que participam. No primeiro festival que participamos, fui escolhido pelo público como melhor ator. Eu que jamais havia ganhado qualquer medalha no esporte, como era comum aos meus colegas, ganhei minha primeira medalha fazendo arte. Por necessidade, passei a atuar também como diretor e nessa seara tive, talvez minha primeira experiência como docente.

O diretor de teatro é também um professor e sua função é muito parecida com a função de um professor. Spolin (2005, p. 286), usando o binômio professor-diretor, indica que é possível que o diretor assuma ora um papel, ora outro conforme a necessidade na produção de um espetáculo junto aos atores: “como professor ele se focaliza no aluno-ator individualmente e nos problemas para ajudá-lo a experienciar. Como diretor, ele se focaliza na peça e em qual problema usar para dar vida a ela.” Eu tinha que fazer um diagnóstico do grupo, me planejar, escolher a melhor estratégia, aplicar exercícios, avaliar os resultados. Foi uma experiência interessante. Nessa época eu pensei em seguir um caminho profissional na arte como ator de teatro ou cinema. Mas as expectativas para um menino do agreste não pareciam promissoras. Não haveria meios e nem apoio.

O Ensino Médio foi cursado por mim em uma escola agrícola federal em regime de internato. Essa escola contava com bastante recursos e tinha fama de ter uma boa qualidade de ensino. As aulas de arte aconteciam em um complexo composto por um amplo ateliê, sala de projeção, jardim externo, auditório e anfiteatro. O professor dessa disciplina percebeu meu interesse pela área, principalmente pelo teatro e continuou contando comigo durante todo período do curso.

Nessa escola voltei a me envolver com as atividades artísticas como ocorria nas primeiras séries dos anos iniciais. Aquele foi realmente um período de muito aprendizado na minha vida e é daí que advém a maior parte de minhas referências do que é ser um bom professor. Talvez isso tenha a ver com o que Tardif e Raymond (2000, p. 126) denominam de saberes da formação pré-profissional: “uma boa parte do que os professores sabem sobre o ensino, sobre os papéis do professor e sobre como ensinar provém de sua própria história de vida, principalmente de sua socialização enquanto alunos”. Isso acontece porque, o período escolar possibilita uma constante observação dos professores, elaborando saberes que se relacionam com os saberes acadêmicos do futuro professor.

## **Uma pausa na vida artística e educacional**

Quando concluí o Ensino Médio, optei por fazer voluntariado em uma rede de fazendas de recuperação de dependentes químicos. Inicialmente, fui encaminhado para uma unidade localizada no estado do Maranhão, depois fui transferido para uma filial daquela instituição na Alemanha. Retornei ao Maranhão e de lá fui transferido, desta vez para o estado de São Paulo, no Vale do Paraíba. Nessa jornada, pude contribuir com a formação de lideranças e com os eventos artísticos. Nesse período, cursei Filosofia, e desenvolvi uma pesquisa com fotografia.

Aparentemente, os acontecimentos narrados acima não têm relação com a minha escolha pela profissão docente, entretanto, tais fatos podem ser considerados aquilo que Sá (2004) chama de “incidentes críticos”. Para ela,

(...) incidentes críticos são considerados aqueles acontecimentos cruciais ou sucessos chave que determinam decisões e rumos nas trajetórias profissionais ou na própria vida. Referem-se, portanto, a momentos marcantes e, frequentemente, são identificados como momentos de crise que provocam a mudança de uma etapa a outra. (SÁ e ALMEIDA. 2004, p. 5).

Assim, após cinco anos de trabalho voluntário, decidi que era hora de retornar para minha antiga paixão: a arte.

## **Juntando arte e ensino**

Fui convidado a expor meu trabalho com fotografias na galeria de arte de uma Faculdade no interior do estado de São Paulo. Estar naquele ambiente era como voltar para casa. Aquilo era tudo que eu queria para minha vida: estar envolvido com a arte de maneira genuína, era como reencontrar uma antiga paixão e tudo que

eu queria era ir para lá o quanto antes. Deixei tudo para trás e ingressei na Faculdade de Educação Artística.

Minha escolha inicial foi pela arte e não pelo magistério. Essa questão está de acordo com o pensamento de Machado (2009), quando diz que nem sempre a escolha pela profissão ocorre pela identificação com a profissão docente, mas que pode haver no trajeto, uma identificação, fazendo com que o profissional construa sua carreira. As atribuições não demoraram a aparecer e as chances de que essa aventura desse certo eram poucas. Muitas vezes pensei em desistir e retornar à casa de meus pais, contudo, o apoio dos novos colegas me incentivava a continuar. Uma colega em especial me indicava possibilidades e assim fomos nos aproximando ao ponto de anos mais tarde, decidirmos levar uma vida a dois, tornando-nos na vida, no trabalho, nos estudos e na luta por uma educação de qualidade.

Como estudava em uma faculdade particular, precisava trabalhar para pagar as mensalidades. Logo consegui pegar algumas aulas em oficinas de teatro e música em escolas integrais de uma rede pública. Mesclava conhecimentos adquiridos na graduação com convicções que trazia da minha experiência. Carlos Marcelo (2009) explica que os professores iniciantes constroem sua identidade docente de modo progressivo e que em suas primeiras práticas reproduzem crenças já obtidas sobre a profissão.

Enquanto ainda estava na graduação, tive a oportunidade de dar aulas de arte em escolas da rede de um outro município. Em cada dia da semana eu ia em uma escola diferente. Como não havia um direcionamento por parte da Secretaria de Educação, eu podia escolher qual linguagem da arte ensinaria em cada uma das escolas. Assim, pude experimentar como seria uma aula de teatro, de música, de dança ou de artes visuais. Essa minha ousadia rendeu frutos imediatos e logo fui chamado para ministrar oficinas de arte para as professoras generalistas, além de participar como oficinheiro da semana pedagógica daquela rede.

Os conhecimentos que ia adquirindo, tanto na academia quanto na prática, já os podia socializar. Eram saberes docentes nas diferentes dimensões como apontam Tardif e Raymond (2000) que os saberes do professor vão incorporando experiências novas, conhecimentos adquiridos em pleno processo, em função das mudanças de prática e de situações de trabalho.

Enquanto ainda estava na graduação, fui aprovado em um concurso para professores na rede estadual de ensino. Na época, eu ainda relutava em ser professor.

## Nasce um professor

A decisão de ingressar no funcionalismo público como professor de arte não foi uma decisão fácil. Eu ainda não estava certo de que era isso que eu queria para mim, mesmo assim resolvi enfrentar. Assumi as aulas como professor de arte dos anos iniciais em um bairro tranquilo de uma cidade relativamente grande no Vale do Paraíba que eu nem conhecia.

Logo contei com a simpatia da equipe gestora, das professoras e principalmente dos alunos. Entendi que estava verdadeiramente ingressando na carreira docente. Mesmo que já tivesse uma experiência anterior como professor, agora era tudo diferente: a rotina, as relações, as responsabilidades, a burocracia, as cobranças, o planejamento. Este período parece estar de acordo com o que Huberman (1992, p.39) entende como a entrada na carreira. Para ele: “O aspecto da ‘descoberta’ traduz o entusiasmo inicial, a experimentação, a exaltação por estar finalmente, em situação de responsabilidade (ter a sua sala de aulas, seus alunos, o seu programa), por se sentir colega num determinado corpo profissional.” A nova condição de professor efetivo trouxe certa satisfação, porém alguns desafios. Como diz Marcelo (2009), as tarefas do professor iniciante são as mesmas do professor experiente, sendo que os novatos ainda precisam adquirir várias outras habilidades.

Os primeiros meses nessa nova realidade foram um misto de entusiasmo e desencanto. Se por um lado ficava satisfeito ao ver meus alunos aprendendo e gostando das aulas, me sentir parte de um grupo, compartilhar saberes com os colegas de profissão ou mesmo poder ganhar um salário razoável; por outro lado, fatores pessoais como a solidão, o medo do futuro, as incertezas me faziam questionar a permanência na carreira. Estes sentimentos estão em consonância com as ideias de Nono e Mizukami (2006) quando dizem:

O elemento de descoberta tem a ver com o entusiasmo do iniciante, com o orgulho de ter sua própria classe e fazer parte de um corpo profissional. Sobrevivência e descoberta caminham lado a lado no período de entrada na carreira. Para alguns professores, o entusiasmo inicial torna fácil o início na docência; para outros, as dificuldades tornam o período muito difícil. (NONO e MIZUKAMI, 2006, p. 2).

Aos poucos fui aceitando que ser professor era um caminho possível. Então passei a assumir a escola como “minha”, tornei-me querido pelos colegas e pelos alunos, passei a elaborar métodos próprios de ensino,

enfim estava me identificando como professor e segundo Marcelo (2009, p. 123): “A motivação para ensinar e para continuar ensinando é uma motivação intrínseca, fortemente ligada à satisfação de conseguir que os alunos aprendam, desenvolvam capacidades, evoluam, cresçam”.

Foi importante para minha satisfação profissional as visitas a exposições e as apresentações que passei a fazer com meus alunos, quando propunha apresentações que fossem elaboradas a partir do conteúdo que estava ensinando em sala de aula. Com essas ações estava colocando em destaque tanto o processo de produção, quanto o resultado da produção dos alunos, questão que é motivo de debates no ensino de arte, pois como defende Marques (2014), é necessário fazer com que os estudantes sejam os protagonistas dos processos de ensino e aprendizagem de arte, sem descuidar da qualidade dos produtos e do conhecimento processual, ou seja, os papéis essenciais do processo e do produto numa relação dialógica no ensino de arte.

Passei a produzir trabalhos artísticos para ensinar certos conceitos estéticos aos meus alunos. Eu estava me tornando um professor/artista, ideia defendida por Marques (2014). Segundo a autora, o professor deve ser ele mesmo uma fonte de produção artística e fruição estética presente na escola, incentivando e valorizando, assim os talentos artísticos e pedagógicos do professor. A essa altura já estava mais seguro enquanto professor e demonstrava certo domínio na docência. Esse período ilustra bem o que dizem Nono e Mizukami (2006):

Com o passar do tempo, conforme evolui na carreira docente e enfrenta os acontecimentos que marcam sua trajetória nas escolas onde atua e nas classes em que leciona, grande parte dos professores iniciantes desenvolve maior segurança e domínio sobre seu trabalho cotidiano e sobre as situações em que transcorre, passando a sentir-se mais confortável diante das exigências da profissão e da tarefa de ensinar. (NONO e MIZUKAMI, 2006, p. 2)

Meus primeiros anos como professor no ensino regular me fizeram ver que muito pouco havia aprendido sobre como ensinar arte. Que o curso de licenciatura não havia me preparado para atuar na sala de aula. Percebi quão grande era minha deficiência. Talvez por isso, fui me tornando um professor pesquisador, procurando meios de lidar com os conteúdos a ser ensinados. Como diz Marcelo (2009, p.120) “o conhecimento didático do conteúdo inclui a forma de organizar os conteúdos, os problemas que surgem, a adaptação aos alunos com diversidade de interesses e habilidades”. Para Huberman (1992) à medida que o professor vai ficando mais à vontade com o plano pedagógico e com os conteúdos, ele é tomado por um sentimento de segurança e de descontração.

Após um período como professor apenas na rede estadual, assumi paralelamente turmas de atividades do contraturno em uma escola da rede municipal. Depois de dois anos com essa jornada, fui contratado por uma grande escola particular. Apesar de contar com uma estrutura muito boa e salas especiais para as aulas de Arte, a escola não valorizava esse componente.

Neste colégio eu tinha que produzir e adaptar todo o material que era usado nas aulas. O salário era bom e eu gostava de trabalhar nessa escola, mas ao final de cinco anos de trabalho na instituição fui dispensado, pois o que eles esperavam era muito diferente daquilo que eu estava propondo enquanto ensino de arte. A minha prática valorizava a reflexão, mas a escola achava que esse não seria o papel da arte. Essa experiência me proporcionou uma perspectiva diferente, entretanto, mesmo com as vantagens encontradas no ensino privado, não quis mais me aventurar em escolas particulares por acreditar que no ensino público teria mais condições de contribuir.

Parte do período que passei como professor na escola particular, acumulei função como professor coordenador pedagógico numa escola estadual. Nessa função pude ter contato com práticas pedagógicas de outros professores que eram bem sucedidas. Pude ver que muitas vezes o que o professor precisa para realizar um bom trabalho é apenas o apoio. Acompanhar fora da sala de aula as práticas pedagógicas que aconteciam na escola foi um privilégio. Mas também vi como o trabalho do coordenador pedagógico é burocrático e que muitas vezes não encontra espaço para criatividade e construção coletiva do conhecimento.

Minha experiência como coordenador contraria as pesquisas de Marcelo (2009) que revelou que quando o professor sai da sala de aula, não volta mais. Como havia passado no concurso público da rede municipal, não havendo como combinar os horários, optei por sair da coordenação e ficar com aulas nas duas redes, estadual e municipal.

Com a efetivação na rede municipal se inaugurou uma nova fase na minha carreira. Me vi diante daquilo que pode se assemelhar com o que Huberman (1992) chama de fase da diversificação. Nessa fase, os professores experimentam diferentes possibilidades didáticas, modelos de avaliação, agrupamento de alunos, entre outras coisas. Me sentia motivado, me empenhava mais nas atividades da escola. Havia o medo de cair na rotina.

## Novas possibilidades

Mesmo me considerando um professor que procura se formar e se informar, fazendo leituras por conta própria e cursos de formação continuada que me eram oferecidos pelas instituições, fiquei por muito tempo distante da academia. Já se passara longa data desde a minha graduação. Foi então que resolvi voltar aos estudos acadêmicos. Julgando necessário ao plano de carreira, cursei, como segunda licenciatura, o curso de Pedagogia. Escolhendo me aprofundar nos conhecimentos da minha área de atuação, fiz especialização em Arte e Educação.

Olhando para uma lacuna do passado, fiz especialização em Educação Musical. Concebendo a probabilidade de voltar a atuar como orientador, fiz especialização em Alfabetização e Letramento. Querendo saber mais sobre o ensino, fiz especialização em Docência da Educação Básica. Pensando na possibilidade de me tornar professor na graduação, fiz especialização em Docência do Ensino Superior.

Acima de tudo sou professor e professore de Arte. Essa trajetória mostra o que pode acontecer quando a arte fala mais alto.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. Memorial, instrumento de investigação do processo de constituição da identidade docente. Contrapontos - volume 4 - n. 2 - - Itajaí, maio/ago. B2004. p. 283-292.

BARBOSA. A. M. T. B. A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BENEDETTI, S. A arte na produção da cultura da escola. Vivências e experiências a partir do contato com a arte. In. TOZZI, Devanil; COSTA, Marta Marques; HONÓRIO, Tiago. Educação com Arte. (Série ideias n. 31). São Paulo: FDE, Diretoria de Projetos Especiais. 2004.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Ministério da Educação, 1996.

COUTINHO, R. Vivências e experiências a partir do contato com a arte. In. TOZZI, Devanil; COSTA, Marta Marques; HONÓRIO, Tiago. Educação com Arte. (Série ideias n. 31). São Paulo: FDE, Diretoria de Projetos Especiais. 2004.

DEWEY, J. Arte como experiência. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

FALSARELLA, Ana Maria. Os estudos sobre a cultura da escola: forma, tradições, comunidade, clima, participação, poder. Educação e Sociedade, Campinas, v. 39, nº 144, p. 618-633, jul-set, 2018.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). Vidas de professores. Portugal: Porto Editora, 1992.

MACHADO. I. M. Coelho. Professores e sua escolha pela docência. Anais do Congresso Nacional de Educação. EDUCERE, 2009. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26695\\_13326.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26695_13326.pdf). Acesso em: 21 ago 2020.

MARCELO, C. A identidade docente: constantes e desafios. Formação docente. Belo horizonte, vol.01, n.01, p. 109-131, ago.- dez. 2009.

MARQUES, I A; BRAZIL, F. Arte em questões. São Paulo:Cortez,2014.

MOUTINHO, K; CONTI, L. Análise Narrativa, Construção de Sentidos e Identidade. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, v. 32, n. 2, e322213, 2016. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722016000200216&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722016000200216&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 21 ago. 2020. Epub27-Out-2016. <https://doi.org/10.1590/0102-3772e322213>.

NONO, M. A.; MIZUKAMI, M. G. N. PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORAS INICIANTES. R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 87, n. 217, p. 382-400, set./dez. 2006. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt08-1868-int.pdf>. Acesso em: 23/05/2020.

SÁ, M. A. A. S.; ALMEIDA, L.R. Devolutiva de entrevistas: o biograma na pesquisa em educação. Revista Psicologia da Educação. São Paulo, n. 19, 2004.

SEVERINO, A. J, Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2000.

SPOLIN, V. Improvisação para o teatro. São Paulo: Perspectiva, 2004

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. Educação & Sociedade, n. 73, Dezembro/2000.

## LAMPEJOS DA MINHA HISTÓRIA: Vida, Arte, Afetos e Profissão

Edilaine Isabel Ferreira Aquino

Figura 1 – Colagem digital em Mulher no espelho de Picasso.



Fonte: Adaptação do autor

Na imagem colagem digital adaptação da obra em Mulher em frente ao espelho do artista Pablo Picasso, a personagem está diante de um espelho, em pé e com os braços esticados que parece estar junto com o espelho ou fazendo parte dele. Os corpos parecem estar deformados, diferentemente do rosto que demonstra certa perfeição. Percebe-se uma sensação de confusão, pois tanto dentro ou fora do espelho a personagem é representada tendo duas caras, uma feliz e a outra séria. Contempla-se ao mesmo tempo em que observa o espectador.

A obra para mim representa a revelação do espelho, momento de reflexão interior, extraindo de dentro do espelho páginas viradas e até mesmo apagadas, tornando-as claras e vibrantes.

As palavras apresentadas neste memorial são frutos desse olhar para o espelho. São lampejos, fragmentos de uma vida que tinha tudo para que a deformação tomasse conta da personagem, destruindo ou confundindo a face feliz existente.

De acordo com André (2004, p. 3) o memorial “é um documento pessoal do tipo diário em que o professor registra reflexões e sentimentos sobre o próprio trabalho”. Diante do exposto, esse instrumento possibilita repensar a história de vida, analisar o percurso de atuação na educação, auxilia na interpretação de muitos fatos vividos que são essenciais para a construção da identidade profissional.

Sou originária de uma família muito simples e batalhadora. Fui educada na cultura cristã evangélica na qual a música é algo muito importante. Muitas igrejas evangélicas investem na educação musical dos membros, mesmo que de maneira tradicional. Minha mãe sempre foi cantora de coral na igreja. Meu pai aprendeu a tocar clarineta no período que prestava o serviço militar e atuou por muito tempo como músico na orquestra da igreja. Diante desta cultura familiar e religiosa, eu e meu irmão fomos incentivados a aprender os a linguagem musical.

Foi na igreja que tive a oportunidade de desenvolver algumas habilidades, como cantar e aprender a tocar. Era uma diversão cantar no grupo das crianças! Tinha facilidade em memorizar as músicas e as coreografias. Outra experiência prazerosa vivenciada na igreja eram os ensaios para apresentação de teatro de Natal e os encontros de férias com atividades e brincadeiras para crianças. Nessas atividades de férias na igreja com frequência era dado como levar o maior número de amigos para participar da programação. Eu sempre ficava entre os finalistas. Em uma das vezes, ganhei em primeiro lugar porque consegui levar 21 crianças do meu bairro. A lembrança que tenho desse dia, era a nossa dificuldade em andar pela calçada de mãos dadas para chegar à igreja. Não havia adultos nos acompanhando no percurso. Eu era a responsável daquele grupo no alto dos meus 10 anos de idade.

Em relação as brincadeiras, ah! isso sim era algo do meu maior interesse. O importante era brincar e não importava com quem. A rua onde se localizava minha casa, apesar de ser considerada uma estrada, a famosa

Estrada Velha Rio São Paulo era território livre e propriedade exclusiva das crianças e espaço das muitas brincadeiras vivenciadas com as minhas primas e vizinhos. Tenho boas lembranças de brincar de esconde-esconde, andar de bicicleta, bandeirinha, taco, elefantinho colorido, “que cor?” cantigas para pular corda: “Um homem bateu em minha porta e eu, a-bri!”... A melodia dessa brincadeira ainda soa nos meus ouvidos com os diferentes timbres das crianças que cantavam.

Além da nossa rua, havia dois outros espaços que eram palcos das brincadeiras, ou seria palcos dos sonhos que as crianças constroem e vivem com os olhos abertos? O primeiro palco era o quintal da casa da minha avó. Como eu achava aquele quintal enorme! Os pés de limão, laranja, ameixa e chuchu eram o cenário que se transformava a cada cena criada. Já o segundo palco acontecia no quintal da casa da minha prima, ali fazíamos nossos shows, com danças e atrações. E tem um detalhe, vendíamos até ingressos, para quem quisesse participar. Com o dinheiro do ingresso minha prima comprava doces e balas, que eram as premiações para aqueles que aceitavam fazer parte das atrações.

Em nossa casa, apesar de muito simples e pequena, tínhamos muitos livros e LPs. Meu pai gostava de música erudita, instrumental, cívica e alguns cantores da MPB, como Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Gilliard, Fábio Jr. e músicos do cancionário internacional como Júlio Iglesias e Perla. Ouvíamos os LPs em uma sonata compacta, que eu achava linda, parecida com uma maletinha. Também fazia parte do nosso repertório cultural, assistir filmes na televisão, e quando chegava um filme novo no cinema, como os Trapalhões e Mazzaropi, era o passeio do final de semana.

Meu pai tinha um fusca que transportava umas sete pessoas nas viagens. Ele era o motorista, minha mãe, minhas tias, meu primo, meu irmão e eu, todos dentro desse carro. Eu adorava os passeios à praia! E não me recordo de reclamar em viajar no aperto, mas o cheiro da serra do mar, esse sim me recordo, era maravilhoso! No meio do percurso havia uma parada para as fotos no mirante. Como era prazeroso olhar lá do alto o mar! Eu não saberia explicar o que eu sentia ao observar a imagem daquele lugar imenso! Hoje sei que era estesia e sinestesia, a capacidade de perceber belezas e quando essas belezas nos atravessam provocando sensações em nosso corpo.

Algo interessante dessas viagens, eram as fotografias tiradas durante o percurso e que só eram reveladas posteriormente. Abrir o envelope quando chegava do estúdio e tocar nas fotos evitando marcar com as digitais era um desafio. Depois organizá-las em ordem no álbum. Rir daquelas que o enquadramento não contemplava as pernas ou as cabeças. Ficar triste quando algumas saíam manchadas. Rever os momentos e se divertir com as expressões inesperadas capturadas pelas lentes das câmeras.

**Figura 2-** Parada para foto no Mirante da serra do mar. 1983



**Fonte:** Arquivo pessoal

As artes sempre estiveram presentes na minha vida, mas eu não tinha essa consciência, e a igreja foi efetiva na construção do meu repertório artístico, muito mais do que a escola. Eu nunca fui habilidosa com desenhos, não tenho sequer lembranças marcantes deles em minha educação escolar, mas na igreja sim. Lembro-me que houve um concurso para escolha de uma arte que representasse o tema do Congresso dos jovens na igreja daquele ano. Quem quisesse participar deveria encaminhar a organização do evento um desenho sobre o tema, e o primeiro lugar faria parte da arte do convite e faixas de divulgação do congresso. Como dito, em minha casa havia muitos livros, em um deles havia a imagem de uma estátua de um homem com a mão no queixo, olhando para baixo. Eu não sabia que aquela estátua se tratava da obra do artista Rodin, sob título O pensador. Olhei para a imagem e então pensei: é isso! Reproduzi em uma folha e enviei para a equipe organizadora. O meu desenho ficou em primeiro lugar, pois a ideia atendia ao tema do congresso, uma vez que o tema se tratava de uma frase interrogativa: Onde está o teu Deus? Sendo assim, um “homem pensando” se configurou como uma excelente opção.

Acredito que a experiência estética pode nos acontecer em situações corriqueiras que vão sutilmente nos abraçando sem que percebamos sua importância e sentido. Sobre isto, considero que os programas de rádios ouvidos por minha mãe toda tarde na rádio local, como por exemplo o programa sobre histórias de vidas do locutor Eli Correia serviu como estímulo à imaginação. Ouvir aquelas histórias eram o exercício para criar em minha mente as cenas e todos os cenários das situações vividas pelos personagens. Essa experiência ajudava a compor a paisagem sonora dos meus dias.

A minha infância também foi nutrida pela cultura caipira, apresentada a mim pelo meu avô paterno, mesmo que fosse avô de consideração. Ele gostava de ouvir as músicas caipira raiz, morava em área rural, criava cavalos e aos sábados era charreteiro na feira. O meu avô materno, por sua vez, que vivia na cidade, mas oriundo do campo, era carregado da cultura do homem da roça. Esse era um alegre criador de trovas sobre as agruras da vida.

A minha vida sempre foi um misto de experiências, entretanto, a minha escolha em cursar a graduação em bacharelado em saxofone se deu porque havia aprendido a tocar esse instrumento na igreja. Considero que a Igreja teve um papel marcante na minha educação, uma vez que favoreceu para eu desenvolver o hábito de manter regularidade em práticas e treinamentos, bem como o estabelecimento de rotina.

A faculdade na qual cursei o bacharelado também oferecia o curso de Educação Artística. Deste modo, durante as aulas na graduação do bacharelado nós, estudantes de música, realizamos vários trabalhos com os colegas da licenciatura em Educação Artística e, de certa forma, esta ação foi me afetando, tornando cada vez mais forte o meu interesse por um caminho mais plural. A percepção sobre o meu perfil para as artes trouxe nitidez de que eu não mais gostaria de atuar como instrumentista.

Por ser uma pessoa determinada, decidi continuar os meus estudos e concluir o curso de Bacharelado, porém no ano seguinte estava matriculada no curso de Educação Artística. Os melhores momentos vivenciados na graduação foi o período de estudo na licenciatura. O curso proporcionava aos alunos a vivência prática em dança, teatro, música e artes visuais, o que muito corroborou para a minha atuação docente futura. Neste período conquistei boas amizades onde pudemos estudar e compartilhar experiências, inclusive entre essas amizades um amigo muito especial, meu confidente que anos depois se tornou meu esposo, pai da minha filha e meu parceiro em muitos trabalhos educacionais.

Antes mesmo de concluir o curso de Bacharelado, atuei alguns meses como professora eventual na escola em que concluí o Ensino Fundamental e Médio. No ano seguinte, já matriculada no curso de licenciatura em Educação Artística, retornei na mesma escola e comecei a lecionar como professora eventual novamente e logo chegaram as novas propostas de trabalho, dentre elas uma escola da rede particular.

Aceitei o desafio de lecionar arte e música no seguimento da Educação Infantil. As aprendizagens neste período foram intensas. Atendia alunos que estavam aprendendo a falar a língua materna, mas entre eles haviam filhos de pais estrangeiros que além da língua materna, deveriam aprender uma segunda língua, o idioma português. Eu, como professora iniciante precisaria dominar as maneiras de ensinar música e artes separadamente, pois assim o colégio dividia o componente. Isso confirma com o pensamento exposto por Marcelo (2009, p. 19), em que “o Conhecimento Didático do Conteúdo aparece como um dos elementos centrais do saber do formador”, ou seja, eu necessitava do conhecimento didático e pedagógico, essencial para a ação docente, coisa que não havia aprendido na graduação. A experiência prática do ensino de música que a faculdade oferecia não se adequavam às exigências daquela faixa etária e por outro lado ensinar a linguagem musical da forma tradicional como eu fui ensinada, provavelmente não atingiria as crianças, causando talvez repulsa nos pequenos alunos. Por isso tive que buscar outras alternativas.

Conforme expressa Tardif (2000), posso dizer que os primeiros seis meses de atuação docente naquele ano foram de muitos erros e acertos, porém para mim entusiasmador. Vivenciei o que afirma Huberman (1992) sobre o “entusiasmo” inicial, sentindo-me responsável socialmente por meus alunos mais ainda por fazer parte de um corpo profissional de um excelente colégio. Diante deste compromisso, no meio do semestre, nas férias de julho, me inscrevi em um curso intensivo em São Paulo sobre o método de musicalização Kodály<sup>1</sup>. Esta foi a primeira de muitas formações paralelas aos estudos na graduação que precisei buscar para ter repertório e didática no intuito de melhorar meu modo ensinar. Em relação ao ensino das artes visuais foi mais tranquilo. As informações nessa área são mais acessíveis. Contudo, foi necessário realizar muitas pesquisas para conhecer melhor esse campo.

De acordo com Shulman (2014), um professor transforma o seu entendimento do conteúdo por meio de formas, ações e representações para que os alunos aprendam. As ações, as representações e o discernimento sobre os processos pedagógicos foram por mim vivenciados paralelos à minha atuação docente neste colégio, mas também em outras instituições de rede pública, como municipal e estadual.

Conforme relatado, o início da minha carreira foi intenso com muitas frentes de trabalho, e assim permaneceu por muito tempo. No ano de 2006 fui efetivada no concurso público da rede estadual, mas vaga disponível eram em uma escola da periferia de um município da grande São Paulo. Assim passei a transitar na rotina semanal por três realidades diferentes: na rede estadual estava com aulas nos Anos Finais do Ensino Fundamental, na rede municipal com aulas na EJA e na rede privada com aulas na Educação Infantil.

No ano 2008 fui também efetivada como professora de arte da rede municipal e precisei fazer uma escolha, deixando as aulas do colégio da rede particular para poder me ajustar à nova realidade com uma carga horária ampliada e lecionando em duas escolas de redes distintas. A essa altura, já havia conseguido remoção para uma escola na minha cidade. Essa fase pode muito bem ser caracterizada de acordo com o que Huberman (1992, p.40), caracteriza como fase da estabilização. Segundo ele: “Em termos gerais, trata-se, a um tempo, de escolha subjectiva (comprometer-se definitivamente) e de um acto administrativo (a nomeação oficial).” A essa altura já se completava quase sete anos de caminhada e avanços na profissão.

Estava, dia após dia, buscando o aprimoramento de algumas das sete categorias teóricas do conhecimento propostas por Shulman (1987), conforme expõe Almeida et. al. (2019), tais como: elaboração de diferentes planos de ensino para anos e seguimentos variados, compreensão dos currículos das diferentes instituições, conhecendo os aprendizes e suas características, lecionando em escolas de redes diferentes com diversas gestões.

Nesta fase da minha carreira, estava mais segura em relação às proposições do ensino do componente Arte e já havia lecionado em todos os seguimentos: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos, Ensino Médio e em projetos especiais. Um dos aspectos que me afetou a buscar a profissão docente foi a possibilidade de ser um agente de transformação social, ofertando aos alunos a experiência estética nas diferentes linguagens da arte: música, dança, teatro e artes visuais, mesmo não sendo especialista em todas elas.

Vale sublinhar que não é fácil lecionar sobre as artes, pois é um universo mutante de possibilidades, mas é possível, desde que entendemos o objetivo do ensino para a educação básica. Quando temos a oportunidade de trabalhar em uma mesma escola por vários anos, conseguimos ver os frutos do ensino e das experiências que os alunos vão adquirindo. Nesse aspecto, a minha atuação na escola estadual favoreceu essa percepção.

A escola em que me estabeleci como professora efetiva na rede estadual está localizada em um bairro periférico com inúmeros problemas familiares e socioeconômico. Nesse ambiente passei a construir um trabalho em parceria com a professora de educação física. Como atuávamos com os anos iniciais, conseguíamos fazer um horário propício para os nossos trabalhos que eram pensados em conjunto. Apesar de todas as dificuldades que vivenciávamos, era uma delícia adentrar na escola e ver as crianças se preparando para entrar nas salas e ouvi-las dizendo o meu codinome “- A professora Dila chegou!” com os lindos sorrisos banguelas nos rostos e com os olhos cintilando.

---

1 O Método Kodály é uma metodologia pedagógica musical para crianças, desenvolvida com base no trabalho do educador e músico húngaro Zoltán Kodály. Kodály acreditava que o estudo de música com as crianças devia partir das canções folclóricas e dos conhecimentos musicais que podiam ser explorados em seu estudo e através da música.

**Figura 3** – Aula de Arte. 2007



**Fonte:** Arquivo pessoal.

Existia resistência diante de proposta que não é comum? Sim. Não é passe de mágica, é a conquista dia a pós dia. Mas aos poucos os alunos vão entendendo que a aula é um jogo, o jogo é gostoso e que aprender é divertido. E mais ainda, que aprender arte é direito, não precisamos gostar de tudo, mas é importante conhecer, pois faz parte da vida e do desenvolvimento.

Assim foi a minha escolha pedagógica, entender os currículos de cada instituição e as normativas que orientam o ensino de arte. Adaptar os conceitos e conteúdos às diferentes realidades e classes sociais. Vivenciar as mudanças, estudar os novos documentos que foram surgindo, aprendendo e me reinventando muitas vezes nos erros e acertos.

No ano de 2010 fui convidada para trabalhar em um programa da rede municipal, no qual foi possível lecionar uma modalidade específica da linguagem musical – o canto coral. Neste trabalho atuei por quatro anos. Os alunos participavam do projeto por opção. Além de toda vivência prática do canto coletivo nas aulas que aconteciam na escola, haviam espaço para experiências educativas por meio de apresentações em diversos locais na cidade, além de viagens para outros lugares para apresentações e participação em festivais. Cada vez mais envolvida com os projetos da rede municipal, optei por concentrar nela minha atuação, abrindo mão do cargo na rede estadual.

**Figura 4** - Apresentação do Coral. 2012



**Fonte:** Arquivo pessoal.

Um tempo depois, no ano de 2014, participei de processo seletivo interno da rede municipal e fui aprovada, passando a atuar na função de orientadora de ensino de arte. Iniciei na função em momento de intensas mudanças na rede, como a implantação de novos recursos e aparatos tecnológicos nas escolas para uso dos docentes, os estudos da pedagogia social e inserção da matriz de arte que propunha a aprendizagem oferecendo o acesso a várias linguagens da arte aos alunos. Muitos dos professores de arte da rede, agora sob minha orientação, não se sentiam confortáveis em propor atividades assim. Como eu havia me aventurado a planejar, enquanto professora, aulas contemplando as diferentes linguagens da arte, pude ajudá-los a ampliar o olhar.

Diante destas necessidades, realizei algumas ações formativas com boas parcerias, que favoreceram mudanças no ensino de arte da rede, com entidades culturais públicas e privadas do município e artistas locais. Diante deste movimento, foi nascendo a formadora, desenvolvendo os novos saberes pertinentes ao orientador, tais como: conhecimento das características no novo público, que não eram mais estudantes e sim profissionais graduados com suas histórias de vidas e percurso profissional; os interesses da instituição, a mediação entre a necessidade de aprendizagem (currículo) e o professor; as atribuições dos diferentes atores no âmbito educacional de rede e o meu papel diante das incumbências profissionais nesta esfera.

Experiencie momentos de estudos potentes e afetivos que me atravessaram, colaborando para minha afirmação na função e como profissional da educação pública. E um dos momentos mais marcantes foi vivenciar as formações oferecidas para equipe técnica da rede, que contaram a assessoria de uma universidade pública do estado, me provocando a pensar sobre o meu empenho na defesa da escola como uma questão pública e bem comum. A foto a seguir apresenta parte da equipe técnica após um dos encontros formativos juntamente com o secretário de educação, secretária adjunta, coordenadora, técnicos de um núcleo de acompanhamento as escolas e os assessores da universidade parceira.

**Figura 5** - Encontro para estudos da equipe técnica. 2016



**Fonte:** Arquivo pessoal

Desta forma, foi possível construir um percurso formativo com as equipes das escolas, tendo como coluna dorsal a arte e um viés humanístico, favorecendo a reflexão e estimulando a construção de um Projeto Político Pedagógico efetivamente participativo e singular de cada escola. Os professores eram incentivados a apresentar suas experiências em Seminários de Boas Práticas. As visitas em que realizávamos nas escolas tinham como princípio ouvir todas as vozes, fossem alunos, professores e gestão. E por fim, muitas ações passaram a acontecer: mediação cultural, cursos e estudos para que os professores fossem protagonistas das suas práticas educativas.

Em outro momento da minha experiência como orientadora de ensino e como criadora então atravessada pela concepção de educação democrática, foi quando tive a oportunidade de propor aos professores de arte estudos sobre processos criativos em horários de trabalho coletivo específico de arte. Os professores que aderiram a proposta tinham momentos de troca e tempos para desenvolver ou continuar alguma produção artística. Os trabalhos que resultaram desta ação foram reunidos em uma exposição coletiva dos professores artistas da rede com o título Pitaccium. Toda a expografia e curadoria da exposição foi decidida coletivamente pelos

professores, inclusive a produção de material educativo da mostra. Este trabalho aconteceu no espaço onde são oferecidas as formações para educadores, ficou aberto para apreciação nos dias de formação continuada para todos os professores da rede. Para as visitas foram organizadas equipes que tinham a função de acolher os grupos para visita e propor a mediação ao espaço expositivo.

**Figura 7** – Mediação de grupos - Exposição Pitaccium. 2017



**Fonte:** Arquivo pessoal

Essa proposta formativa tinha o objetivo de incentivar a criação do arte educador, valorizar o artista docente, a descolonização do ensino de arte e a vivência da mediação cultural dos propositores. Conforme Aquino (2017), a ideia da proposta era disponibilizar tempo e espaço para que o professor criasse, pesquisasse e buscasse novos sentidos na ação educativa.

Não almejei atuar na função como orientadora de ensino de arte, tampouco fazia parte dos meus planos de carreira exercer qualquer função burocrática, porém, posso afirmar que esta experiência de trabalho profissional me afetou e favoreceu a construção da minha identidade profissional, modificando crenças e ampliando o olhar.

A nossa história pessoal está impregnada na ação docente presente, pois pensamos com a nossa vida, com aquilo que vivemos e fomos afetados. Deste modo, considero minha história de vida, que ainda está em construção e movimento, o fundamento para o que sou e como atuo como profissional.

Portanto, o professor precisa ter claro o conhecimento da trajetória para posicionar-se conscientemente do seu papel na educação. Ao arte educador é necessário compreender a importância de entender-se como sujeito inserido na cultura, no reconhecimento da própria identidade, ou seja, das suas raízes e estar em constante reflexão, atento as experiências que o afetam, pois elas são os princípios da atuação profissional. E assim sigo na lida e na luta nos diferentes espaços de atuação como arte educadora.

Figura 8 – Programa #To de férias sobre o Parque da Cidade de São José dos Campos



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=L1I\\_JeTL90s](https://www.youtube.com/watch?v=L1I_JeTL90s)

Acredito que a história está inacabada, que este instrumento, tipo diário reflexivo, conforme expressa André (2004), ainda terá outros lampejos para complementar a obra. Com certeza novos afetos serão vivenciados e logo estarão registrados nas novas páginas da minha vida pessoal e trajetória docente profissional.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P.C.A.; et al. Categorias teóricas de Shulman: revisão integrativa no campo da formação docente. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v.49, n.174, p. 130-150, out./dez.2019.
- ANDRÉ, Marli. Memorial instrumento de investigação do processo de constituição da identidade docente. *Contrapontos*. Itajaí, v.4, n.2, p. 283-292, maio/ago. 2004.
- AQUINO, E.I.F. Professor Artista. XXVII Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil; V Congresso Internacional dos Arte/Educadores; II Seminário de Cultura e Educação de Mato Grosso do Sul [recurso eletrônico]: anais / comissão organizadora, Caciano Silva Lima, Vera Lúcia Penzo Fernandes. – Campo Grande, MS: Federação de Arte/Educadores do Brasil, 2017. Disponível em [https://faeb.com.br/wp-content/uploads/2020/07/2017\\_anais\\_xxvii\\_confaeb\\_campogrande.pdf](https://faeb.com.br/wp-content/uploads/2020/07/2017_anais_xxvii_confaeb_campogrande.pdf):
- BIESTA, Gert. Para além da aprendizagem: Educação democrática para um futuro humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- COUTINHO, Rejane. Vivências e experiências a partir do contato com a arte. In: TOZZI, Devanil; COSTA, Marta Marques; HONÓRIO, Tiago. *Educação com Arte*. (Série ideias n. 31). São Paulo: FDE, Diretoria de Projetos Especiais. 2004.
- FINLEY; Moses, I. *Democracia Antiga e Moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores*. Portugal: Porto Editora, 1992.
- LAMPEJO In.: Dicio, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/lampejo/> Acesso em: 18 de agosto de 2020.
- MARCELO, C. Desenvolvimento Profissional: passado e futuro. *SÍSIFO: Revista de Ciências da Educação*, n.º 8, p. 7-22, jan./abr., 2009.
- MARQUES, Isabel A; BRAZIL, Fábio. *Arte em questões*. São Paulo: Cortez, 2014.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maaarten. Em defesa da escola: Uma questão pública. Belo Horizonte. Autêntica. 2013.

MORGADO, J.C. Identidade e profissionalidade docente: sentidos e (im)possibilidades. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação. Rio de Janeiro, v. 19, n. 73, p. 793-812, out./dez. 2011.

SHULMAN, L. Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma. Cadernos Cenpec. São Paulo, v.4, n.2, p.196-229, dez. 2014.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. Educação & Sociedade, n. 73, Dezembro, 2000.

SHULMAN, L. Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma. Cadernos Cenpec. São Paulo, v.4, n.2, p.196-229, dez. 2014.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. Educação & Sociedade, n. 73, Dezembro, 2000.

## COMO NASCE UM PROFESSOR: reflexões sobre uma trajetória

Carmem Lúcia Caetano de Souza

**M**ister  
**E**ncontrar  
**M**emórias que  
**O**rganizam e  
**R**evelam a  
**I**dentidade, a  
**A**lma  
**L**ançada à aventura de ensinar...

### *Overture*

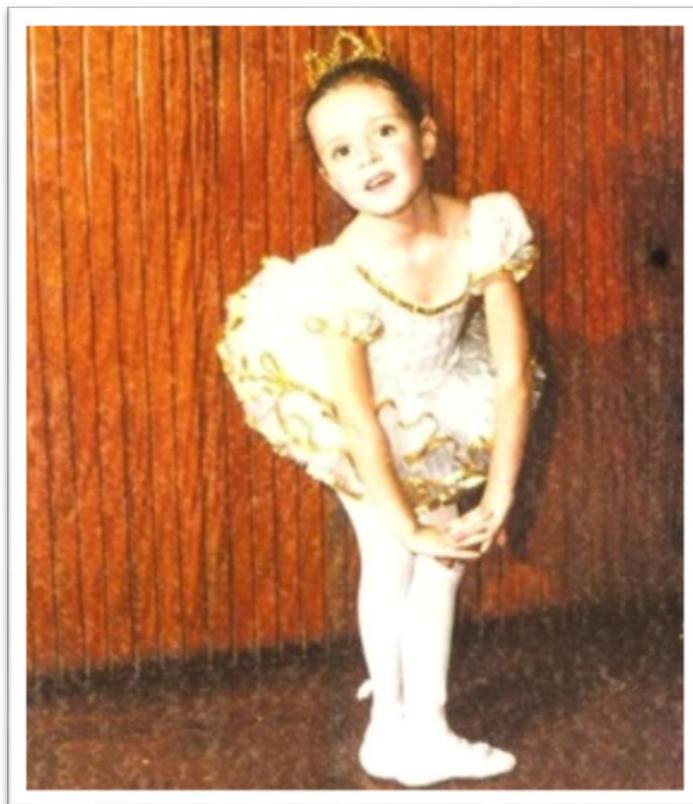
Abrindo as cortinas do palco da minha trajetória para acender gradativamente as luzes da cena, ouço a voz de uma professora e mestra de dança que, na verdade me sentenciou: "Carminha, você será uma grande professora de dança!" Naquele momento me senti apunhalada, pois, só seria professora porque não teria plenas condições de me tornar uma exímia bailarina. Agora vejo o quão profético e propulsor fora aquele comentário. A partir daí, penetro nesse caminho com idas e vindas, avanços e retrocessos, sucessos e fracassos, mas que me leva à luz, a uma luz forte e quente, um sol que me impulsiona e me motiva diariamente, para também ser luz e voz a outros que, como eu, também se encontram a caminho. Aliás, vale dizer que esse é o significado do nome escolhido por meus pais: Carmem Lúcia = "poema de luz".

Foi numa praia... acredite, numa praia! Poderia ser num cenário mais inspirador? Estava com a minha família de férias, eu contava com doze anos, quando ouvi minha mãe dizendo: "vou chamá-la aqui". Pronto, já era... Na verdade, uma professora que estava iniciando uma escola de Educação Infantil, precisava de uma auxiliar de sala e, como era no mesmo bairro que o meu, fui trabalhar com crianças no período contrário da escola. Foi como um bichinho que em picou e contaminou...

À época eu estudava em uma escola franciscana, desde meus cinco anos. Era uma aluna aplicada porque gostava de estudar, mas agora, vejo, apreciava também ser reconhecida pelas professoras, pois as admirava. Tive professoras que me marcaram muito. Na verdade, nem sei porquê, mas queria ser como elas!!! Aqui constatamos como o componente emocional afeta diretamente o trabalho docente, como aponta Day (1999, p.86) "os compromissos e ligações emocionais dos professores com os alunos, quer sejam positivos, quer sejam negativos, dão energia e articulam tudo o que eles fazem. Ensinar envolve uma grande dose de trabalho emocional". Assim, começa a minha carreira docente, com doze anos, na tentativa de atuar como auxiliar de sala na Educação Infantil.

Contudo, não só esse desejo de fazer o mesmo que as professoras que eu admirava foram determinantes na minha escolha. Em minha família nuclear, pai e mãe, ambos são professores e construíram sua vida e nossa família com essa profissão. Como pode o leitor antecipar, o meu dia-a-dia, desde criança, foi regado por avaliações, planos de aula, cursos, discussões calorosas, já que meus pais eram professores.

Insta apontar aqui outra vivência pessoal que contribui para a minha identidade profissional desde a infância. Tenho pouca capacidade cárdio-respiratória, diagnosticada na infância como bronquite asmática. Na ocasião, o médico pediatra solicitou que eu fizesse alguma atividade física, preferencialmente natação. Mas, aos cinco anos de idade, eu pedi para estudar balé, não natação. O médico julgou que traria o mesmo benefício e lá fui eu. A escola de dança que ingressei tinha como diretora a figura de uma professora muito emblemática, que também marcou a minha vida. A forma de pensar a arte como libertadora já foi plantada em mim por essa professora.



Fonte: Arquivo pessoal

Contudo, meu contato com a arte não ocorreu apenas aí. Em casa meus pais sempre deram exemplos musicais e literários para mim e meus irmãos. Meu pai tocava piano enquanto minha mãe cantava... Ela corria da cozinha para a sala cozinhando e acompanhando meu pai ao piano com aquele soprano suave. Lembro-me especialmente da canção “Uirapuru”, de Jacobina e Murillo Latini. Estávamos também sempre envolvidos em expressões artísticas nos eventos da comunidade paroquial em que atuávamos. Assim, o viés artístico na forma de me dirigir aos alunos sempre esteve presente em minhas escolhas profissionais.

### Primeiro Ato

Nessa obra artística em que a vida profissional se mistura à identidade pessoal, chego à formação para o magistério propriamente dita. Fiz o curso de Magistério em nível médio em uma escola salesiana. Fiquei extremamente feliz ao conseguir uma bolsa de estudos para um colégio com mensalidade tão alta e um ensino considerado de excelência. Contudo, ao mesmo tempo em que o curso foi muito significativo, com disciplinas que me deram uma ampla visão da profissão, foi também um período pessoalmente muito complicado. Eu não tinha nenhum parceiro fora da sala de aula, pois me sentia diferente dos demais pela condição financeira e passava os intervalos de aula na capela, longe de todos. Já em classe eu me dedicava ao máximo e, mais uma vez, conquistei a confiança e admiração dos professores.

Esse período de formação inicial foi de suma importância para a minha profissão. Ao contrário do que alguns autores apontam de que “os alunos passam através da formação inicial para o magistério sem modificar substancialmente suas crenças anteriores sobre o ensino” (TARDIF E RAYMOND, 2000, p. 217), o curso Magistério que frequentei foi de extrema relevância para que eu pudesse rever minhas posições e refletir sobre minha escolha. Duas disciplinas em especial contribuíram para isso: Filosofia da Educação e Psicologia da Educação. A professora de Psicologia da Educação tinha uma estratégia de ensino que foi crucial para minha futura atuação: ela sempre usava exemplos práticos para ilustrar a fala dos teóricos que estudávamos. Lembro de que, além dela mesma exemplificar, sempre pedia a nós, alunas, que encontrássemos alguma situação que ajudasse a compreender o conceito em questão. Como eu já havia atuado como auxiliar na Educação Infantil e como já dava aulas de balé clássico desde os catorze anos, eu sempre conseguia perceber os exemplos práticos que ela trazia e eu também partilhava as situações que vivia com a turma.

Trago aqui o escólio de Nóvoa, quando nos recorda que “as escolas normais consagraram processos de mobilidade social e de afirmação do papel das mulheres, tendo sido fundamentais para construir o modelo escolar, para consolidar a escola pública e para produzir a profissão de professor” (NÓVIA, 2017, p.1113). Esse meu curso em nível médio, embora tenha recebido a denominação de Curso Magistério, era correspondente ao antigo Curso Normal. Segundo o autor, a formação inicial deve além de, corroborar com a escolha, acolher o estudante na profissão a fim de prepará-lo adequadamente. Foi justamente o que percebi que esse meu período de formação me proporcionou. Lembro-me de comentarmos com uma das professoras que a escola em que estávamos nos dava uma formação crítico-reflexiva e que, dentro da mesma instituição, apontávamos vieses no Ensino Fundamental, visão que era fruto da nossa própria formação.

Outra questão importante do curso Magistério que eu procurei fazer florescer em minha profissão foi o trabalho colaborativo. Os professores problematizavam os conteúdos das aulas de forma a nos fazer trabalhar em rede e construirmos juntos, de forma colaborativa, nossos saberes iniciais.

## Segundo Ato

Chego agora à universidade. Escolhi dois caminhos que, embora diferentes, convergem no meu dia-a-dia. A Pedagogia e a Dança. Desde a adolescência já substituía meus professores nas aulas de balé. Como moro desde a infância num bairro periférico, as crianças do meu entorno me pediam para ensiná-las a dançar porque me viam bailando nos eventos paroquiais. Assim, comecei a dar aulas de dança com catorze anos, mas isso me incomodava muito. Achava que interferir no corpo de crianças com posturas da dança demandava um conhecimento muito maior do que o que eu tinha. Assim, decidi ir para a capital estudar. Cursava Dança na Faculdade Paulista de Arte em São Paulo de manhã, dava aulas de balé em casa quando chegava em São José e ia para a Faculdade de Pedagogia à noite. Mas tudo era muito difícil financeiramente, pois se tenho uma família de professores, é sabido que no Brasil a remuneração mensal para essa profissão não é alta. Precisei dar um jeito de ajudar, pois os dois cursos eram particulares e minhas aulas de dança mal rendiam para a condução.

Prestei um concurso público para o Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, que exigia apenas nível médio. Ah... aqui me desviei do caminho docente, mas também aprendi muito nos dez anos que trabalhei como escrevente-técnico judiciário. Paralelamente me dedicava à formação docente e artística.

Morei e trabalhei em São Paulo, período em que pude recolher muitas contribuições para a formação da minha identidade pessoal e profissional. Percorria todos os teatros, museus e galerias de arte que podia. Frequentava bibliotecas, centros culturais e escolas de dança. Enfim, fui compondo um mosaico precioso, em que cada peça me constituiu em profissional. Foi um período de grande fruição artística e estética.

No curso de Pedagogia, segunda etapa da minha formação inicial docente, tive uma professora de Filosofia da Educação, Ivone Weiss, que me incentivou muito a unir as duas vertentes que pulsavam dentro de mim: a Educação e a Dança. Fiz um trabalho de conclusão de curso, sob a orientação dela, intitulado “o efêmero e o eterno”.

Já na Licenciatura em Dança eu amadureci artisticamente e verdadeiramente me encontrei enquanto arte-educadora, entendendo nessa ocasião, o que a minha antiga professora de dança havia profetizado, conforme mencionei no início.

Quando, após dez anos de Tribunal de Justiça e já com as duas graduações concluídas, pude enfim, realizar o sonho de me tornar regente de sala, fiz concursos públicos para a Educação Básica e me tornei professora do Ensino Fundamental I na Rede Estadual e Professora da Educação Infantil na Rede Municipal. Hoje percebo como cada momento vivido contribuiu com o todo da minha identidade profissional.

Meu ingresso na carreira docente, como vimos, não coincidiu com a entrada no mercado de trabalho. Como eu já me encontrava em uma fase mais madura de vida, não passei por aquele “choque de realidade” que os autores apontam ser comum na maioria dos professores iniciantes: “esse processo está ligado também à socialização profissional do professor e ao que numerosos autores chamaram de “choque com a realidade”, “choque de transição” ou ainda “choque cultural”, noções que remetem ao confronto inicial com a dura e complexa realidade do exercício da profissão, à desilusão e ao desencanto dos primeiros tempos de profissão e, de maneira geral, à transição da vida de estudante para a vida mais exigente de trabalho.” (TARDIF, 2000, p. 226)

Não senti isso porque minha formação inicial me preparou para a realidade do “chão da escola” e também porque, por ter deixado esse desejo adormecido por cerca de dez anos, ao realizá-lo, nenhum entrave representou decepção para mim. Lembro-me de uma estagiária que foi designada para me auxiliar, depois de uma

semana que eu havia começado na escola, me perguntar: "Há quanto tempo você está em sala de aula? Tudo parece fluir tão naturalmente pra você..." Aquela fala foi como um bálsamo para a minha alma, pois, se ainda pairasse alguma dúvida na tomada de decisão para dar essa guinada na minha vida profissional, agora tudo fora confirmado!

Conforme classificação de Tardif, esse ingresso na carreira é denominado fase de exploração. É claro que nem tudo foram flores, mas coincidiu também com a realização de outro sonho pessoal: ser mãe. Assim, tudo contribuiu para que essa fase fosse assimilada tranquilamente. A segunda fase, apontada pelo autor, de estabilização, representou mesmo uma consolidação da profissão em minha vida, caracterizada também por uma confiança maior em mim mesma, pelo domínio dos diversos aspectos do trabalho, principalmente os aspectos pedagógicos.

Devo lembrar que, durante todo esse período, seja no Tribunal de Justiça, seja na Educação Formal, nunca deixei de lecionar dança. Depois da conclusão da Licenciatura em Dança, minhas aulas ficaram muito mais seguras e fundamentadas, continuei produzindo espetáculos anuais com os alunos e pesquisando a arte do movimento para as diversas idades.

## Coda

Para que a minha formação continuada se efetivasse, para além das horas de trabalho coletivo da instituição a que pertencço, fui cursar uma pós-graduação lato sensu, na Faculdade de Educação Física de Santo André, chamada de especialização em Dança-Educação. Nessa instituição tive professores que me motivaram a continuar o trabalho de pesquisa após a apresentação da minha monografia de conclusão.

Antes que a rotinização da sala de aula me levasse a um desinvestimento da carreira, como apontam alguns autores, pois "as rotinas são meios de gerir a complexidade das situações de interação e diminuir o investimento cognitivo do professor no controle dos acontecimentos" (TARDIF, 2000, p. 233), mais uma vez busquei uma mudança. Houve uma oportunidade de fazer um curso interno na Rede Municipal e passar a ingressar no quadro de professores de um novo projeto em implantação, a Sala de Leitura Interativa.

De novo, uma decisão acertada! A possibilidade de aliar minhas duas bandeiras de vida, ensino e dança, foi concretizada nesse lugar. A Sala de Leitura, na qual atuo até hoje, é um projeto que me permite colocar em prática tudo o que acredito sobre a arte-educação. Após quinze anos na docência, digo com toda segurança que tomei a decisão certa e que posso, com meu trabalho, levar em frente aqueles ideais de início da carreira.

Corroborando com isso, e realizando outro sonho adormecido desde os tempos de São Paulo, ingresso agora no Mestrado Profissional em Educação.

Essa imagem representa um pouco como me sinto hoje: com asas!!!

Carmem Lúcia na fase atual, no Centro de Formação do Educador, em SJC



Fonte: Arquivo pessoal

## REFERÊNCIAS.

P  
I  
r  
A  
C  
D  
E  
N  
N  
v  
T  
d  
Z  
P



as narram a história da formação.  
ia: revelações, subversões, supe-  
nstituição da identidade docente.  
izagem permanente. Porto: Porto  
Cadernos de Pesquisa. São Paulo,  
o magistério. Educação & Socie-  
dilemas práticos dos professores.



## CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E SIGNIFICADOS

Helena Xavier Pires

A incumbência de escrever sobre minha trajetória profissional me remete a memórias afetivas de sons, de desenhos, de pinturas, de cantos, de gestos, de família, de desejos de me expressar por linguagens que, na escola, não me bastavam. Ou que de certa forma a escola não me dava oportunidade de explorar.

O processo de escolarização vivenciado por mim foi como observar um ser pleno de paixão por aprender, ir aos poucos se adequando aos sistemas de configuração padronizada de seres humanos. E tomar consciência disso dói na alma, pois vejo esta ação se repetir nos olhos de meu filho, que, aos quatro anos, parou de fazer perguntas, as perguntas que mais me encantavam e me abriam para uma esfera de que somos seres potentes e capazes desde a primeira infância. A escola fez a sua parte, começou aos poucos a tirar aquilo que já era dele por natureza, a sua capacidade de inventar, de imaginar, de criar, de explorar, de ser pleno em sua condição de criança. Naquele momento, fui à escola perguntar: “Por que meu filho parou de fazer perguntas?” E a professora, na sua mais pura inocência, não soube responder. Nem sempre temos condições de proporcionar as melhores escolas e, assim, enquanto educadora, comecei a refletir de que forma busquei na minha infância aquilo que a escola não me oferecia. Como poderia colaborar com a escola em que meu filho se encontrava para que suas ações educativas fossem significativas, como as demonstradas em meus vídeos[1]?

**Figura 1** – Arthur fazendo pesquisa sonora em elementos da natureza.



**Fonte:** <https://youtu.be/Mgs8bSDMxD0>

O passado se deparava com o presente e com o meu compromisso de acreditar na Educação, Educação que é significativa quando promove espaço, tempo e interações, mantendo o que já faz parte da essência do ser: a curiosidade, a criatividade e a capacidade de levantar hipóteses.

Nasci em Taubaté, dia 30 de novembro de 1976, no seio de uma família um pouco antagônica. Meu pai, engenheiro da empresa EMBRAER, em São José dos Campos, amava o período em que nasci, período de Ditadura, do qual, até hoje, faz questão de falar que foi o período em que mais recebeu reconhecimento e boa remuneração pelo seu trabalho. Enquanto isso, minha mãe, professora de História, via alguns amigos desaparecerem e serem presos. Concomitantemente, meu pai furava greves organizadas pelo sindicato e minha mãe fazia parte do comando que organizava as greves de professores do Estado de São Paulo. No seio desta família, aprendi a olhar por diferentes lentes e tentar compreender a lógica de discursos que muitas vezes se colidiam, mas também se convergiam e se completavam.

Minha relação com as artes se manifestou cedo; aos 3 anos, eu era a atração das festas familiares por gostar de cantar, de desenhar, de dançar e de brincar de teatro. Meus pais percebiam meu amor pelas artes, mas não se preocupavam em estimular esses saberes que me encantavam. Paralelamente, minha vida escolar se iniciava. Aos 2 anos de idade, minha mãe me conta que me levava sempre à feira, que ficava próxima de nossa casa. E lá, eu sempre parava na calçada, onde havia uma escola. Eu ficava agarrada ao portão, olhando as crianças brincarem lá dentro, no parque, e não queria sair mais de lá. Minha mãe dizia que eu gritava para

ir embora e ficava falando “Quero ir para a ‘coinha”” (jeito que eu falava escolinha aos 2 anos). Enfim, ela finalmente cedeu e aos 2 anos fui para a minha primeira escola, e muito feliz.

Minhas memórias são muito poucas da escola da primeira infância, mas ainda me lembro de que tinha uma professora que ficava comigo no colo o tempo todo. Minha mãe me contava que o motivo era que, por eu ser a menorzinha da turma, a professora me protegia, colocando-me em seu colo a maior parte do tempo. Lembro-me, também, de situações em que a imaginação era a condutora das atividades, como brincadeiras de faz de conta, das árvores, de alguns amigos e das músicas que eram cantadas para cada momento, principalmente o momento do lanchinho. E me lembro de que adorava tanto ir à escola!

Já no primário, que hoje é chamado de anos iniciais, fui para uma escola muito grande, que era estadual. A sala deveria ter entre 30 a 40 alunos e me tornei uma aluna aplicada, pois tinha muita facilidade. Minha professora da 1ª série era muito carinhosa e, guardo até hoje na memória, que seu nome era Teresinha. Ao mesmo tempo em que me lembro de momentos de cartilha, de carteiras imensas, do quadro negro, do giz, lembro-me, também, de algumas situações que me assustavam, como ter que tomar vacina na escola e ter que ir ao banheiro, após saber da lenda urbana da “Loira do Banheiro”. Quando o ano finalizou, minha professora foi até minha casa e me deu um livro muito bonito de presente e falou a minha mãe que eu era a melhor aluna da turma.

Os anos iniciais foram tranquilos, mesmo eu tendo que mudar de escola. Meus pais me colocaram em uma escola particular na 2ª série, em que me adaptei bem. Para entrarmos na escola, não havia sinal, eram músicas, que tocavam para avisar que as aulas já iriam começar. Eram músicas infantis que eu adorava. Minha mãe, mais tarde me contara que havia escolhido esta escola, que tinha orientação religiosa, porque ela não tinha religião, mas queria que eu e meu irmão pudéssemos ter acesso a um ensino religioso para que, mais tarde, pudéssemos escolher qual o caminho espiritual que tomaríamos. Ela havia estudado em colégio de freiras, em sistema de internato, e isso lhe trazia péssimas lembranças. Nos anos iniciais, segui sendo, sempre, uma excelente aluna, que gostava muito de desenhar, de dançar e de cantar. Minhas professoras tentavam timidamente estimular a produção artística em sala de aula e em eventos da escola, mas eram muito poucos os momentos de Arte nessa escola.

Minha família não se importava em direcionar minhas atitudes artísticas, apenas ficavam admirados. Um dia, minha mãe percebeu que, quando íamos ao supermercado, eu pedia para ficar na lojinha de instrumentos musicais ao lado. Naquela lojinha, o tempo voava, não queria mais ir embora. Ali, eu era livre para explorar todos os sons, os instrumentos, e o tempo, não via passar. A experiência me preenchia, me completava, me organizava.

Não me lembro como, mas aos oito anos, meus pais me colocaram em uma escola de música do bairro onde morávamos, em São José dos Campos. Meu pai traz consigo uma vivência musical da época em que estava no exército, onde tocava na banda. Sempre amou instrumentos de percussão, então comprou vários, para poder levar nas festas da família. Lembro, também, que ele gostava muito de dançar. Ao longo do tempo, no entanto, foi deixando essas práticas de lado, devido ao trabalho e a outros fatores que não entendo bem ainda. Minha mãe teve uma infância em que meu avô fazia questão que seus filhos ouvissem música clássica, mas ela mesma falava que não gostava. Cresceu, mesmo assim, com um gosto refinado, que me influenciou muito, e em casa, ouvíamos Bossa Nova, MPB, sambas tradicionais e algumas músicas orquestrais que apareciam em trilhas de filmes e músicas em línguas estrangeiras, como italiano, francês e inglês.

Enfim, comecei a estudar música e nunca mais parei. Tocava órgão e depois passei para o piano. A dança também fez parte da minha vida e minha família pode fazer que eu frequentasse cursos fora do horário da escola. Minha infância foi, decididamente, a melhor fase da minha vida, pois tinha tempo. Tempo de brincar na rua, de andar de bicicleta, de correr, de brincar de esconde-esconde, de tocar, de dançar, de desenhar, de pintar, de viajar muito com meus pais. A Música e a dança sempre caminharam juntas como alicerces da minha vida, mas sempre de forma paralela à escola. Pude estudar com muitos professores e conhecer muitos amigos por meio da música e da dança, o que contribuiu com minha atuação profissional.

Eu me formei no Instituto de Artes da UNESP, no curso de Educação Artística com habilitação em Música, em São Paulo, em 1998. Fiz Pedagogia, Pós-graduação em Educação Musical e Arte Terapia. Fiz curso técnico em Regência Coral, Orquestração, Piano Popular, na antiga Universidade Livre de Música e no Conservatório de Tatuí. Também estudei piano erudito na Escola Municipal de Música e no Conservatório Souza Lima, em São Paulo. Trabalhei com grandes educadoras musicais como Marisa Fonterrada e Lilia Rosa, em São Paulo, em projetos sempre voltados para a Educação Musical. São 22 anos de carreira este ano e eu me considero uma pessoa que possui duas carreiras concomitantes, a de musicista e a de professora.

**Figura 3** – Catirina, grupo instrumental de música brasileira de mulheres[2].



Fonte: <https://youtu.be/b8BwR1tPZLM>

Como musicista, atuei como regente de coros adultos e infanto-juvenis, como pianista, arranjadora e compositora de coros de vários grupos instrumentais de jazz e música brasileira. Como professora de música, posso dizer que tudo começou aos 15 anos, dando aulas de piano, órgão e teclado para crianças, ao mesmo tempo em que tocava em casamentos, recitais e eventos diversos, aos quais minha professora de piano me levava para tocar. Eram lugares que me proporcionavam múltiplas experiências, pois o público era muito diversificado. Relembro de tocar em eventos em Centros Culturais e de uma experiência incrível, que foi tocar em um asilo de idosos. Agora, nos últimos 10 anos, tenho incorporado o trabalho com formação de professores.

**Figura 2** – Carmira Burana com a participação de corais do Projeto Educação Musical/ Canto Coral[3].



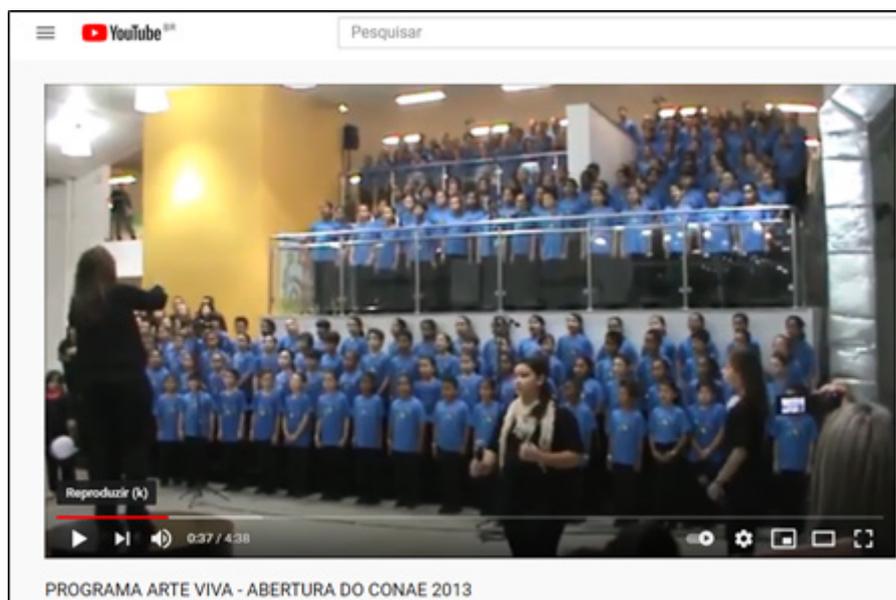
Fonte: <https://youtu.be/fs6JvWEhLXM>

Essa parte da minha carreira começou de maneira informal, quando a escola particular em que eu trabalhava, de Educação Infantil e Ensino Fundamental, me pediu para analisar currículos de novos professores de música e entrevistá-los para a sua contratação. A escola queria que os próximos professores contratados seguissem a minha linha de trabalho, então, de certa forma, tive que preparar esses professores.

Em 2010, efetivei-me na Prefeitura da rede municipal da qual faço parte atualmente, como professora de Arte, mas logo fui convidada para trabalhar no Programa Arte Viva, um programa que existiu dentro da Secretaria de Educação do município, até o ano de 2014. O Arte Viva consistia em desenvolver um trabalho artísti-

co, utilizando diversas linguagens da Arte; nesse espaço pude atuar como regente de corais infanto-juvenis e regente assistente do Coral da Secretaria da Educação, que era formado por funcionários de diversos setores, como pode ser observado neste vídeo, de abertura do CONAE 2013[4]:

**Figura 4** – Programa Arte Viva – Abertura do CONAE 2013.



**Fonte:** <https://youtu.be/Ff7KRF8Hjtc>

Neste tempo, regia vários corais e ajudava as outras professoras, gravando bases para ensaios, playbacks e fazendo arranjos. Paralelamente, mantinha trabalhos autorais de Música Instrumental Brasileira e tocava com muitos músicos e cantores, gravando CDs e DVDs.

Em 2015, assumi um cargo na Secretaria, para retomar os corais na rede e em 2016, assumi o cargo oficial de Orientadora de Música. Foi muito diferente do que eu imaginava, mas um grande aprendizado, pois tive que aprender, e ainda estou aprendendo, a lidar com uma diversidade enorme de funções, de burocracias, de professores com diferentes formações, com realidades escolares muito distintas e que perpassam por dimensões e estruturas organizacionais extremamente heterogêneas, que vão desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental.

O trabalho com formação me exigiu muito tempo de estudo e com o nascimento do meu filho, desacelerei um pouco e parei de tocar, pois trabalhava 8 horas por dia e a noite ficava com meu filho, ainda um bebê. Percebi que pude adquirir muitos conhecimentos que, se eu estivesse em sala de aula, nunca teria tido acesso. Mas, ao mesmo tempo, comecei a ter crises de ansiedade, insônia e acho que um início de crises de pânico. Percebi que, quando alguns músicos me convidaram para desenvolver um trabalho de música instrumental nesse mesmo ano, as crises foram diminuindo.

Dessa forma, concluo que a Música, no sentido criador e de performance coletiva, me trouxe equilíbrio e que exercer somente a profissão de professora ou de formadora, não traduz minha existência aqui na Terra. Hoje, além do trabalho de formação, trabalho com dois corais adultos, como pianista, e com um coral de idosos. Sigo tentando encontrar inteireza nas minhas múltiplas facetas de mulher, esposa, trabalhadora, mãe, filha, professora, educadora, formadora e musicista.

## Considerações

Descrever em palavras minha trajetória profissional, pensando a partir dos primeiros contatos com os ambientes escolares da minha infância, me fez refletir muito sobre meu papel enquanto docente e de minha responsabilidade perante a sociedade. Responsabilidade de propagar bons exemplos, boas práticas, relações harmoniosas que potencializam e empoderam os professores de seus conhecimentos e de suas capacidades de serem sujeitos indispensáveis à Humanidade. O docente que compreende seu papel dentro da sociedade consegue ser um profissional mais consciente de seus direitos e deveres como cidadão.

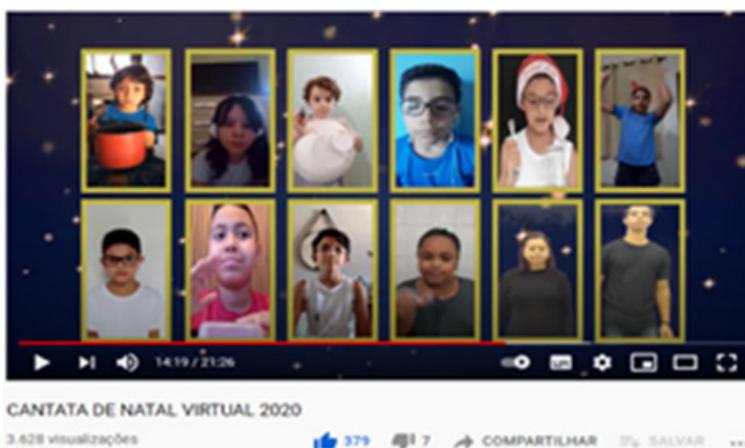
Não podemos nunca perder de vista, enquanto docentes, a formação humana. Esta que hoje está tão fragilizada, precisa ser resgatada. E, um caminho que fará parte, de forma consciente em minhas formações, será este olhar mais cuidadoso pelo professor, que enfrenta diversas dificuldades, que influenciam na construção de sua identidade e na motivação de continuar seguindo na profissão. De forma inconsciente, os estudos do mestrado já haviam me atravessado e influenciado meu trabalho. Mas agora percebo, com mais clareza os impactos que vieram a causar.

Espero que, humildemente, possa propagar os ensinamentos e aprendizados adquiridos até aqui e mostrar que é possível sim, reverter situações difíceis, resgatar as emoções iniciais de um professor iniciante e colaborar com a formação continuada para o desenvolvimento de uma sociedade mais plural e humana.

Os impactos da Pandemia, que se iniciou em 2020, foram imensos e ainda prevalecem para todas as áreas da Educação. Mas acredito que para os professores de Música tem sido um desafio ainda maior, pois lidamos com o som que é produzido a partir do encontro e da escuta. Vários percalços fazem parte deste contexto que abrange a elaboração de propostas por meio de plataformas digitais em que o acesso a dispositivos móveis e a redes de internet são o grande entrave em termos de escolas públicas. Processos de sucateamento e desvalorização foram se acentuando nesse período, pois a escola, de forma generalizada, e sendo um reflexo da sociedade, enxerga o ensino de Música como algo que não está na esfera do que é essencial, principalmente em uma situação pandêmica.

Diante de tantas adversidades, os professores se apoiaram e desenvolveram trabalhos significativos até o presente momento, em que ainda estamos vivendo a Pandemia. Os momentos de formação foram primordiais para que o grupo se fortalecesse e pensasse de forma colaborativa, compartilhando experiências e ideias de propostas adaptadas para as aulas online de Música. Muitos tabus vinculados ao uso de tecnologia tiveram que ser encarados e enfrentados e, assim, professores e a presente pesquisadora se desdobraram para aprender novas formas de alcançar os alunos, utilizando diversas plataformas digitais, sites, aplicativos, entre outros recursos que poderiam potencializar a aprendizagem e até mesmo aproximar os alunos da escola. No final de 2020, foi realizado um trabalho intitulado Cantata Virtual, que envolveu mais de 200 alunos e familiares e que teve mais 3000 acessos no Canal de Youtube[5] em que foi vinculado. Desta forma, podemos perceber que, mesmo em uma situação de pandemia e de tantas fragilidades educacionais, a participação e os depoimentos de alunos e familiares confirmaram que a Educação Musical precisa continuar existindo nas escolas e que as comunidades escolares reconhecem e querem que a aprendizagem musical faça parte das escolas públicas municipais.

**Figura 5 - Cantata Virtual 2020**



**Fonte:** [https://youtu.be/IDtHrBA6b\\_8](https://youtu.be/IDtHrBA6b_8)

Sigo lutando para que os professores de música, da rede onde atuo como orientadora e formadora, se mantenham engajados, repertoriados e motivados para continuarem pesquisando novas formas de alcançar os alunos, de forma colaborativa, significativa e afetuosa.

## REFERÊNCIAS

GATTI, B. Formação de professores: condições e problemas atuais. *Revista Internacional de Formação de Professores (RIFP)*. [online]. Itapetininga: v. 1, n. 2, p. 161-171, 2009.

NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, out./dez. 2017.

MARCELO, C. A identidade docente: constantes e desafios. *Formação docente*. Belo horizonte, vol.01, n.01, p. 109-131, ago-dez. 2009.

SHULMAN, L. Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma. *Cadernos Cenpec*. São Paulo, v.4, n.2, p.196-229, dez. 2014.

TARDIF, Maurice. A profissionalização do ensino passados trinta anos: dois passos para a frente, três para trás. Tradução de Marisa Rosseto. *Revista Educação e Sociedade*. [Debates e Polêmicas]. Campinas: v. 34, n. 19. p. 551-571, abr.-jun. 2013.

[1] Neste vídeo meu filho Arthur realiza pesquisa sonora com elementos da natureza: sons dos bambuzais do Parque Vicentina Aranha

[2] Grupo de mulheres de música instrumental brasileira apresentando-se no Programa Sesc Instrumental Brasil. Neste show, que estou ao piano, apresentei algumas de minhas composições.

[3] Alunos do Projeto de Música, do qual sou coordenadora, participam do Concerto que apresenta Carmina Burana de Carl Orff realizado no Teatro Municipal de São José dos Campos.

[4] Neste vídeo estou regendo um arranjo de minha autoria para uma apresentação musical realizada em 2013 na abertura do CO-NAE.

[5] A Cantata Virtual ocorreu em dezembro de 2020, no período de Pandemia, com arranjos vocais e instrumentais elaborados pela presente pesquisadora, e contou a participação de mais de 200 alunos e familiares.

# MINHAS REFERÊNCIAS

Michael Santos Silva

“Todos os dias quando acordo  
Não tenho mais  
O tempo que passou  
Mas tenho muito tempo  
Temos todo o tempo do mundo [...]” [1]

## Introdução

O presente capítulo é escrito para apresentar o percurso artístico deste jovem – nem tanto assim – Michael, mestre em Educação pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação, do Departamento de Pós-graduação da Universidade de Taubaté – UNITAU. O presente originou-se do grupo de pesquisa CNPQ Educação: desenvolvimento profissional, diversidades e metodologias na linha de debates do Grupo de Estudos em Arte Educação e Criação da UNITAU.

No decorrer da escrita são relatadas as experiências e anseios deste profissional, numa relação intrínseca entre o tempo “cronológico (o tempo do relógio) e o kairológico (o tempo do agora, em que o passado pode ser trazido ao presente através da memória, a fim de projetar o futuro)” (JOSÉ, 2011, p. 200).

## Memórias da Infância

Nascido em 13 de maio de 1994, natural de Jacareí – SP e registrado com o nome Michael Santos Silva, para os familiares sou Maycon, para os amigos Mi, para os colegas de trabalho e alunos Michael, tal diferenciação existe porque meu pai escolheu o meu nome por causa de Michael Jackson, comumente pronunciado por Maycon, todavia ainda criança comecei a me apresentar por Michael, quando era questionado sobre ser Michael ou Maycon. Hoje percebo que tal opção se deu por acreditar que ao escolher Michael estaria um pouco mais distante do ‘Rei do pop’ e pela pronúncia aos meus ouvidos soar mais agradável.

Fui uma criança agitada, que não apreciava desenhos animados, eu ficava olhando para minha irmã assistindo TV e pensava como ela conseguia passar tanto tempo assistindo aquilo (achava muito bobo, já hoje adoro e até percebo como divertido). Eu gostava de colecionar coisas, colecionava carrinhos, colecionava robôs, mas não para ficar brincando com eles, gostava de ficar vendo a forma, a cor dele – claro que hoje eu sei isso porque estudei Arte.

Eu fui uma criança explosiva, com mau humor, pois não sabia lidar com os sentimentos. Percebendo isto meus pais me encaminharam para a terapia (a primeira vez), e participei 3 (três) anos de encontros semanais com o terapeuta, que possibilitou um conhecimento muito maior diante as adversidades da vida. Claro, que muitas coisas são características primárias, e um acompanhamento por apenas 3 (três) anos não seria suficiente. Hoje percebo que mesmo com o pouco capital social e cultural (BOURDIEU, 1999) meus pais fizeram um bem muito grande.

Além dos meus pais e minha irmã, considero minha tia como meu núcleo familiar, ela foi minha ‘babá’ após a minha mãe retornar ao mercado de trabalho quando eu tinha 5 (cinco) anos de idade. Inúmeras babás passaram por mim – lembra da criança explosiva? Quem quer passar o dia cuidando de uma criança assim e com a irmã ainda? Então eu ficava muito com minha tia que tinha um salão de beleza e morava ao lado de casa.

Lembro ainda do meu avô que fazia algumas visitas para passar a tarde comigo e minha irmã, e não posso deixar de relatar os momentos em que brincava com barro, num campo de futebol que tinha na rua da casa dele no bairro São João da Boa Vista (Jacareí – SP), quando digo campo de futebol, me refiro-me ao espaço com traves de gol e marcação no chão com cal, não muito organizado ou bonito. Meu pai, tios e primos iam lá para jogar, restava-me brincar com o barro. Tenho em minha mente, a beleza das cores daquelas terras, eu e minha irmã por diversas vezes levávamos água num pequeno balde para ficar tentando criar argila de diferentes cores, pois o que me impressionava era justamente as várias tonalidades, principalmente roxas e laranjas.

Estas misturas de cores também realizei muito durante o período de adaptação na terapia, acredito que as cores são uma das boas coisas que me fazem ficar concentrado por bastante tempo, assim como os momentos de produzir lembrancinhas para a catequese. Como destacam Tardif e Raymond (2000, p. 219) “[...] a vida

familiar e as pessoas significativas na família aparecem como fonte de influência muito importante que molda a postura da pessoa toda em relação ao ensino”, mais que pessoas, acredito que tenho elementos, sendo o encanto pelas cores, algo presente até o presente momento.

## **Da escola para a vida**

Lembra da criança explosiva? Nos primeiros momentos de socialização na escola tudo foi tranquilo, pois em pouco tempo percebi que a escola era um lugar agradável. Todavia, estes primeiros doces momentos ficaram na educação infantil, em que eu me reconhecia nas habilidades manuais, lembro até hoje do projeto “Sistema solar” e em especial da colagem com papel laminado e camurça para a realização do planeta saturno.

Os desafios com o ensino fundamental começaram antes mesmo de iniciar a etapa, pois diferentemente da minha irmã que foi para uma escola municipal, eu fui direcionado para a escola estadual, e era nítida a diferença, tanto em espaço físico, quanto as representações sociais (JODELET, 1989) atribuídas pelos meus pais e pessoas próximas. Nesta escola devido a minha imaturidade, inocência ou até mesmo falta de comunicação, meu comportamento passava despercebido para a maioria, e quando digo, isto é, porque eu tinha um colega que tinha uma identificação de orientação sexual – o tempo revelou ser comum para nós dois.

Após dois anos na fila de espera fui selecionado, e iniciei a minha vida praticamente do zero no ensino fundamental na rede municipal. Ao chegar na nova escola ficaram nítidas minhas dificuldades, lembro-me do primeiro ditado, durante a realização da atividade fui perceber como era aquilo, e o que deveria ser feito. Também imagino hoje, no desespero da professora receber um aluno em processo inicial de alfabetização no terceiro ano, válido destacar que nesta época a primeira parte do ensino fundamental era composta por quatro anos.

Ao mudar da escola estadual na qual frequentei o segundo ano dos anos iniciais, espaço que tinha liberdade e havia um direcionamento mais flexível para o terceiro ano da rede municipal, onde todos os alunos tinham uma postura e sabiam ler e escrever, rapidamente comecei a sofrer bullying, pois eu era o aluno novo com uma voz fina e com jeitos femininos. Toda a minha vontade de estudar naquela escola passou rápido, virou um pesadelo, pois na anterior escola eu era uma criança ‘normal’ e ali vivencia um contexto complexo, distante da minha experiência anterior. Contudo ali aprendi que é importante superar e aprender com as adversidades, provavelmente este bullying que sofri, preparou-me para uma adolescência mais tranquila, entretanto, a questão da sexualidade, já era um sinal em alerta para a minha família.

Um dos incidentes críticos (BUENO, 2020) além do bullying, foi quando o meu tio (esposo da tia Natália) comprou uma lava rápido para seu filho (meu primo) na rua de nossa casa e como eu sempre o ajudei a limpar o caminhão que usava para trabalhar, ele numa brincadeira disse que se quisesse poderia trabalhar com o filho dele. Eu mais louco disse, “Sim”. Claro, que ele depois disse que não poderia pois tinha uns 11-12 (onze-doze) anos de idade na época, mas com o período contrário da escola, e meu poder de convencimento, meus pais acabaram aceitando, só teria uma condição – melhorar na escola. Não percebia que isto faria uma grande diferença, mas como adorei ter meu próprio dinheiro, naturalmente melhorei na escola.

## **Arte e transformação**

Nestes longos anos de formação, mais que aprender a ler, escrever, tive a oportunidade de me encontrar, isto ocorreu a partir da participação do projeto extracurricular “Pintura em Tela”.

Em um dia normal durante a aula de Arte, ouço a professora de arte Cidinha Almeida mencionar sobre a abertura de projeto de pintura em tela em período contrário. Num primeiro momento fiquei pensando nossa que legal, mas só que a professora disse que teríamos que comprar o material, aí pensei “assim esquece”. Na próxima semana, a professora falou novamente do projeto, e decidi perguntar qual valor seria para a compra destes materiais, ela disse cerca 100 (cem) reais, porém poderia comprar aos poucos.

Ao realizar a pergunta, eu e uma colega de classe, a professora além de dizer dos custos, mencionou que seria muito bom para mim o curso, lembro-me que pensei muito sobre o porquê ela tinha falado aquilo e optei por atormentar muito meus pais para poder participar do projeto, até que a minha mãe disse: “Você fará, e vou te entregar o dinheiro para você e pede para a sua professora comprar para ti, pois não entendo nada disto”.

Tenho em mente de modo muito nítido os meus primeiros materiais, em especial meus pincéis, infelizmente por tanta autocrítica, já não tenho mais as duas primeiras pinturas, só a terceira.

Esta experiência com o projeto de pintura durou 2 (dois) anos, mudou minha vida, comecei a gastar energia, canalizando vários sentimentos e sensações que até antes não sabia como lidar. O projeto foi uma experiência singular. Para Dewey (2012, p. 109) toda experiência possui um fluxo, isto é, vai de um ponto para outro, em que para a experiência singular produz um percurso de consecução, pois [...] “ela é integrada e demarcada no fluxo geral da experiência de outras experiências”. Dewey, ao abordar a experiência singular, afirma que esta mesma experiência tem capacidade estética, já que “[...] nenhuma experiência de nenhum tipo constitui uma unidade, a menos que tenha qualidade estética” (DEWEY, 2012, p. 117).

A palavra estética reporta-se à capacidade de deleite e percepção, isto é, a capacidade de assimilar por meio dos sentidos e da inteligência, o que realmente acredito que tenha acontecido com a participação no projeto “Pintura em tela”. Meu desejo era tão grande que novamente convenci minha mãe a pagar aulas particulares de pinturas, o que fez até à juventude.

Ainda relaciono a participação no projeto com as afirmações de Tardif e Raymond:

As experiências escolares anteriores e as relações determinantes com professores contribuem também para modelar a identidade pessoal dos professores e seu conhecimento prático. Acrescentam-se a isso, também, experiências marcantes com outros adultos, no âmbito de atividades extraescolares ou outras (atividades coletivas: esportes, teatro etc.). (TARDIF; RAYMOND, 2000, p. 219)

Percebo que tal experiência reflete muito no fazer docente, em 2018 recebi como retorno da minha orientadora de ensino na instituição em que atuo, o feedback que sou muito tecnicista, hoje percebo que tal concepção começou aqui e posteriormente recebeu um reforço com a experiência de estagiário e educador de projeto em Artes Visuais, a partir de 2012.

## Juventude

Depois desta experiência foi difícil cortar os laços, uma vez que com o projeto sentia-me autoconfiante. Foi tão difícil, que mesmo indo para o ensino médio, ainda fui várias vezes participar do projeto com ex-aluno e a professora Cidinha Almeida além de gentilmente me receber e conversar muito comigo e disse que além da oficina de pintura particular que já fazia, deveria procurar outros cursos, foi quando procurei pelas oficinas culturais da Fundação Cultural Cassiano Ricardo (FCCR). Além da ampliação de repertório que estas oficinas de Desenho e pintura me possibilitaram, destaco a grande amizade que ganhei, uma vez que a professora da oficina de pintura Ana da Cunha, tornou-se uma grande amiga, que nem mesmo a distância separou.

Eu gostava tanto do espaço escolar que antes mesmo de iniciar o ensino médio, já sabia que queria ser professor, contudo existia uma dúvida entre arte e geografia, e com as primeiras aulas de geografia no ensino médio, tal questionamento passou rapidinho e a certeza de estudar arte só aumentou. O desafio então não era o que cursar, mas sobretudo como chegar até lá, uma vez que por mais que a minha postura como estudante tinha avançado, faltava-me um repertório em linguagem verbal-escrita mais amplo, pois mais que soubesse que meus pais não teriam condições de pagar uma universidade privada, tinha coerência que a universidade exigiria uma escrita mais culta, capitais sociais e culturais mais amplos.

Ser professor de arte foi a possibilidade de unir o que a orientação vocacional revelou, pois é a união de ideias, pessoas e dedos numa mesma função, digo isto porque tenho percebido isso desde o início do mestrado e como destaca Shulman L. e Shulman J. (2016) os saberes docentes são múltiplos.

Se a escolha da profissão já era uma certeza (99%), no início de 2011 percebi que mais do que conquistar uma vaga na universidade pública, precisava conseguir uma bolsa do PROUNI, os custos poderiam ser muitos maiores por ser um universitário em rede pública, como tinha um curso de licenciatura em Artes Visuais na minha cidade, não fazia muito sentido aos olhos dos meus pais, ir tão longe, se tinha algo tão próximo.

Pensando em um preparo melhor, pedi ao meu pai que pagasse um pré-ENEM com aulas 2 (duas) vezes por semana à noite, além das aulas de redações que participava na escola. O resultado veio, não tão diferente do ano anterior quando fiz o teste, na parte objetiva da prova, mas com grande avanço na nota de redação. O resultado do Enem levou-me a conquistar uma bolsa no PROUNI integral para licenciatura em Artes Visuais na Universidade do Vale do Paraíba - UNIVAP, assim como para a vaga em 2ª chamada do SISU, para a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS.

## Formação inicial e as primeiras experiências profissionais

Antes mesmo de iniciar a graduação, já fiz uma escolha para a qual tenho a exata certeza que mudou a minha trajetória profissional, por muitos tempos pensei como seria se eu estivesse tentando cursar a universidade pública, mas diante dos meus 17 (dezesete) anos, não fui capaz de tanta ousadia. Talvez a falta de encarar tal realidade seja por ter visto nos olhos de meus pais, o medo de ninho vazio e principalmente como me custear em outro estado. Além disto, destaco o não desejo por passar por algumas adversidades de morar sozinho – nada melhor que abrir a gaveta e encontrar as roupas limpas e dobradas.

O curso de Artes Visuais da UniVAP me surpreendeu, lembro-me como se fosse hoje a minha primeira aula aos sábados quando vi a professora perguntei se era a nova aluna da turma, as aulas da professora Ma. Lindsay, os artistas e teóricos apresentados por ela na forma de grande fascínio, aproveitei a partir da disciplina de Fundamentos do Processo de Criação e já solicitei sua orientação para construção de um artigo e posteriormente publiquei juntamente com a professora Dra. Maria Tereza Dejuste de Paula.

O encontro com estas duas professoras foram sensíveis e um enorme crescimento intelectual para o meu percurso profissional, já que os saberes pedagógicos e de pesquisadora da professora Dejuste, unidos aos saberes artísticos da Lindsay, eram o que esperava encontrar no curso. Lindsay além de ampliar as minhas referências poéticas, ainda me indicou no final do 1º (primeiro período) para a realização de estágio, um alívio para meus pais que já não aguentavam mais me ver apenas estudando.

Antes mesmo de entrar na graduação eu já tinha lido dissertação sobre arte educação e até livros de Ana Mae Barbosa. Nos 2 (dois) primeiros anos não encontrei uma professora que tivesse a formação em Arte Educação. Somente no 6º período frequentei uma disciplina que tratava de arte educação, ministrada por Arte Educadora professora Ma. Vanessa Stollar e pude aproveitar as referências ofertadas e diante disso sou agradecido.

O Instituto Recriar, foi um outro espaço que me encontrei e deu início à construção da minha identidade docente, pois neste espaço tive a oportunidade de ser docente, por dois grandes motivos: pela proposta da instituição de educação não formal e modo com a artista joseense Pitiu Bomfin conduzia a mediação com os alunos, uma aproximação da arte contemporânea. Pitiu era responsável pelo Projeto de Artes Visuais do Recriar, o Recriarte.

Nessa instituição iniciei como estagiário, mas logo tive a oportunidade de ser educador do projeto, uma vez que por problemas de saúde familiar a artista Pitiu precisou se ausentar. Esta experiência foi incrível, pois enquanto estagiário sempre participei do processo de elaboração do planejamento, das atividades com alunos e até das montagens das 4 (quatro) exposições anuais e conversas com artistas e as crianças, visitas semestrais à exposições externas, o grande desafio foi orientar o novo estagiário, função esta que até pouco tempo eu ocupava. Como sintetizou Roldão (2007, p. 101) “o professor é aquele que ensina não apenas porque sabe, mas porque sabe ensinar” e esta dimensão do saber ensinar que comeci a perceber a partir da minha ação docente.

Paralelamente ao Recriar e a faculdade, a partir de 2013, participei do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) numa parceria com o Pibid de matemática durante 1 (um) ano e atuei como orientador artístico de desenho e pintura, na FCCR, outra grande experiência profissional e sonho realizado, pois lá em 2009 quando fiz curso de pintura com Ana da Cunha, já tinha este desejo. Ana, mesmo cursando seu doutorado em Produção Artística na Universidade de Barcelona, me ajudou a construir o projeto e lidar com as primeiras frustrações/inquietações docentes, as configurações institucionais por mais que sejam culturais eram bem diferentes das encontradas no Recriar. Além da experiência na área cultural, atuei durante 2015 num colégio particular com disciplina eletiva de arte para o Ensino Médio.

Da FCCR, guardo os olhares e apontamento da Emídia e Elaine, e diversos abraços, durante os quase 6 (seis) anos que atuei nas diferentes Casas Culturais, encontrei centenas de alunos e famílias que gostavam do meu trabalho, digo crianças e famílias, pois além de orientar oficinas para crianças em 2014 também comeci a orientar oficina de pintura para adultos e posteriormente intergeracional, em que pais e filhos participam no mesmo momento da oficina, assim como os adolescentes tinham a oportunidade de conviver por 2 (duas) horas semanais com adultos/idosos que poderiam ser até seus avós.

Refletir sobre a minha formação inicial é ir além das lembranças dos saberes curriculares que a graduação oportunizou, é sobretudo, caminhar pelas memórias das exposições que participei, do 6º lugar no 3º Prêmio: Ibema Gravura, dos artigos que publiquei e até na nova filosofia religiosa (Fé Bahá'í) que adquiri após a participação em um projeto social, que tive a possibilitar de conhecer no 1º semestre da faculdade.

## Educação básica e a escola pública: tristezas e lições da primeira nomeação

Se o período da graduação foi repleto de bons acontecimentos e aprendizados doces, infelizmente não foi contínuo, após a conclusão da graduação em Artes Visuais, algumas adversidades me aguardavam, tornando-se um dos meus maiores incidentes críticos.

Imaginava-me como um futuro aluno especial e posteriormente mestrando em arte educação numa instituição como a UNESP ou USP, todavia meu ideal pela educação básica e pública, levou-me para um município da cerca de 50 km da minha residência e com população inferior ao bairro que moro. Entretanto, ao longo da graduação participei de vários concursos públicos para professores, sendo aprovado em todos. Em outubro de 2015 recebi uma ligação e posteriormente um telegrama, de convocação para tomar posse do cargo de professor de arte da rede municipal da minha cidade natal.

Aquela ligação durante o meu horário de almoço numa terça-feira (dia de trabalho do Recriar) me fez sorrir muito, e optar por sair das 2 (duas) instituições que atuava, para realizar este sonho, deixei minha hora-aula no valor de 45,00 reais (regime de prestador de serviços), para 11,57 (regime CLT), turma de 10-15 alunos com famílias interessadas e participativas, para sala com 30 alunos e de colegas idealistas, criadores artísticos para professores mergulhando cada qual em sua realidade.

Em poucos dias ao andar entre uma escola e outra, ganhei inúmeros olhares de estranhamento. Em menos de 1 (um) mês, os sorrisos se tornaram lágrimas, a minha espontaneidade foi diminuindo e ganhando além uma ‘boa’ sinusite, inflamação de garganta e preocupações.

Por mais que eu já tivesse cerca de 3 (três) anos como orientador artístico, reconheço a entrada na carreira docente somente após a atuação na escola pública para além do PIBID, devido a diferença conceitual da prática profissional, à docência necessita de muitos outros saberes. Conforme Tardif (2002, p. 36) “o saber docente é um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experiências”. E foram esses saberes que me fizeram ter um choque de realidade, ampliando assim o meu saber docente, conforme expressa Huberman (1995).

### Uma nova oportunidade: de aluno à professor

Se a primeira experiência como professor de escola pública foi tão intensa e desafiadora, cabia, mais do que desistir ou continuar, mas sobretudo, ver outras oportunidades, o que justamente fiz. Além de ter a oportunidade de voltar ao Recriar e a FCCR no ano seguinte como fiz, optei por permitir a uma nova experiência no contexto da educação básica.

Em janeiro de 2016 pedi exoneração da escola que ficava 50km de distância da minha residência, na qual havia ingressado como professor em 2015, e optei por atuar como professor contratado na prefeitura da cidade que resido, já que era possível ter aulas atribuídas devido aprovação no concurso público, e estar colocado em quarto lugar da lista de prazo determinado e por isso, dei-me a oportunidade de realizar um novo sonho, trabalhar na escola que estudei.

Atuar nesta escola que cursei o meu ensino fundamental foi especial, pois tive a oportunidade de ter como colega de trabalho e “professora tutora” conforme idealiza Garcia (2009) a arte educadora Cidinha Almeida, que havia sido a minha professora de arte e professora no projeto “Pintura em tela” na época de estudante. Nesta escola, senti-me num processo de exploração e tentativa de encontrar onde estavam as mais de 3.000 (três mil) horas de graduação, uma vez que me faltavam ideias e estratégias de ensino e observar as orientações presentes na matriz curricular para construir o planejamento anual. Era dedicação já pensar na turma, a aula foi um processo complexo para os meus 21 anos. Destaco ainda que me deparei com a necessidade de trabalhar as 4 (quatro) linguagens em sala de aula, quando tive formação apenas em artes visuais. Foi mais que desafiador e sim uma “venda” ao sistema. Tal complexidade me levou a olhar mais para as práticas de minhas colegas de arte da Rede Municipal, entretanto, assim como eu, elas também buscavam práticas em arte educação para propor em sala de aula.

Na oportunidade a rede municipal promovia Circuitos de Boas Práticas, em que o professor que quisesse poderia compartilhar suas experiências educativas e exitosas com os demais colegas. Dessa forma, me inscrevi para compartilhar minhas ações em artes visuais que acreditava ser boas propostas de ensino. Essa ação me proporcionou uma autorreflexão, além de direcionar minhas expectativas profissionais, pois uma das participantes expressou sua percepção sobre meu perfil profissional com direcionamento para atuação como um orientador de escola.

O cotidiano em sala de aula, por mais intenso que tenha sido, trazia alegria e autorrealização, mesmo diante das desorientações institucionais, inúmeros questionamentos das famílias e da quantidade de alunos (450 estudantes atendidos por semana). Sintetizo a minha entrada na carreira a partir do que Gatti (2009, p. 98) escreveu: “os professores desenvolvem sua profissionalidade tanto pela sua formação básica e na graduação, como nas suas experiências com a prática docente, pelos relacionamentos inter-pares e com o contexto das redes de ensino”.

### **Desafios e incertezas para formação continuada: bem-vindo ao Mestrado**

A necessidade da formação continuada apareceu antes mesmo da finalização da formação inicial. A escolha do mestrado em educação, não foi um processo de eliminação do que fazer ou por disposição de agenda semanal e deslocamento/disposição para o estudo, sim por ver no mestrado profissional um repertório valioso e mais próximo da prática docente, uma oportunidade de ter novas referências e direcionar melhor as minhas expectativas profissionais.

Procurei no mestrado mais do que teoria e complementação da formação inicial, mas sim um processo de ampliação de repertório, opção por saber sobre o mundo da pesquisa e consciência do meu fazer docente.

A experiência no Mestrado foi muito além do que almejava, escrevo o final deste texto lembrando os sorrisos compartilhados e principalmente o quão cada instante foi primoroso. Do Michael adolescente que iniciou o estudo de pintura em tela no contraturno na escola ao que teve que optar pela bolsa de estudo pelo PROUNI no curso de Artes Visuais da UniVap, compreendendo as suas condições financeiras e valores familiares. O sonho idealizado e fomentado no decorrer da graduação, após um tempo de preparo para a experiência, as centenas de horas de leituras, diversas noites de escrita, incontáveis momentos de revisões e gratas surpresas, tornou-se realidade.

Muito se diz da complexidade que é ser se tornar Mestre, todavia destaco o quão minucioso é o processo, observar e agir, escrever, reescrever e revisar são ações que se tornaram cotidianas. Entre viver o agora e preparar-se para o futuro, posso dizer que parcialmente o excesso de futuro foi superado pelos instantes compartilhados.

A imersão na pesquisa com os pés demarcados no ambiente da escola, isto é, na atuação em sala de aula e posteriormente na experiência de Gestor Escolar, por mais impetuoso que possa se apresentar, foi o que fez manter-me no objetivo e felizmente finalizar antes do prazo essa experiência, que por extraordinários momentos imaginei e consolidei. Em continuidade a essa jornada, espero atravessar novos voos profissionais, tendo como escopo à docência no ensino superior, o doutorado (iniciado em 2022 na Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM), a permanência na gestão escolar, o íngreme processo de publicações relevantes e sobretudo um fazer pedagógico mais empoderado, consciente e capaz de promover relações com o saber sensível.

### **REFERÊNCIAS**

BUENO, Belmira. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. *Educação e Pesquisa*. [online]. São Paulo: v. 28, n. 1, p. 11-30, jan.-jun. 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022002000100002&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100002&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 04 jul. 2019.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (org.). *Escritos de Educação*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. cap. IV. p. 71-79.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. Tradução Vera Ribeiro. 1. ed. 1. reim. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

GATTI, Bernardete. A. Formação de professores: condições e problemas atuais. *Revista Brasileira de Formação de Professores (RBFP)*, Vol. 1, n. 1, p.90-102, Maio/2009.

HUBERMAN, Michel. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). *Vida de professores*. tradução de Maria dos Anjos Caseiro e Manuel Figueiredo Ferreira. Portugal: Porto Editora, 2. ed, 1995.

JODELET, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, D. *Les représentations sociales*. Paris: PUF, 1989. p. 31-61.

JOSÉ, Mariana A. M. De ator a autor do processo educativo: uma investigação interdisciplinar. 2011. 288 f. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) – PUC/SP, São Paulo, 2011, Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/9559>. Acesso em 29 ago. 2019.

MARCELO GRACIA, Carlos. Desenvolvimento Profissional: passado e futuro. SÍSIFO: Revista de Ciências da Educação, n.º 8, p. 7-22, jan/abr., 2009.

ROLDÃO, Maria C. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 34, p. 94-103, jan./abr., 2007.

SILVA, Michael Santos. Linguagens da Arte e a docência: dilemas e complexidades da prática educativa / Michael Santos Silva, -- 2020, 188 f. Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté, Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, Taubaté, 2020.

SHULMAN, Lee S. Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma.

Cadernos cenpec. São Paulo, v. 4, n.2, p. 196-229, dez. 2014. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/293>. Acesso 02 jun. 2020.

TARDIF, Maurice.; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. Educ. Soc., Campinas, v. 21, n. 73, p. 209-244, dez. 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302000000400013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302000000400013&lng=pt&nrm=iso) . Acesso em: 25 jun. 2020.

[1] RUSSO, Renato. Tempo perdido (composição). Disponível em: <https://www.culturagenial.com/musica-tempo-perdido-de-legiao-urbana/>. Acesso em 11 jul. 2019.

## UMA JORNADA PROFISSIONAL ARTÍSTICO-DOCENTE: “voz” pelas mãos, mãos pela “voz”

Fábio Junior Pinheiro da Silva

Creio que a entrada de uma criança na escola seja o segundo grande ritual de passagem, o segundo cruzamento de limiar, dentre tantos outros que todo indivíduo passa durante a jornada de sua vida. O primeiro é o nascimento, esse grande choque que recebemos ao sairmos de um lugar quentinho, escuro, acolhedor. E que, na velocidade de um primeiro suspiro desajeitado e violento, cuja reação é o choro copioso e sem julgamentos - um misto de canto/grito de melodia atonal desafinado e descompassado -, nossa primeira defesa ao risco desconhecido, inaugura nossa entrada a esse um tanto de coisas novas, no qual simplesmente somos enleados pelas possibilidades do devir, involuntariamente.

O segundo é a escola, onde descobrimos que há uma enormidade de jeitos distintos e diversos de ser e estar no mundo, para além da microsociedade “família e parentes”. Onde nos percebemos vulneráveis ou inatingíveis. Essa espécie de modelo social que nos prepara para o mundo externo, que nos desnuda e nos coloca, nos expõe e que, na velocidade de um piscar de olhos, nos percebemos diante de “modelos”, cujas responsabilidades são as de nos mostrar toda sorte de caminhos.

Diante de uma tela em branco e um sem número de combinações de teclas e letras, que tentarão configurar narrativas repletas da mais objetiva subjetividade, o exercício é organizar esse cá dentro intenso, essa memória que constitui esse lembrar confuso, que teima expressar em flashes um apanhado de vivências e formação de saberes – profissionais e pessoais – que almeja definir, tanto quanto possível, este hoje, essa atualidade. Aqui, este multiartista/docente, constituído de muitos ciclos sucessíveis de “saber, saber-fazer e saber-ser”, parte para o mestrado em busca de agenciar fragmentos de sua jornada que, agenciadas suas partículas, constituem seu saber na e para a arte, conforme Tardiff e Raymond (2000, p. 212). “[...] ‘saber’ [...] um sentido amplo que engloba os conhecimentos, as competências, as habilidades (ou aptidões) e as atitudes dos docentes, ou seja, aquilo que foi muitas vezes chamado de saber, de saber-fazer e de saber-ser”, é o que almejo, fenomenologicamente trazendo à consciência suas múltiplas compreensões, cursando um mestrado profissional em educação. Um multiartista/docente que se coloca agora a disposição do devir-exercício do acesso às suas memórias, intentando estabelecer, tanto quanto possível, agenciamentos que definem esse conjunto de saberes em competências e habilidades para colocar em movimento os conhecimentos discentes.

Esta escrita/memória propõe-se ser um exercício lúdico e metafórico. E por tratar-se este docente em arte, atualmente, de um mestrando profissional em educação, penso ser importante não apenas uma narrativa linear histórica como exercício, mas sim propor uma espécie de metanálise metafórica a fim de que se compreendam “porquês” nos múltiplos “o quês” – de escolhas, caminhos, ações, recuos – e de “saber” ou “saberes” que alicerçam a jornada de construção de identidade (saber-ser) e do meu saber-fazer (prática) profissional na educação para a/na arte.

Neste sentido, a trajetória artístico/docente deste pesquisador será estruturada considerando-se as 12 etapas da jornada do escritor de Vogler (2006) a partir do monomito de Joseph Campbell (1997) expresso em sua obra “O Herói de Mil Faces”, buscando construir analogias metafóricas que explicitem meu contato com arte e como essa me transformou no que sou hoje. O monomito em estações compreendem a estruturação de narrativas heroicas, inclusive de textos e histórias religiosas, de Jesus Cristo a Buda ou mesmo de religiões pagãs de outros povos. O herói, para Campbell (1997, p. 12), é “[...] o homem da submissão autoconquistada”, ou seja, é alguém, humano ou inumano, que partiu isolando-se de todos e mergulhou numa espécie de mundo especial, passando por batalhas e superações, para voltar ao mundo comum de posse do grande elixir, do conhecimento – de si mesmo ou das coisas em si. “O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas” (IDEM, p. 12). Do mundo comum ao retorno com o elixir serão aproximadas etapas significativas do autor às etapas da jornada.

## Mundo comum

No ano de 1980, no dia 22 de março, mais precisamente às 01:30 de uma madrugada de sábado, nascia em uma cidade do interior do estado de São Paulo. Primeiro neto de uma família oriunda de diversas regiões da federação – Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Paraná – sou filho de uma mãe branca e um pai negro que se conheceram mediados por uma pequena cerca que separava as duas propriedades na pequenina cidade de Iporã-PR.

O bisavô – “vovô” -, apegado às tradições populares baianas, mantém uma Folia de Reis bastante percussiva e festiva, que no mês de dezembro perambulava pelas ruas da cidade, pedindo “licença ao dono da casa” para cantar o “Santo Reis” e para fazer adentrar à morada visitada, a bandeira, uma espécie de estandarte repleta de “santinhos” pendurados e muito brilho, fitas coloridas e o nome do grupo. Os moradores das residências já podiam ouvir ao longe o surdo, a zabumba, chocalhos, pandeiros e os tambores, percutindo rítmicas sincopadas entre os “responsórios” de versos rimados, apoiando a dupla de pífaros que majestosamente tocavam melodias em sincronizadas terças – primeiras e segundas vozes. As letras igualmente eram entoadas em terças, reforçando essa característica intervalar deste tipo de musicalidade.

A memória que trago de toda essa “boniteza”, numa perspectiva freireana, é a de uma criança que chorava de medo de toda essa “batucada”. E no meio desta espécie de recusa antecipada a esse universo musical natural popular, vivia eu neste mundo comum inventando histórias com tocos de lajota, em vez de brincar com os tratores e ônibus de brinquedo industrializado. E assim, entre primos e parentes, meu mundo comum compreendia o mundo todo como brincar, imaginar e correr/saltar, acreditando que podia até mesmo voar e que, por mais que tivesse a consciência de que era parte de uma família profundamente musical, de alguma maneira recusava essa realidade.

## O chamado à aventura

Em 1987, três anos após a “idade das trevas” da ditadura militar, inicio a primeira série. De mochila feita de calça jeans ou de napa nas costas, o “Chamado à Aventura” ao conhecimento transcorria naturalmente até que alguns aspectos passaram a ocorrer. Aulas de arte – ou melhor, de Educação Artística - se resumiam a pinturas mimiografadas, lembrancinhas para o dia das mães, dos pais, do dia do índio, da árvore, dia disso, dia daquilo, jograis de poesias retiradas das cartilhas ou de alguma redação que alguém havia escrito e se destacado.

Aulas de música se resumiam a cantarmos todos os hinos nacionais, todos os dias, de todas as espécies, enfileirados debaixo de um sol forte do interior. Ou fazendo “chocalhos” com potes de iogurte, com arroz, feijão, o cardápio todo. E a família “Pinheiro da Silva” seguia musical – moda de viola, música caipira, música sertaneja, brega e, óbvio, a Folia de Reis pedindo “licença ao dono da casa” para “cantar o Santo Reis”.

Neste constante processo de desenvolvimento entre os âmbitos família-escola-sociedade, a arte era bastante presente, porém, de maneiras extremamente distintas. Na família, a influência era extremamente regional e brasileira, com momentos sem televisão ligada na sala para que a música tivesse seu espaço após o jantar com todos à mesa. Na escola, esta vinha de maneira obrigatória, sem contextualização. E na sociedade, a música se resumia ao que o mercado fonográfico permitia e fornecia de maneira massificada, seja por influência da TV ou nas missas, que todos os sábados íamos caminhando em conjunto para participarmos. O chamado à aventura do autoconhecimento deu-se em uma situação bastante peculiar: o convite a uma gravação.

## A recusa do chamado

Meu pai, que adorava gravar músicas em fita K7 o que compunha ou o que cantava com seus companheiros – sabendo fazer uma segunda voz como ninguém e sendo capaz de ficar horas e horas (não antes de pedir para desligarmos a televisão), tocando seu violão - com progressão de baixos ou improvisação livre – me pediu que gravasse com ele, uma música. A escolha do repertório foi o hino nacional (resultado das aulas de Educação Moral e Cívica) e, após ouvir o resultado logo na sequência, a escolha passou a ser uma só quando solicitado: falar o mínimo possível.

Ficou registrado por um momento naquela fita a constatação do que me era todos os dias apontado em sala de aula: um menino de voz aguda e que por isso, enfrentava alguns estigmas, algumas identidades sociais virtuais, de acordo com Goffman (1993). Assim sendo, a opção foi falar o mínimo necessário, recusando-me inclusive a expressar-me em certas circunstâncias.

## A visita do mentor

O que aliviava todo este processo, se assim podemos dizer, eram as aulas de cerâmica – fiquei bom no negócio – em torno elétrico e tudo que passei a fazer aos 11 anos, ou seja, pude transferir para minhas mãos a expressão do “meu cá” interno e, com isso, precisaria falar o mínimo possível. A “fessora” Terezinha – a “Tê” para os alunos – era boa e adorava, dizia ela, a minha destreza com os vasos, desde a preparação da argila até os acabamentos e “torneadas” com ferramentas, antes da queima no forno.

Com as aulas de música inexistentes nas aulas de Educação Artística, ao mesmo tempo com a certa “recusa” – juro que não sei o porquê disso – à chamada “música popular” tradicional da família, as idas à missa “a pé” eram divertidas. Na hora dos “cânticos” de letra escrita nos folhetos, acompanhava baixinho afinadamente as melodias. De repente e deliberadamente, as cantava “desafinadas” de propósito tentando lograr um timbre “mais grave” à minha tímida performance. Enquanto isso, na escola, os “potinhos” de iogurte acompanhavam as pausas da famosa música “A Bandinha da Escola” que cantávamos em coro uníssono como refrigerio das intermináveis sessões de hinos e mais hinos, hora acompanhado por um disco riscado, que pulava a agulha e chiava mais que tudo, hora por uma fita K7 que teimava enroscar no aparelho “3 em 1” ou mesmo “a capella” – não as vezes sem o acompanhamento dos barulhentos “instrumentos” construídos nas aulas de Educação Artística.

Por outro lado, um tipo específico de música me chama a atenção em um dos intervalos comerciais das novelas das oito: uma linda melodia tocada por um instrumento que sequer sabia o nome, descobrindo mais tarde que se tratava de um violino e a bela melodia que eu passei a amar ouvir era a “A Primavera”, das quatro estações, de Antonio Vivaldi, nos comerciais de um sabonete. Mulheres mascaradas, com roupas esvoaçantes, desfilavam em câmera lenta, enleadas por linda melodia que buscava imitar, programaticamente, “o canto dos pássaros” que anunciam a estação das flores. Sabe-se lá o porquê, aquele que não queria mais falar passou a se interessar pela música “eurocêntrica”, negando suas influências tradicionais brasileiras. Sexta série até o meio do semestre vem a “Visita do Mentor” para encorajar aquele que não queria falar: a mudança de bairro. Nova escola, novo bairro. Estudando a noite, tudo era novo. Vizinhança, terra batida esperando o asfalto que chegaria dois anos mais tarde e a imaginação fruindo e fluindo como nunca. Vem a sétima série e tudo soa mais novo ainda: “a voz” desce uma “oitava na mistura”.

## Travessia do primeiro limiar

Num rompante não planejado, aquele que não queria mais falar passa a se sentar mais ao “fundão”, estabelece conexão com companheiros de classe que o chamavam, vejam só, pela primeira vez, pelo nome. Na mesma época, fui matriculado em um programa para jovens aprendizes no mercado de trabalho. Após um curso bastante detalhado – já com dois anos de Datilografia, o suprássimo da época, mas já meio defasado por conta do advento da informática – começo a trabalhar como menor aprendiz em uma empresa.

Na oitava série, me matriculo no curso noturno e lá sou convidado a fazer uma peça de teatro no pátio da escola, muito simples, inclusive sem fala. Entretanto, cabe ressaltar, que a iniciativa não surgiu de uma demanda de alguma disciplina específica da escola. Com uma vela na mão e tremendo bastante, deu-se ali a minha espécie de “estreia” como ator. No mesmo ano, o professor de português, e não o de “arte”, nos encorajou a fazermos uma dramatização de um poema sobre frutas e, um pouco menos nervoso, tive minha primeira frase sendo estranhamente o “limão” de uma salada de frutas, descrevendo orgulhosamente suas características de alguém “azedo”. O máximo!

Trabalhando na empresa, “a voz” aos poucos foi deixando de ser um problema, porém, a questão “corpo” meio que se robotiza. Sob o apelido de “Robocop”, após ler no principal jornal da cidade que estavam cooptando atores amadores para um importante e grandioso espetáculo feito em praça pública no centro da cidade, dá-se ali a minha “estreia” de fato, com direito a uma personagem com fala e tudo e, mesmo de corpo “robotizado”, sou recebido no primeiro dia de ensaio com um abraço de bem vindo e um beijo no rosto. E aquilo marcou. Me vi diante de uma espécie de portal para um tipo de mundo especial de autoconhecimento: a arte do fazer algo para que alguém veja.

## Testes, aliados e inimigos

Pela primeira vez me senti de fato querido e bem vindo em um lugar. E passei amar com todas as forças este lugar. Passei a querer provar que eu podia falar e “a voz” começou de fato a deixar de ser um “problema”. Ou melhor, passou de um problema para outro, bem menos “grave”, se assim podemos dizer. Eu passei a querer falar alto demais tudo, pressuposto importante para o teatro, mas com muita, muita força que chegava a ser grito. Era tão forte, mas tão forte que, além de ser o “Robocop” de corpo duro, passei a ser chamado de “O Trovão”.

E assim veio o ensino médio, mudando novamente de escola no primeiro ano. Mudando uma vez mais, o desejo de abandonar o dispositivo que até então me apontou o problema (“a voz”), feito à fatídica e “diagnosticante” gravação da velha fita K7, para me dedicar àquilo e àquele lugar novo recém-descoberto - o teatro - que me acolheu feito útero de mãe, era tamanho que só desejava terminar rápido o ensino básico para viver e respirar/falar apenas no e para ele: o teatro.

Dois anos mais tarde, ainda trabalhando como menor aprendiz na empresa, começo eu a ir a pé até o centro da cidade, pois passei a fazer aulas de música. Fui à busca do misterioso instrumento, o violino, que imitava tão bem o cantar dos pássaros anunciando a primavera após longo período de inverno e, decepcionado, descobri que não havia mais vagas para este. Chamado meio de lado por um professor, fui convidado a conhecer um instrumento parecido com o violino, porém, um pouco maior e com som doce e mais suave – a viola de arco. Curioso por mais este elemento que constituía esse mundo especial das artes no qual estava imerso, passei a enfrentar uma caminhada dura e rápida, precisa, ao menos dois dias na semana, nas duas horas de almoço que eu tinha, para fazer aula de viola de arco. E mais uma paixão nascia ali: a possibilidade de não falar gritando por meio de um mediador, um instrumento musical, que imita a voz humana, a viola ou “alto”. Uma vez mais, desta vez não coagido por medo, eu podia escolher controlar e aprender a usar minha voz no teatro, não falando com tamanha força feito um “trovão” ou quieto, me comunicando por meio de uma interlocutora sofisticadíssima, um instrumento de orquestra.

## Aproximação da caverna oculta

Cada vez mais encantado por este mundo mágico, repleto de testes ao apresentar diante de públicos cada vez maiores, bem como juntamente com outros músicos em orquestra, minha segunda casa, terminado o ensino básico, passa a ser o teatro e a música. Chegava pela manhã na escola municipal de cultura e arte da cidade e na oficina cultural do estado recém inaugurada e ali me instalava, fazendo uma multiplicidade de cursos, oficinas, workshops, rodas de conversa, pesquisas, ensaios, estudos de métodos de música – arcadas, pizzicatos, concertos. Etc. – e aulas de teatro à noite, sempre cercado de companheiros e companheiras que gozavam do mesmo ímpeto em descobrir cada vez mais esse universo.

A empresa na qual trabalhava abriu falência, aos dezoito anos não fui registrado e decido, definitivamente, que seria artista. E um multiartista, pois sempre ouvi de mestres em muitos dessa multiplicidade de cursos realizados que, para ser artista neste país, deveria abrir muitas fontes e possibilidades. Imbuído dessas referências – instrumentista, ator, dramaturgo, educador social, recreador, animador de festa e tudo mais – aos 20 anos passo a desejar mais. Vem a dúvida: ir para a Unicamp – grande referência de quem mora no interior de SP – ou ir para Tatuí fazer um curso de canto lírico/capital SP, para entrar em um importante Centro de Pesquisas Teatrais – CPT, coordenado por um importantíssimo diretor teatral? Inscrito em processo seletivo, de um dia para o outro descobro que preciso estar na capital do estado para, no dia seguinte, iniciar não apenas no curso de iniciação à pesquisa do ator, mas também na companhia, que estava montando uma tragédia grega.

De viola embaixo do braço e alguns poucos agasalhos, parto para a capital para morar com uns primos distantes que foram importantíssimos para que eu pudesse chegar àquela cidade que não costuma ser muito acolhedora com quem chega de fora. E a constatação de que esta cidade demora um longo tempo para começar a se interessar em saber quem você é ou de onde veio começa a se fazer realidade. Fico dois anos na escola de formação, saio – ou sou saído – e lá vou eu tentar ganhar dinheiro nesta metrópole cheia das garras de fora no mínimo descuido, quer como artista, quer como professor de artes.

## **Provação**

E assim se inicia meu incurso profissional na cidade onde tudo acontece. Após sucessivos processos de verdadeiras provações, trabalho com importantes diretores da cena teatral brasileira e internacional, mantendo paralelamente uma carreira como músico – instrumentista e cantor lírico. Passei ainda a dar aulas de teatro e música. Morei igualmente fora – Argentina e Chile – e, de alguém que deliberadamente renunciou falar em público, passa a falar em outras línguas e a expressar sua arte de múltiplas formas. No entanto, ser imigrante em outro país é extremamente difícil.

De volta ao Brasil, passo a trabalhar com dublagem e a dar aulas em projetos, bem como a trabalhar com público de terceira-idade como arte-educador.

## **Recompensa**

Cada dia mais dentro da sala de aula, tive uma primeira experiência na educação básica como professor de arte e música. Porém, essa experiência não durou muito. Talvez por não ter boas memórias deste processo de escolarização ou mesmo por não querer repetir os mesmos insucessos com as aulas de arte que tive, fico um pouco menos de dois meses nessa experiência e decido deixar por hora este espaço, pois me sentia sem capacidade para ali estar.

Embora repleto de experiências práticas com trajetória artística interessante e prática de sala de aula com distintas faixas etárias e públicos, me senti frágil naquele espaço. Investi forças no ensino não-formal de arte, com trajetória interessante, repleto de muitas oportunidades justamente por múltiplas habilidades que tinha, porém, aquela experiência malsucedida, se assim, podemos dizer, me chamava à consciência.

Assim sendo, no intuito de organizar os saberes docentes, conforme Tardiff e Raymond (2010), sobretudo o saber-fazer, decido que está na hora de retomar os estudos: entro na universidade para cursar licenciatura em música e foi como entrar novamente em um mundo especial: conheço de perto a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – e, completamente tomado por alguma espécie de recompensa, decido aprofundar meus saberes resgatando toda a minha trajetória, almejando buscar alguma espécie de por que não havia conhecido esse universo antes. Passo a pesquisar as inter e intrarrelações entre a arte e os surdos.

## **Retorno ao mundo comum**

Não sendo o bastante, a busca por conhecimentos na graduação, que aliassem toda uma trajetória artística prática às práticas docentes de ensino de arte com foco nas deficiências, sigo em âmbitos superiores de pós-graduação e especializações, ampliando as possibilidades e as aprendizagens docentes para os surdocegos, bem como aproximando possibilidades linguísticas com minhas experiências com o espanhol. E é isso que almejo em meus planejamentos: oferecer aos meus alunos o máximo de referências possíveis a fim de que eles possam conhecer o contraditório do sempre reforçado na vida de todo artista: “mas você trabalha com o quê?” Mostrar para eles que existem múltiplas e rizomáticas respostas coerentes, conforme Deleuze e Guattari (1995), para perguntas “árvore”, repletas de raízes pivotantes e linhas duras, que jamais almejarão serem de fuga, no máximo, flexíveis.

No mínimo lampejo de desejo expresso por algum aluno, que queira ser artista, meu ímpeto é e sempre será o de encorajar feito um mentor/mestre que vá adiante e, pelo menos, tente, sem antes, obviamente, dizer que não é fácil, mas que tampouco quaisquer profissões neste mundo são fáceis. Sobretudo neste mundo tão rápido e dinâmico feito este, destes tempos contemporâneos. E não sem um retorno ao mundo comum: a tradição familiar regionalista. Além da música “eurocêntrica”, abrindo cada vez mais os retornos à brasilidade, que tanto me alimentaram desde sempre, seja como artista ou docente, busco pontos de rupturas a-significantes no complexo de rizomas que constituem todos os saberes.

## **Ressurreição**

Consciente de que a missão é a de encorajar feito um mentor jovens atentos às possibilidades para/com e na arte, eis que o lato sensu não basta mais. Basta de abertura de tantas arestas e que se estreitem os desafios, as dificuldades e possibilidades, retornando ao universo da pesquisa. Desta vez não mais apenas a do ator ou

a do artista, agora a do professor, do “em si” do professor, do profissional docente pesquisador que, ansiando por mais “saber, saber-ser e saber-fazer”, de acordo com Tardiff e Raymond (2000), almeja retornar ao mundo comum com o elixir em mãos, com o conhecimento sobre o como a arte deu mãos à autotransformação.

Consciente do ser-professor e não mais do estar-professor de um artista de carreira, é que o desafio de aprofundamento de conhecimentos em um mestrado surge como possibilidade.

### **Retorno com o elixir**

Esta etapa ainda não está cumprida, pois eis que o filme ainda não terminou. O “herói”, de mil faces, artista-docente, ainda segue a jornada rumo ao retorno, cujo elixir será o conhecimento deste mestrado e posterior doutoramento. Cá segue este artista inquieto, rizomático, que desde o princípio levou muito a sério a coisa de que, para ser artista neste país, é necessário que façamos muitas coisas, que saibamos encontrar oportunidades em poucas oportunidades. Seja nas mãos, que fazem “ouvir” os que “não tem” voz ou no toque daqueles que “não podem” ouvir nem ver, a arte é viva e rompe desafios e dificuldades. E é isso que almejo: ser um professor, um verdadeiro “profissional docente” que cria possibilidades. E multirreferencial, ávido por ter ideias, siga inspirando jovens artistas. Assim espero devolver à sociedade os meus muito achados nesta jornada do professor docente de música, teatro, dublagem, canto, etc. e etc., tanto quanto possível, sendo mestre. Depois, doutor, depois.... depois... e depois, infinitamente depois, assim seja!”

A identidade e o desenvolvimento profissional do pesquisador estão intimamente ligados aos seus processos vividos e claramente isso se expressa em sua prática docente, seja dentro ou fora da sala de aula. “A voz”, que parecia ser um problema, tornou-se o principal veículo de trabalho por meio do qual intenta em seus processos de ensino e aprendizagem dar legitimidade à outras vozes atentas à possibilidade de na arte encontrarem seus rumos. E por meio dela transformarem-se: a si próprios, aos outros, aos lugares, enfim, seja o que for. Sendo assim, salve, “Santo Reis”; assim, pedimos “licença ao dono da casa” rumo ao autoconhecimento de suas próprias jornadas. E seguem os pífaros... em terças... genuína e docemente a tocarem, com os palhaços-guardiães, a duelarem a “batalha” do conhecimento docente!

### **REFERÊNCIAS**

CAMPBELL, J. O herói de mil faces. Tradução Adail Ubirajara Sobral.

CULTRIX/Pensamento. São Paulo. 1997. 416 p.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. — Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995 94 p. (Coleção TRANS)

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. Educação escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003.

TARDIFF, M. RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. Educação & Sociedade, ano XXI, no 73, Dezembro/00. P. 204-244

VOGLER, C. A Jornada do Escritor: estruturas míticas para escritores / Tradução de Ana Maria Machado. - 2.ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006

## O PODER MÁGICO DA ARTE

Fabiana Alves de Almeida

A narrativa supõe uma sequência de acontecimentos, é um tipo de discurso que nos apresenta com a possibilidade de dar à luz o nosso desejo de os revelar. Podemos dizer que a narrativa comporta dois aspectos essenciais: uma sequência de acontecimentos e uma valorização implícita dos acontecimentos relatados. E o que é particularmente interessante são as muitas direções que comunicam as suas partes com o todo. Os acontecimentos narrados de uma história tomam do todo os seus significados. Porém, o todo narrado é algo que se constrói a partir das partes escolhidas. Essa relação entre a narrativa e o que nela se revela faz com que suscite interpretações e não explicações – não é o que explica que conta, mas o que a partir dela se pode interpretar. (PRADO; SOLIGO, 2005, p.03)

A Arte é uma ferramenta poderosa, na qual o ser humano manifesta suas emoções, é uma forma antiga de comunicação. Ela tem uma função social, pois por meio da Arte, características históricas e culturais de um povo revelam-se provocando reflexão. Biesdorf e Wandscheer (2011, p.02) afirmam que “O ser humano se expressa por meio da arte desde os tempos mais remotos; a expressão artística é a forma que o homem encontra para representar o seu meio social”.

A Arte sempre esteve presente na minha vida e, certamente, fez toda a diferença no modo como compreendo e me relaciono com o mundo. Na minha casa, ela surgiu de forma sutil, quando meu pai me convidava para ouvir músicas com ele na vitrola, para nós, uma “sonata”. Aqueles discos de vinil embalavam nossos sábados e domingos. Ainda ouço e gosto muito de Roberto Carlos, Benito de Paula, Evaldo Braga e o acordeom de Mário Zan. Essa lembrança de afeto e música é muito presente em minha memória.

Figura 1: Discos do acervo familiar



Fonte: Elaborado pela autora.

Coutinho (2014, p. 145) pontua como se compõe uma história: “Carregamos nossas vivências em nossa memória, mas elas só passam a compor uma história e tornam-se experiências no momento em que nos dispomos a refletir, a relacionar e a tecer nossas singularidades”. A tentativa aqui é resgatar por meio da reflexão essas histórias.

Outra oportunidade artística que eu e meus irmãos tínhamos era quando meu pai se reunia com seus amigos, ele no pandeiro, alguns no violão, sanfona e outros no “surdão”, um tipo de tambor que chamava muito a nossa atenção, adorávamos ouvir e tocar. Sem dúvida toda aquela cantoria e aqueles instrumentos aliviavam nossas preocupações de criança (esse foi o auge do alcoolismo do meu pai e arte era um refúgio para nós).

Lembro-me de minha mãe, uma mulher muito comprometida com a nossa educação, ainda que sem instrução acadêmica na época, ensinava a gente a escrever “versinhos”, usávamos o “papel de pão”, ela ensinava a escrever e a decorar com flores e folhas.

A infância nos anos 80 foi muito rica, podíamos brincar na rua com os/as vizinhos/vizinhas sob os olhares atentos da nossa mãe, que trabalhava em casa e também de outras mães que se sentiam responsáveis por todas as crianças. Nesta época, ainda não existia a internet e as brincadeiras de rua promovia muita interação e desenvolvimento motor e cognitivo.

Na nossa vizinhança tinha um casal que não tinha filhos, no entanto, gostavam muito de criança. Este casal organizava gincanas para a turma da rua toda, o nosso grupo era grande e tinha espaço para todos e todas, fazíamos teatro, dança, musical, dublagem, jogral, pintura e arrecadação de alimentos para aqueles que precisavam. As linguagens artísticas, dança, artes visuais, teatro e música estavam presentes, além da cidadania e empatia.

Tudo era realizado com muita seriedade, nossos pais assinavam uma autorização, podiam acompanhar os ensaios, que eram realizados todos os dias depois da aula. Eu participava do teatro, quase sempre como protagonista, pois tinha muita facilidade em guardar os textos, também dublava músicas, eu amava fazer parte desse “clubinho”. A culminância era uma apresentação para toda a comunidade, que se envolvia na colaboração com os figurinos e presentinhos aos/as participantes. Foi uma época muito boa e feliz. Este casal depois de um tempo se separou e perdemos o contato.

A nossa vizinhança era cheia de riquezas, tinha um senhor que contava história de assombração em volta da fogueira que fazíamos no mês de junho para a nossa festa junina comunitária. Meu pai fazia os ensaios da quadrilha e minha mãe junto com os/as demais vizinhos e vizinhas cuidavam da decoração da rua e dos comes e bebes. Foram doze anos realizando esta festa que cresceu e ganhou interesse de outros bairros. Era uma felicidade participar dos ensaios e ajudar na construção dos enfeites juninos. No dia da festa todas as crianças se reuniam cedo para colaborar com a decoração.

Em uma oportunidade fui a uma festa junina de outro bairro com os meus tios, na qual teve várias apresentações, estava muito boa a festança e em um determinado momento o locutor da festa perguntou se alguém queria se apresentar, eu me manifestei. Usei figurino dos organizadores e cantei uma música da Sula Miranda. Esse episódio ainda é contado e recontado nos almoços de família.

Na época dessa apresentação citada eu cantava com meu irmão e um vizinho, nós três tínhamos entre 10 e 11 anos, os dois tocavam violão e eu era a cantora do trio. Infelizmente, o nosso vizinho sofreu um acidente automobilístico com sua família, assim como sua mãe, ele faleceu. Meu irmão não quis mais tocar violão e eu parei de cantar. Já na adolescência eu fui aprender a tocar violão, mas a lembrança do nosso amigo e a tristeza do irmão não me permitiram continuar. Nas festas da casa minha mãe sempre cantamos, mas não mais como nesse período.

Minha mãe sempre celebrou a vida e tudo na nossa casa era motivo de festa, todas as datas comemorativas eram realizadas encontros memoráveis com os familiares e vizinhos. Os aniversários nunca passaram em branco e dessa feita, ela queria registrar tudo o que podia, logo a fotografia estava sempre presente. Por conta disso desenvolvi um gosto também pela fotografia, na faculdade tivemos noções básica para compor uma boa foto. Em 2019 fiz um levantamento de algumas fotos das festas e organizei dois banners de presente a minha mãe.

**Figura 2:** Banner da família



**Fonte:** Arquivo pessoal

Na Educação Básica participava dos eventos, como show de talentos e gincanas, no qual a Arte, evidentemente, estava presente. Comecei a escrever poemas na adolescência e recitá-los sempre que tinha oportunidade nestes eventos escolares. Fiquei muito encantada com o poder das palavras a fim de expressar nossos sentimentos e as Figuras de Linguagem ganharam muito destaque para mim, elas são ferramentas poderosas do/da poeta/poetiza. Neste período, por ser uma leitora e gostar muito de ler e ouvir histórias fui me tornando uma contadora de histórias.

No antigo ginásio tínhamos aula de Educação Artística, era uma aula deliciosa, no qual eu aprendi a usar o compasso e fazer rosácea. Em todos os meus cadernos tinha rosácea de diferentes tamanhos e cores, fazia também para os/as colegas de turma.

Ainda nesta época fui fazer aulas de teatro na Escola Municipal de Artes - Fêgo Camargo da cidade de Taubaté, no entanto, eu achava tudo muito “solto” e, talvez fosse esta a proposta, eu não me adaptei ao modelo. De qualquer forma, observei muito e, certamente, trouxe algumas orientações para minha vida.

Falando novamente sobre minha mãe que sempre foi envolvida com atividades na igreja e eu a acompanhava e fui me envolvendo com várias atividades. Conteí “historinha” na missa por 14 anos junto com outras pessoas, em especial com a Silvia, uma parceira do coração, atuamos muitas vezes juntas e tínhamos uma capacidade de improvisação e inovação maravilhosa, criamos personagens, figurinos, coral, narrativas curtas e longas. Era divertido e emocionante! Gostávamos de envolver outras pessoas!

**Figura 3:** Historinha do Dia dos pais.



**Fonte:** Arquivo pessoal

Minha mãe tinha um olhar clínico para tudo que acontecia ao seu redor e, portanto, percebeu a necessidade que o nosso bairro tinha em ter atividades esportivas, culturais e lúdicas, uma vez que a criminalidade e a violência estavam tomando conta. Ela e mais seis pessoas iniciaram um trabalho embaixo de um ipê amarelo e, posteriormente conseguiram um galpão. Hoje o Projeto Esperança tem 25 anos, e seu quadro é composto por voluntários/voluntárias e profissionais. No começo contava somente com voluntários e eu era uma voluntária, organizava teatro, coral, momentos de leitura com as crianças e adolescentes atendidos pela instituição.

Na vida adulta, já formada e trabalhando como eventual em todas as etapas da Educação Básica, fiz muita contação de história, em especial para a Educação Infantil e um sexto ano, no qual tinha mais de 40 alunos, descobri que a história despertava muito a atenção deles e lancei mão deste recurso lúdico e pedagógico e, para tanto, passei a criar as próprias histórias, especialmente, lendas urbanas, lançar mão desta estratégia coloca em destaca os saberes experienciais que Tardif (2002, p. 39) esclarece “Esses saberes brotam da experiência e são por ela validados”. Esses “saberes práticos” contribuíram muito com meu cotidiano docente.

Criei uma história intitulada “O arrasta perna”, é uma história de assombração e terror e que fui aumentando à medida que percebia o interesse da turma, ficou uma história longa, cheia de suspense e surpresa, eles e elas amaram. Como a história fez muito sucesso com a turma do sexto ano, na qual eu havia contado, eles e

elas começaram a comentar na escola de um modo geral e sendo assim todos e todas queriam ouvir a história, logo acabei contando para toda a escola. Inclusive, fui contar até em outra escola vizinha. Um dia encontrei um aluno na 3ª série do Ensino Médio que lembrou da história e queria ouvir novamente!

**Figura 4:** Contação de história



**Fonte:** Arquivo pessoal

Sempre gostei da caracterização, desta forma muitas vezes me caracterizei para realizar a contação de história, a Arte tem esse poder mágico de nos transformar e permitir que sejamos outros. Como não tive nenhuma formação específica, fiz vários cursos livres sobre contação de história e convivia diariamente com uma contadora que sempre me ensinou muito, como técnicas, repertório, escolhas do gênero a ser trabalhado, minha amada Margareth.

Levei também para o espaço acadêmico a Contação de História como um recurso lúdico e de aprendizagem significativa, uma vez que por meio da história o/a docente alcança a criança de uma forma muito prazerosa. E para tanto, além de outras personagens a Emília de boneca de Monteiro Lobato sempre esteve presente neste trabalho, ela é muito encantadora e tem muito a dizer, por isso dar vida e voz a essa boneca é uma oportunidade única de promover a magia.

**Figura 5:** Atuando como Emília no Curso de Pedagogia



**Figura 6:** Atuando como Boneca de lata no Curso de Pedagogia



**Fonte:** Arquivo Pessoal

Eu acredito muito no poder da história, por seu caráter lúdico e pedagógico, Busatto, (2012) esclarece:

Ao contar histórias atingimos não apenas o plano prático, mas também o nível do pensamento, e, sobretudo, as dimensões do mítico-simbólico e do mistério. Assi, conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para a nossa existência e reativar no sagrado. (BUSATTO, 2012, p. 45-46)

A história tem o poder mágico de nos conectar com o mundo e, principalmente em formar e inspirar no ser humano diversos caminhos, opções de escolhas e naturalmente no levar aos livros, este instrumento rico que amplia horizontes e possibilidades.

Segundo Abramovich (1995, p. 16), “as histórias são importantes para a formação de qualquer criança, é necessário ouvir muitas histórias. Escutá-las, leva o início da aprendizagem para ser um leitor de descobertas e compreensão do mundo”

Ainda como professora eventual, fui convidada para ficar com uma licença de Arte, infelizmente, não conseguiram um profissional habilitado. Essa professora que eu iria substituir estava com sérios problemas familiares e se afastou por vários meses. Ela dividiu o que podia comigo, além de ser uma professora antiga na escola, ela era muito querida por todos/todas e bastante comprometida.

Eu lecionava para o Fundamental I e Fundamental II no período matutino e vespertino, procurava oferecer uma “aula de Arte”, trazia atividades e dinâmicas que oportunizasse situações de aprendizagens cognitivas, sociais e motoras. Dentro de minhas limitações, mas com muita boa vontade dei muito espaço para a criação, uma vez que a professora titular oportunizava estes momentos. Fizemos um quadro com produções artísticas com os nomes, as crianças e os/as adolescentes gostaram e se envolveram muito com essa atividade.

[...] direito de escolha, direito a se reconhecer como um sujeito que faz e que pensa, que assina sua obra, que é agente criador e transformador – e possibilitam, também, a relação de respeito mútuo em que se tornam possíveis as trocas e compartilhamentos de vivências entre diferentes universos sociais. (SILVA e CARRARO, 2014, p.239)

Eu realmente acredito que a Arte promove saúde e qualidade de vida, oportuniza que todos e todas se manifestem, bem como possam fazer inferências diversas a partir da observação de uma obra construindo novas possibilidades. Como tive poucas oportunidades de acesso à Cultura e Arte, era por meio da televisão do canal da Cultura que eu conhecia e entrava em contato com esse universo mágico do teatro, da música, dança, da pintura. Assisti muito o programa humorístico dos “Trapalhões” e o programa infantil “Ratimum”.

Diante do quanto esse universo me tocava, decidi fazer o curso de Letras e optei por Literatura, uma vez que os livros, as histórias e as diferentes culturas sempre me despertaram a atenção. Foi na faculdade que tive oportunidade conhecer museus, exposições de Arte, entre outras atividades culturais. A partir dessas experiências, percebi que o meu o senso estético, minha criatividade e a sensibilidade foram ganhando mais destaques em minhas ações e escolhas. Tive um encantamento especial com as obras de Jean-Baptiste Debret, em especial as obras que compõem a Viagem pitoresca e histórica ao Brasil, publicado de 1834 a 1839.

A professora Rachel por meio da disciplina História da Arte e Cultura Brasileira ampliou muito o meu pequeno mundo artístico, além de promover muita reflexão, é bem provável que o embrião do meu projeto com tema da Educação Antirracista estivesse nascendo nestas aulas tão significativas para mim. “[...] que a arte adquire novos conceitos em cada período, modificando a forma do homem ver e pensar o mundo” (BIESDORF; WANDSCHEER, 2011, p.03).

Ainda na faculdade fui arrebatada pela “Semana de Arte Moderna” de 1922 que foi um divisor de água para a cultura brasileira, trazendo uma nova “roupagem” para a Arte do país, pois o Movimento Antropofágico causou inovações estéticas.

Fui me envolvendo cada vez mais com Arte de modo que não podia mais viver sem, e tudo o que eu podia acompanhar que fosse relacionado eu buscava participar e consumir, desse modo, me encantei também pela sétima arte e tornei me juntamente com meu companheiro telespectadores fiéis do cinema... Com relação ao teatro eu tinha um sonho de assistir o Fantasma da Ópera que consegui realizar.

**Figura 7:** Hall do teatro Renault

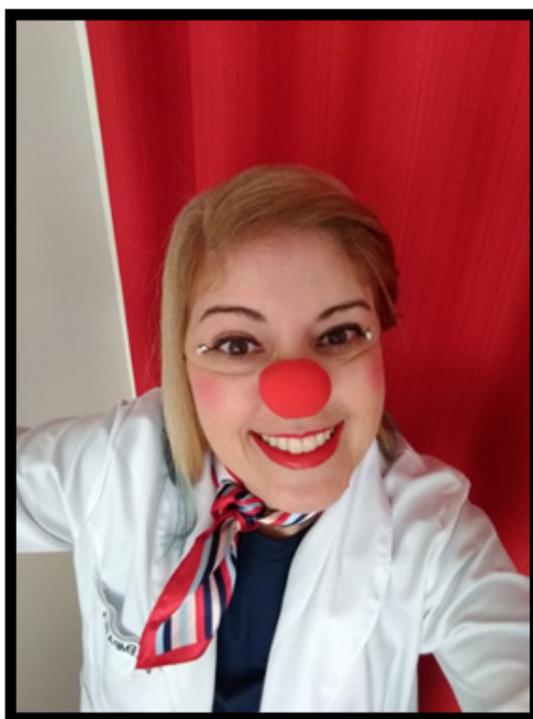


**Fonte:** arquivo pessoal

Diante das possibilidades que a Arte proporciona, a enxergo além de uma necessidade humana, como uma ferramenta de cura e, por isso eu queria muito ser palhaça de hospital. Em 2017 depois de esperar por muito tempo a instituição Plantão do Riso de Taubaté abriu inscrição para novos/novas voluntários/voluntárias, eu me inscrevi, fui aceita e por ano e quatro meses passei por um treinamento que envolveu técnicas da palhaçaria e rotina do hospital.

A partir desse mergulho no mundo da palhaçaria, começou a construção da minha personagem e eis que nasce a Dra. Empatila, formada na Universidade das Emoções, credenciada da Corporação Internacional Power Coração Feliz. Sua especialidade é arte do bem viver, a empatia e amor. Ela adora viajar pelo Vale do Paraíba.

**Figura 8:** Preparando para atuar no Hospital



**Fonte:** Arquivo pessoal

## REFERÊNCIA

- ABRAMOVICH, F. Literatura Infantil. São Paulo: Scipione, 1995.
- BIESDORF, R. K.; WANDSCHEER, M.F. ARTE, UMA NECESSIDADE HUMANA: FUNÇÃO SOCIAL E EDUCATIVA. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/20333-Texto%20do%20artigo-84784-1-10-20120926.pdf> Acesso em: 24 ago. 2021.
- BUSATTO, C. Contar e encantar: Pequenos segredos da narrativa. – 8.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- COUTINHO. R. G. Vivências e experiências a partir do contato com a arte. 2009. Disponível em: <https://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/Administracao/Anexos/Documentos/220130821152309ideias%2031%20re-jane%20coutinho%20pags%20143%20a%20158.pdf> Acesso em: 11 ago. 2021.
- PRADO, G.V.T.; SOLIGO, R. MEMORIAL DE FORMAÇÃO – quando as memórias narram a história da formação...2005. Disponível em: [https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf\\_memoriais13.pdf](https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf_memoriais13.pdf) Acesso em: 11 ago. 2021.
- SILVA, C. R.; CARRARO, L. E. A arte da sobrevivência ou sobre a vivência da arte. Comunicação, Saúde, Educação [online]. 2014, v. 18, n. 48, p. 237-243. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/icse/2014.v18n48/237-243/pt>
- TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 325p.

O presente memorial tem por escopo apresentar uma narrativa autobiográfica sobre a representação da arte em minha infância e do processo até meu desenvolvimento profissional, passando pelas experiências do estágio na Educação Básica, passando pela minha graduação até a chegada à pós-graduação stricto sensu que ora estou realizando. Ao discorrer sobre o tema, procuro buscar em mim o que me motivou a escolher a profissão de professora e o desejo de fazer a diferença para a Educação Inclusiva com as práticas realizadas em sala de aula. A incumbência de escrever sobre minha trajetória como Arte Educadora na Educação Básica me exigiu uma busca complexa, pois ainda estou me descobrindo e redescobrimo como profissional, devido ao pouco tempo de exercício da função. A cada escrita venho a refletir sobre mim mesma e sobre minha prática. Afinal, como disse Frida Kahlo, “eu sou a minha única musa, o assunto que conheço melhor”.

Chamo-me Jade Moura de Godoy, tenho 30 anos, sou de Taubaté-SP. Minha infância ocorreu na cidade de Lagoinha-SP na roça dos meus avós, local em que morava com eles e com minha mãe. Algo recorrente que permanece forte e atuante em mim até hoje é a relação da arte com o prazer de fazer esculturas, tenho um grande sonho em realizar um curso profissional em esculturas e modelagem, pois lembro-me que o meu avô levava meus primos e amigos no ribeirão para nadar e sempre voltava para casa com as argilas retiradas de dentro do rio. Essa memória se tornou afetiva e me despertou interesse pela arte, sobre a qual ainda não conhecia muito, pois era pequena.

Já em relação à minha história educacional, a experiência mais marcante foi nas escolas que frequentei. Eu adorava as aulas de Arte, principalmente as de dança, que viravam sempre algum tipo de apresentação para os pais ou responsáveis. As atividades artísticas eram uma constante, tão presentes que mal me lembro das outras disciplinas.

A presença da arte na minha história de vida iniciou-se com um despertar na infância e se afluou com o conhecimento da disciplina na escola, tanto que despertou o interesse e minha paixão pela museologia. Ao iniciar a licenciatura em Artes Visuais no ano de 2015 pela Universidade de Taubaté, dei início ao estágio em um museu de arte em Taubaté e fiquei encantada com o lugar e com as exposições. Havia profissionais incríveis que passavam por lá, mas uma profissional em especial me marcou. Ela trabalhava na parte de restauração dos documentos e arquivos antigos e era sempre muito paciente para me explicar e mostrar o seu trabalho. Ela também me aconselhava e chegou a me dar vários materiais e livros para conhecer cada vez mais essa área. No entanto, como precisava realizar o estágio obrigatório na Educação Básica, tive que deixar o estágio no museu. Tive sorte de ingressar em duas grandes escolas de minha cidade. Em uma delas, fiz o estágio na Educação Infantil e no Ensino Fundamental e na outra, no Ensino Médio.

No ano de formação, em 2017, prestei um processo seletivo para atuar como professora de Arte na rede de ensino em Tremembé-SP, pois agora já poderia realizar os processos seletivos que aparecessem. Esse em específico iniciaria no ano seguinte. Como passei em uma boa colocação, já fui chamada logo no início do ano e, durante o ano de 2018, exerci minhas funções como professora regente nessa primeira unidade escolar com inúmeros alunos dentro de uma sala de aula. Eu nunca havia tido contato com essa realidade antes, trabalhando vinte e quatro horas semanais em uma carga de meio período.

Foi nesse momento em que comecei a trabalhar que ficou esquecido o sonho da museologia, pois era algo fora da realidade naquele momento, haja vista que eu precisaria realizar um curso disponível somente na capital. Mas o sonho nunca foi esquecido, apenas ficou adormecido.

Os professores que me orientavam me davam todo o suporte que precisava: nos dias de estágio, pediam para eu aplicar as aulas com eles, observando e delimitando um tema. Me ensinavam a me preparar, como aperfeiçoar o tempo dentro da sala de aula, como lidar com conflitos entre pais e alunos e com a matéria em si. Foram profissionais determinantes nesse processo e que me fizeram querer ainda mais estar naquele ambiente de troca mútua, onde se ensina e aprende constantemente. Ao final do meu curso, como era uma ótima aluna, fiquei em 5º lugar no ENADE e fui chamada para fazer a propaganda de minha universidade, o que foi um grande reconhecimento. Tardif e Raymond (2000, p. 223) salientam “a importância da história de vida dos professores, em particular a de sua socialização escolar, tanto no que diz respeito à escolha da carreira e ao estilo de ensino quanto no que se refere à relação afetiva e personalizada no trabalho”.

Durante o estágio, coincidentemente fiquei responsável por um aluno com Transtorno do Espectro Autista, pois eu estava realizando meu TCC da universidade relacionado a esse tema para homenagear o meu primo, que é Asperger. Foi a oportunidade que surgiu para que eu pudesse ter contato na prática com as teorias e conhecimentos estudados nesse tempo. O aluno em questão era não-verbal e estava na educação infantil. No início ele me testou e resistiu à minha presença, pois eles geralmente não gostam de mudanças repentinas. Como sabemos, estagiários têm passagens curtas pelas escolas, e quando criamos um vínculo com os alunos, logo temos que partir. No dia a dia, fomos criando um laço afetivo, uma comunicação nossa e pude ajudá-lo com o pouco conhecimento que tinha e com todo o amor e consideração por ele. Foi então que percebi que queria fazer a diferença e estudar mais a fundo sobre o tema e o que mais eu poderia fazer para que de fato acontecesse a inclusão na sala de aula desses alunos. Foi então que, no final ano de 2018, iniciei a Pós-Graduação lato sensu em Educação Especial com ênfase em Transtorno do Espectro Autista (TEA) pela Universidade Celso Lisboa, no Rio de Janeiro.

No ano seguinte, em 2019, apareceu uma oportunidade de trabalho em uma terceirizada de Pindamonhangaba-SP, que contratava professores de Arte e de Educação Física.

Como tudo era novo e não sabia nada desse mundo ainda, achei o projeto interessante e me candidatei para o processo seletivo. Passei em primeiro lugar na prova e pude escolher minha unidade escolar.

Foi bem desafiador estar nessa empresa, pois estava lecionando em dois períodos em duas unidades diferentes, ganhando por apenas um período, dentro do mesmo município. Ainda assim, em uma das escolas, meu trabalho era reconhecido, a equipe percebia minha evolução e meu crescimento. A troca entre os docentes era excepcional e os materiais me auxiliaram ainda mais no meu desenvolvimento profissional dentro da sala de aula. A única desvantagem era a seguinte: fui registrada como Orientadora de Arte, ou seja, não possuía os benefícios que a área nos assegura, porém tinha toda a responsabilidade e a autonomia de um professor de sala de aula.

Já na outra unidade escolar, tive muitos problemas com a diretora, pois ela nunca estava satisfeita com o meu desempenho e, ao invés de me auxiliar, ajudar e orientar, o que era a sua função, ela preferia dificultar meu dia a dia. Fiquei muito decepcionada, pois estava aprendendo muito, as salas eram inovadoras, havia recursos de lousa digital, data show e um vasto material que podia ser utilizado à vontade para as práticas da aula de Arte. As salas de aula tinham poucos alunos e o corpo docente contribuiu muito para o meu desenvolvimento. Entretanto, todo o meu trabalho não era reconhecido. Após mais uma experiência naquele local, fui dispensada da rede municipal de Pindamonhangaba e, como era uma professora iniciante, me falavam que eu não tinha didática em sala de aula, ao invés de me orientarem e ajudarem, tornando o ambiente difícil de se conviver. “A aprendizagem ocorre com maior eficácia se for acompanhada pela consciência metacognitiva e pela análise do próprio processo de aprendizagem por cada aprendiz, e se for apoiada pela participação numa comunidade de aprendizagem”. (SHULMAN; SHULMAN 2016, p. 133)”.

Como havia prestado a prova para professor eventual na rede municipal de Taubaté, comecei a ligar nas escolas e a deixar meu nome me prontificando caso precisassem. Então me ligaram após um mês para assumir uma licença médica de dois períodos em uma escola central até o final do ano, cerca de seis meses. Essa escola contribuiu com seus valores e didáticas e tanto a gestão como o corpo docente acreditavam no meu potencial e me ensinavam diariamente. Tinha autonomia em sala de aula, podia expressar meus ideais e me abrir com os demais professores. Fiz muitas amizades, era uma escola realmente acolhedora, em que a equipe gestora e pedagógica me valorizavam como profissional e na qual aprendi ainda mais. Foram momentos incríveis em que me senti parte da equipe. A hora da despedida é sempre difícil quando se está em uma escola diferenciada, pois os processos seletivos representam um verdadeiro desafio de constantes mudanças e de pessoas diferentes sempre.

Como fazia em todo ano, em 2020 não foi diferente e realizei um processo seletivo e iniciei as atividades na cidade de Tremembé-SP, em uma unidade escolar diferente, começando uma nova fase de trocas e aprendizados. Mas desta vez houve um novo e grande desafio profissional, pois entramos na pandemia da covid-19 e tivemos que nos adaptar e mudar todo o planejamento pensado para o ensino presencial para o ensino remoto. Ficamos presencialmente por dois meses e começamos a trabalhar em casa (home office). Desde então, está sendo um período transformador, pois está durando mais do que o esperado, e tivemos que nos redescobrir e nos reinventar a cada dia para oferecermos aos nossos alunos uma educação de qualidade e, particularmente em minha disciplina (Arte), em que temos muitas aulas em grupo ou com diversos materiais, ficamos apenas em ensinamentos teóricos. Recentemente, em meados de agosto de 2021, voltamos a uma porcentagem estabelecida para a volta dos alunos com os professores parcialmente vacinados e seguiremos assim até o final deste ano.

No ano de 2020, foi concluída a pós-graduação lato sensu de 2 anos e parti para o tão sonhado Mestrado Profissional em Educação (MPE) pela Universidade de Taubaté-SP, que aflorou o desejo de me tornar uma professora acadêmica. Os objetivos ao longo desses 2 anos foram mudando, conforme fui criando vínculos com outros docentes, aprofundando meus conhecimentos e abri um leque de oportunidades. Agora, chegando no fim desta grande conquista, fecharei o ciclo sobre a Arte e a Inclusão nas práticas escolares do dia a dia, que claramente colocarei em prática e futuramente espero poder realizar formações continuadas sobre adaptações curriculares em Arte para todas as unidades escolares e, posteriormente, pretendo almejar o meu primeiro sonho, que é fazer Museologia. Com isso, me inscrevi em disciplinas como ouvinte, aluna especial e aluna externa para conhecer esse novo universo da Arte e partir para uma inclusão em diferentes espaços culturais, realizando um projeto sobre os desafios das implementações das acessibilidades para pessoas com deficiências em museus. Está sendo uma oportunidade muito rica de aprendizado e tentarei outro mestrado ou doutorado em uma universidade pública com bolsa para me dedicar exclusivamente a esse propósito e abrir a oportunidade de fazer a diferença nesses espaços.

Depois de recapitular minha jornada profissional até os dias atuais, valorizo cada passo dado, cada conquista, cada aprendizado, cada oportunidade, todos os profissionais que conheci e passam anualmente pela minha vida, todos os mestres que contribuíram com a minha jornada e me impulsionam diariamente, todos os desafios que agregaram em meu crescimento pessoal e profissional. Crescer e evoluir é essencial.

## REFERÊNCIAS

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. *Educação & Sociedade*, n. 73, dezembro/2000.

SHULMAN, L. S.; SHULMAN, Judith H. Como e o que os professores aprendem: uma perspectiva em transformação. *Cadernos Cenpec*. São Paulo, v.6, n.1, p.120-142, jan./jun. 2016.

## A cereja da vida

**Figura 1:** Fotografia da cerejeira no sítio da família em São José dos Campos.



**Fonte:** Arquivo pessoal

Enquanto observo a delicada cerejeira que plantei há 9 anos atrás, que se projeta à frente da característica paisagem do Vale do Paraíba chamada de “Mar de Morros” por nosso maior geógrafo Aziz Ab’Saber, eu percebo que me pareço com essa árvore. Imagino que a história, a memória e a cultura local são como a terra e a água, dos quais foram absorvidos os nutrientes necessários para poder, um dia, lançar algumas pequenas flores ao vento.

Analogamente, nas raízes estão a minha história, as minhas memórias e a minha cultura local, todas de alguma forma absorvidas e transformadas em arte, como demonstrarei. Para isso, os convido a revisitar algumas dessas experiências.

## O Lugar

O “lugar” segundo Muntañola (2000, p.17) é um elemento fundamental para a expressão da vida humana e para sua compreensão, sendo como uma ponte, local onde se habita e se ocupa durante um determinado período histórico. Essa construção de pontes é a força poética e retórica que se origina no poder do lugar de conectar a história ao sujeito (MUNTAÑOLA, 2000, p.18).

Apesar de ter nascido na cidade de São José dos Campos, uma cidade importante da região do Vale do Paraíba no estado de São Paulo, aos 3 anos de idade me mudei com meus pais para a cidade de São Paulo. A partir desse momento, o lugar São José dos Campos se tornou então refúgio e significando para mim um encontro com minha família, avós, primos e tias, permanecendo assim até meus 15 anos de idade. Portanto, posso considerar que recebi, inicialmente, a influência de ambos locais: São Paulo com toda sua vibração e São José dos Campos como o lugar do afeto.

O motivo da mudança se deve ao fato do meu pai e da minha mãe serem pastores evangélicos, o que na época significava estarem dispostos a mudar de endereço conforme fosse a necessidade de Igreja.

No início eu achei muito bom me mudar e viver em uma cidade movimentada como São Paulo, indo sempre quando possível ver minha família em São José dos Campos. Foi na capital que iniciei meus estudos em uma escola particular perto de minha casa. Me lembro que na educação infantil eu gostava especialmente de dançar, chegando a dizer a meus pais que seria bailarina.

**Figura 2:** Apresentação de dança na educação infantil, na cidade de São Paulo.



**Fonte:** Arquivo pessoal

### **Construção de cultura através do aprendizado familiar e comunidade local**

Rapoport (2003, p.65) percebe que entornos similares podem produzir efeitos muito diversos nas pessoas, dependendo de suas características específicas, muitas das quais são culturais. Ou seja, além da contribuição do lugar, a cultura de fato é um forte fator na construção do aprendizado e gostos pessoais.

Recordo que desde a infância tinha uma fértil imaginação, ficando horas, até mesmo dias criando histórias. Sempre usei o guarda-roupa da minha mãe para criar os figurinos usados nas performances, gostava especialmente de uma saia bem rodada. Sabendo da minha preferência por aquela saia, ela cortou e ajustou o tamanho, sobrando inclusive um pedaço de tecido que utilizava nas coreografias. Evidentemente minha mãe era a minha inspiração, era quem eu queria ser.

**Figura 3:** saia adaptada pela minha mãe para dançar.



**Figura 4:** Recortando e criando para criar minhas histórias.



**Fonte:** Arquivo pessoal

Apesar de morar na metrópole que não dorme, com todo seu movimento, com suas luzes, mas também com sua impessoalidade, foi na igreja onde me senti parte de uma comunidade. Lá as pessoas eram conhecidas, como em um vilarejo dentro de uma grande cidade. Foi nela que criei amizades que perduram até hoje. Lá aprendi a cantar e tocar, apresentar peças de teatro e dançar. A força dessa comunidade me fez ganhar algumas “tias” e “primos”, pessoas que na ausência de minha família se tornaram uma nova e diversificada família

## Arte integrada na imaginação infantil

Percebo hoje, que não havia em minha mente uma separação entre as artes, eu começava dançando e ao mesmo tempo cantando, outras vezes brincando de faz de conta e poderia até mesmo estar desenhando, cortando fitas para colocar em minha roupa, o que me guiava era minha motivação e desejo de fantasiar uma história.

Nessa época eu dançava, interpretava e vivia minhas histórias. Os lugares eram os mais diversos e o faz de conta se passava em ilhas desertas, florestas encantadas, até o meio do oceano com poucos recursos de sobrevivência. Em uma mesma história interpretava vários personagens e conversava sozinha com muita naturalidade. Essa habilidade de criação permaneceu sempre comigo e até hoje, se fechar meus olhos, posso imaginar histórias enquanto ouço música, chegando por vezes a dançar.

## O trauma e sua função

Não apenas de histórias felizes são feitas uma vida, há sempre a necessidade das pedras no meio do caminho. Com pouco mais de 4 anos de idade após assistir ao desenho “Peter Pan”, decidi que iria voar! Primeiramente tentei pular da cama e pensar em coisas muito boas, contudo não obtive sucesso. O desejo era tão grande que, dormindo, eu sonhava que estava voando e era uma sensação maravilhosa. Por isso mesmo continuei tentando. Certo dia esperei quando ninguém estivesse olhando, para subir no encosto do sofá e pular na mesa de centro da sala que tinha um tampo vidro: Vupt! Logicamente não imaginei que cairia em cima do vidro, mas foi exatamente isso que aconteceu. Por sorte, eu acredito que na verdade Deus me deu uma “mãozinha”, eu precisei de poucos pontos em minha cabeça. A cena em si, tinha muito sangue, desespero dos meus pais, sendo provavelmente o meu primeiro episódio de terror, o que durou um dia, antes de eu voltar a voar, apenas com bons pensamentos.

Ainda falando sobre traumas da vida, uma das minhas mudanças foi especialmente difícil. Passados três anos morando em São Paulo, nos mudamos novamente, dessa vez para a inusitada cidade de Goiânia no estado de Goiás. Na época eu vivi uma espécie de pesadelo, pois estaria muito distante de minha família e da minha comunidade. Tudo era diferente. O clima seco e quente, a vegetação de cerrado e a paisagem plana. As chuvas eram assustadoras, “toró” como eles chamavam e aconteciam logo após três meses sem nenhuma chuva. Me lembro do medo que sentia com tamanho barulho dos ventos e trovões. Parecia que a chuva nunca iria parar, a prova que o tempo é relativo de fato.

## Arte enquanto refúgio

Certa vez a rua onde morávamos inundou com um forte “toró”. Como ela era bastante plana, da garagem era possível ver a água se movimentar quase como um rio lento. Foi então que tive a ideia de pegar algumas folhas de papel e fazer barquinhos para vê-los navegar. Desta vez eu não tive medo e a arte entrou para acalmar meu coração.

Dentro deste início difícil na cidade de Goiânia, eu com apenas 6 anos de idade, procurei novas amizades. A igreja nesse caso não ajudou muito, ela não era mais um “vilarejo” com poucas pessoas, era imensa, comportando até 5 mil pessoas. Muito nova e sem consciência, vivenciei estar rodeada de pessoas e estar só ao mesmo tempo. Para superar a saudade e a solidão eu brincava ainda mais.

Em Goiânia tínhamos uma casa com um grande quintal. Quando chegamos ele estava totalmente coberto por uma terra vermelha e viva. O desespero da minha mãe com aquele ambiente seco que chegava a rachar a terra, foi amenizado quando ela começou seu projeto paisagístico. A sua formação é em serviço social, mas ela sempre nutriu grande paixão por plantas, artesanato e costura, coisas que herdou de minha avó, aproximando-as pela memória afetiva.

**Figura 5:** Quintal da minha casa em Goiânia.



**Fonte:** Arquivo pessoal

Passados os dias eu a presenciei transformar um quintal seco e sem vida em um local aconchegante e gostoso de estar com meus dois irmãos, que estavam crescendo e me acompanharam em minhas brincadeiras. Sem nenhuma formação específica, apenas com muita criatividade, minha mãe experimentou um pouco da profissão que eu escolheria mais tarde.

Aos poucos, naquela cidade estranha, fui construindo um ambiente de muita arte, acompanhando minha mãe em algumas obras sociais que eram oferecidas aos idosos, como a pintura no gesso e tecido. Me lembro de estar ali, sabendo que apesar da minha alergia ao pó do gesso eu estava feliz por poder ocupar meu tempo com arte. Tinha determinação e não sairia por nada. Foi nessa época também que minha mãe me colocou para aprender teclado e canto na igreja.

### **O retorno ao passado**

Após três longos anos no cerrado, retornamos à cidade de São Paulo onde pude começar a fazer apresentações públicas de dança, tocar teclado e fazer apresentações teatrais em datas comemorativas na igreja. Mesmo sendo amador e esporádico, não importava, pois, estava fazendo algo que amava.

**Figura 6:** Cena do musical de natal



**Figura 7:** Dança para o musical de natal

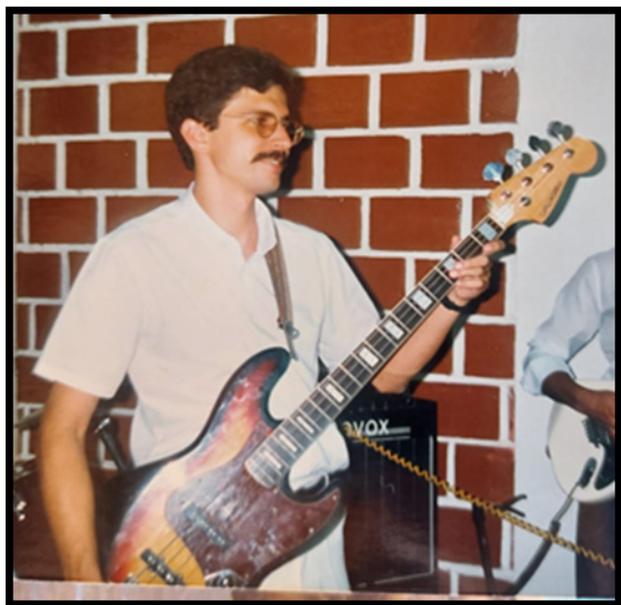


**Fonte:** Arquivo pessoal

Permanecemos em São Paulo por mais cinco anos antes de retornar por definitivo à São José dos Campos. A essa altura eu era uma debutante e ao completar meus 15 anos, estava de volta a terra natal, consolidando meu repertório artístico, cheia de alegria por estar com meus parentes, entretanto não se pode negar que houve um choque cultural.

A cidade de São José dos Campos, mesmo sendo uma cidade grande, tem características de cidade do interior. No caso da minha família isso se destaca ainda mais, uma vez que residimos em Santana, bairro tradicional da cidade. O estilo de música, a comida e até o gosto pela natureza característicos da região, são herança da cultura caipira.

**Figura 8:** Meu pai tocando baixo na igreja.



**Figura 9:** Tio Mauro tocando viola caipira no festival do Folclore



**Fonte:** Arquivo pessoal

Desde menino, meu pai aprendeu a tocar instrumentos de corda. Por ser filho de uma família muito pobre, não pode escolher qual instrumento tocar, aproveitando as oportunidades que apareciam. Primeiro aprendeu a tocar violino com um tio que lhe emprestou o instrumento. Depois aprendeu a tocar violão, contrabaixo e a cantar para ajudar na igreja, sempre disposto a fazer o que fosse necessário, transitando pela música clássica e cristã tradicional, o que me influenciou nas preferências musicais.

Pelo lado da família da minha mãe, a preferência é moda de viola. Meu avô materno, o vô Affonsino, sempre foi um amante desse estilo musical. Não perdia um programa de Inezita Barroso que era exibido aos domingos na TV aberta. Ele conhecia as duplas caipira mais famosas da época. Seu único filho homem, o tio Mauro, foi incentivado desde menino a aprender a tocar violão e viola para fazer os gostos do pai. Acabou tornando-se um grande artista da música caipira, se apresentando pelas cidades do Vale do Paraíba. Para meu avô e meu tio se trata de uma cultura local, específica, um jeito de tocar, um amor à chamada “roça”, com sua comida típica e sua cultura que permeia toda a história da família. Meu avô Affonsino viveu tudo isso até seus últimos dias.

Eu também me lembro do meu avô Affonsino sentado em sua sala com as luzes apagadas assistindo filmes clássicos, musicais, faroestes e nosso querido Mazzaropi. Quando a saúde de meu avô começou a piorar, passei muito tempo ao seu lado aprendendo. Com o passar dos anos a sua mobilidade ficou comprometida e eu precisava ser criativa para que ele não sucumbisse na monotonia do dia a dia. Jogávamos damas, ouvíamos música e assistimos muitos filmes. A música “colcha de retalhos” era uma de suas favoritas obras. Foi assim, até o último dia de sua vida.

## A decisão

Quando chegaram os tão esperados 17 anos, ano em que devemos decidir o que seremos, eu já me destacava pelos meus desenhos. Lembro-me da minha professora de arte na época ter sugerido que eu cursasse arquitetura. Quando busquei mais informações, percebi que me agradava a ideia de projetar. Não foi fácil entrar na faculdade, mas com muito esforço, consegui me tornar Bacharel em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo pela UNESP de Bauru.

Novamente eu estava na estrada, sem saber direito o que aconteceria e, dessa vez, sem minha família. O primeiro ano foi muito intenso, pois eram muitas horas de estudo e projetos. Ao final do meu primeiro ano eu tinha certeza de duas coisas: que eu gostava da área acadêmica e que amava projetar. Foram muitas as matérias e eu mergulhei intensamente nesse universo, realizando pesquisa com bolsa FAPESP na área de patrimônio histórico. Apesar de haver me dedicado em todas as matérias, ficou evidente minhas habilidades para ensinar e apresentar trabalhos se destacavam. Terminei meus estudos como a melhor aluna de minha turma.

Concluído o bacharelado, iniciei minha segunda graduação, desta vez Licenciatura em artes visuais na UNIJALES e, mesmo antes de haver concluído o curso, prestei concurso para professora de arte da Prefeitura de São José dos Campos no final de 2017. Para minha surpresa, fui aprovada e chamada logo no início de 2019. Dessa vez, a estrada me trazia de volta para casa e me levava diretamente ao coração das artes, lecionando justamente para a idade em que eu me encontrei com a arte: um retorno às memórias de infância.

Até o presente momento, leciono para os anos iniciais do ensino fundamental em uma escola onde é possível me reconectar com essa criança que aqui foi apresentada. Posso afirmar que, quanto mais tempo permaneço professora, mais reencontro minhas brincadeiras e minha criatividade. Minhas vergonhas vão se perdendo no ar pouco a pouco e a arte retira de mim o medo. O olhar nos olhos de uma criança é tão verdadeiro e profundo como o reflexo de nós mesmos neles.

Ao escrever uma parte importante da minha história e da minha relação com a arte, eu concluo que minha trajetória é resultado de todos que passaram por ela, alguns mais definidores que outros, porém todos traçando as curvas e retas da minha vida enquanto eu faço as escolhas sobre qual caminho tomar. A arte sempre foi minha eterna companhia.

## REFERÊNCIAS

MUNTAÑOLA, Josep. Topogénesis. Fundamentos de una nueva arquitectura. Barcelona: UPC, 2000.

RAPOPORT, Amos. Cultura, Arquitectura y Deseño. In: Revista Architectonics, Mind, Land e Society, Barcelona: UPC, nº5, 2003.

# STEP, STAMP E STOMP: A ARTE QUE NUNCA IMAGINEI!

Neila Fernanda Oliveira Fernandes

[...] Compositor de destinos... Tambor de todos os ritmos. Tempo, tempo, tempo, tempo... Entro num acordo contigo. Tempo, tempo, tempo, tempo. [...] De modo que meu espírito encontre um brilho definido. Tempo, tempo, tempo... E eu espalhe benefícios. Tempo, tempo, tempo, tempo... (Caetano Veloso – canção: Oração ao Tempo).

Iniciar meus relatos com este trecho da música “oração do tempo” é simbólico para com meu tempo de estudante, meu tempo como profissional e por fim para com o meu tempo de mestranda que redescobri o processo da A.R.T.E. Um resgate das minhas lembranças, das minhas dúvidas, angústias e desafios; um reencontro de memória com minha infância, com as minhas brincadeiras, com o meu caminhar, meu apreender, meu conhecer... um reencontro comigo mesma, ou seja, uma descoberta em pesquisar arte através de um diálogo libertador e transformador.

Sendo assim, retratar este processo de como a arte se constituiu em minha vida é nada além, que permear por caminhos e descobertas significativas em minha trajetória de vida. É resgatar fatos, por muita das vezes esquecidos que contribuíram e ainda contribuem para o meu “eu como pessoa”. Talvez, possa ser corriqueiro, mas ao pesquisar o meu próprio histórico, pude perceber que a “ação arte educar” sempre esteve entrelaçado em todas as fases de minha vida. Pois como se refere Gonçalves (2005):

As histórias que se completam se fundem e se relacionam de forma tensa; mantendo, entretanto, a harmonia e a singularidade próprias [...] Por esse motivo, contarei a história [...] de uma forma bem particular, a qual certamente não é a única possível [...] mas é a que vem conduzindo as indagações e os percursos dessa pesquisa (GONÇALVES, 2005, p.15)

E voltando ao meu imaginário, começo relatar meu processo com a arte a partir da coleção de livros do Sitio do Pica-Pau Amarelo que ganhei de minha avó quando eu tinha aproximadamente uns seis a sete anos de idade. Sim! Foram os livros de fábulas e fantasias que me fizeram imaginar ainda criança o quão saboroso e encantador a arte pode ser!

Posso dizer que tudo foi um processo, como um livro de colorir, ou até mesmo como os contos infantis que lia em minha infância; onde usava minha imaginação e construía as minhas grandes histórias. Nessas histórias eu encontrei as cores e num prazer lúdico e mágico, elas foram colorindo meus cadernos, minhas bonecas, a parede do meu quarto (que minha mãe não escute é claro!) e ganhando formas nas nuvens do céu. Tais lembranças agora, recontando me trouxeram o sorriso nos lábios e o brilho mágico nos olhos... Infância como é bom lembrar! Ao estar aqui descrevendo sinto agora, como se eu tivesse no quintal de minha casa, sentindo o cheiro da terra molhada por conta dos pingos de chuva que desmanchava o desenho do sol no chão de terra batida. Infância... de lembranças... como diz o autor Kuhlmann (1998) ao tratar que na infância:

[...] é preciso conhecer as representações de infância e considerar as crianças concretas, localizá-las nas relações sociais, reconhecê-las como produtoras da história. Torna-se difícil afirmar que uma determinada criança teve ou não infância. Seria melhor perguntar como é, ou como foi, sua infância (KUHLMANN, 1998, p. 31).

Nesse mundo imaginário, de despertar infantil, fui traçando meus próprios passos do que compreendia serem brincadeiras de criança e que nos dias de hoje, olhando para traz vejo que a arte sempre fez parte do meu ser, da minha vivência. E continuando neste processo, consigo resgatar ainda eu minha memória as músicas e canções infantis que me inspiraram de alguma forma aqueles momentos; e ainda de alguma forma elas ainda são motivadoras do meu percurso artístico.

## **A arte em o dobrado de Sol – do – mi – mi - do / Mi – do - sol / Mi – do – sol**

Ainda sobre o processo de descobrir a arte em minha vida, venho relatar sobre o período em que descobri o “dobrado de Sol – do – mi – mi - do / Mi – do - sol / Mi – do – sol”. Talvez, para muitos que compartilham dessa leitura, não devem estar compreendendo o que isso vem a ser um “dobrado” de notas musicais. E partindo que muitos talvez, não compreendam, aprender esse “dobrado” foi fundamental para várias conquistas em minha vida.

Numa fase intensa de transformações e desejos únicos, e o que vem em minha mente nesse exato instante

sou eu fazendo arte e parte da saudosa Banda Marcial João da Hora do Liceu de Humanidades de Campos dos Goytacazes/RJ. E relatar o meu ingresso a banda marcial e voltar ao tempo e perceber o qual maravilhoso esse período foi em minha vida. Visto que, todos os adolescentes que ingressavam na escola, desejavam participar da banda (era mais que um evento poder fazer parte dela); e numa disputa acirradíssima conseguir ser integrante e compor o corpo de lristas, foi terminantemente um dos maiores desafios da minha vida.

Como mencionei o ingresso à Banda Marcial, não foi uma tarefa fácil, pois a concorrência era absurda, todas as meninas desejavam fazer parte do primeiro pilotão de “liras simples” e os testes para ingressar se resumia em ter talento, boas notas, coordenação motora e saber o mínimo de notas musicais. Então, muitos de vocês estão se perguntando, se eu tinha todas tais aptidões, eu digo que não! A única coisa que agregava ao meu currículo era ser cara de pau e decididamente, participar dos testes, mesmo tendo consciência que a aprovação era quase nula!

E assim, fui caminhando etapa, por etapa e quando dei por mim estava na fase do último teste, onde seria avaliada em conjunto no processo de tocar o instrumento e fazer a coreografia simultaneamente. Acredito que naquele dia os anjos lristas estavam do meu lado e eis que no meio das 15 (quinze) selecionadas eu consigo passar entre as 08 (oito) classificadas. Tudo bem, que eu fui à oitava classificada, ou seja, a última vaga foi minha! Mas não me importava. Pois o que eu queria mesmo era fazer parte da banda, poder ir as viagens, aos passeios, sentir um pouquinho de liberdade que todo adolescente buscava nessa fase.

E assim, se passaram 03 (três) anos nesse movimento lírico, e digo que obtive um aprendizado único sobre notas musicais, partituras, além da disciplina e profissionalismo. Neste aspecto Gonçalves (2005) aponta que a arte se trata

[...] das ideias inerentes como objetivo despertar o espírito crítico daqueles que vivem e, ao mesmo tempo, discutem o conteúdo social de suas interpretações [...], portanto, estas podem exercer sua função didática quando nela se atuasse, pressupondo-se a participação de todos (GONÇALVES, 2005, p. 34)

E neste processo de conhecer e aprender a arte se fez presente em meu cotidiano de adolescência. Ao entrar na banda marcial da escola e ser uma integrante da lira simples foi algo impressionante aos meus olhos juvenis, tendo que aprender os “dobrados” da lira e respectivamente as notas musicais, foram algo tão encantador que eu não me preocupei em der vários calos nos dedos ao tentar aprende-los. Confesso que de vez enquanto me pego lembrando dos movimentos da baqueta[1] e da repetição dos dobrados e o “Sol – do – mi – mi - do / Mi – do - sol / Mi – do – sol” foi o primeiro de muitos outros aprendidos neste tempo de banda.

## **A descoberta nos passos do Stap, Step, Stamp e Stomp**

One, two, three, four, five. Everybody in the car, so come on, let's ride. To the liquor store around the corner. The boys say they want some gin and juice. But I really don't wanna. Beer bust like I had last week. I must stay deep because talk is cheap (Canção: Mambo number Five (a little bit of...) - Lou Bega).

Eis a chegada a fase adulta, as transformações, desafios e particularidades dessa fase, se mesclam com as responsabilidades que a vida adulta insiste em nos mostrar. E a letra dessa música em língua inglesa que coloco para abrir esse tópico, é para demonstrar o qual importante esse período de novos aprendizados foram importantes em minha vida. Como o convite para participar do projeto de contar histórias infantis para crianças hospitalizadas (um momento lúdico e encantador à mercê das enfermidades existentes naquele local), a descoberta e aprendizado da língua inglesa através das músicas e a música me levando a lugares imagináveis por meio das aulas de sapateado. Pois, segundo Uzler (2000) retrata a fase adulta como:

[...] a fase a qual os adultos, trazem consigo informações, experiências e ideias que podem ser aplicadas na aquisição de uma nova habilidade. Além das experiências de vida, as habilidades motoras já desenvolvidas no adulto podem propiciar algumas vantagens (UZLER, 2000, p. 60-61)

E seguindo esse aprendizado adquirido durante minha trajetória pelo mundo da arte, um momento especial em minha vida surge. Eis que sou apresentada ao mundo do sapatinho de boneca com tachinhas na ponta e no salto e aos complicados, mas não tão divertidos como os movimentos do Step, Stamp, Stom e Stap.

O aprendizado desses movimentos foi libertador na minha vida e despertou em mim as lembranças da menina que brincava na chuva e imaginava bonecos de nuvens, da adolescente que conseguiu ser lrista da banda marcial da escola à garota que se viu no Step, Stamp, Stom e Stap a liberdade nos passos firmes e precisos do sapateado.

Por fim, posso dizer que este regate de minha memória em artes, acabou sendo uma catarse de emoções. Confesso que não espera ter essas lembranças tão presentes em minha vida e muito menos que elas fossem imprescindíveis a construção desse relato. De um modo singelo me vi recontando minha história e a associando a cada etapa do meu cotidiano pessoal e profissional, desfrutar de novos conhecimentos, saberes e aprendizagem. Além de compreender que o processo de pesquisa na matéria em artes é um processo contínuo e que essas cinco letrinhas A.R.T.E.S irão sempre estar presentes e em constante transformação independente das circunstâncias de nossas vidas. Pois...

Artear-me

Num verso remoto, onde cada passo me encontro. Escuto um Step, Step, Stomp e mudo!  
Pra direções opostas... para caminhos oportunos... E escolho... escolho e escolho... O que há de melhor nesse mundo! Seja tarde, ou seja, A.R.T.E,  
Conduzo minha vida a caminhos, nunca imagináveis!

(FERNANDES, 2021).

## REFERÊNCIAS

ARROYO, M. Ofício de Mestre, imagem e auto-imagem. Petrópolis: Vozes, 10<sup>a</sup> ed. 2008.

FERNANDES, N. F. O. Memorial Compositor de Destino: uma trajetória a se caminhar com o tempo. Universidade de Taubaté, SP. 2021.

GONÇALVES, Natália Kneipp Ribeiro. As peças didáticas de Bertolt Brecht e o processo de alfabetização. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, SP, 2005.

KUHLMANN JR., M., (1998). Infância e educação infantil: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação.

UZLER, M., GORDON, S. e SMITH, Schott M. The well-tempered keyboard teacher. USA: Schimer Books, 2<sup>a</sup> Ed., 2000.

[1] objeto em forma de pequeno bastão, geralmente, com uma das extremidades arredondadas, para percutir diversos instrumentos musicais.

Quando olho pelo retrovisor da vida, sobretudo da minha vida profissional, para além de toda técnica, teoria e desenvolvimento acadêmico, existe muito afeto, afeto do aluno que fui durante a educação básica e do professor que sou hoje. Ser docente é indissociável da condição humana, das experiências vivenciadas em nossa trilha cotidiana, que se deu pela educação formal, mas também por todos os espaços vividos e explorados, materiais e imateriais, ambientes de aprendizagem, que hoje constituem um grande repertório humanístico cultural. Nesse mar que navegamos, desde quando nascemos, muitas são as paisagens, mas a cartografia desse território da formação do ser humano é única para cada ser, assim como nossa digital, o que torna o coletivo tão rico e fascinante.

É por essa trilha em espiral que a vida acontece. No momento em que entramos no palco, a cortina se abre e ali em uma mesma vida, muitos personagens serão interpretados, sim, pois a todo instante não somos mais os mesmos, mas estamos em constante transformação, e é aí que o nosso eu encontra-se com a arte e com a cultura, a começar pela troca entre gerações, o modo de falar, de comer, de se vestir... São muitas as janelas e é a partir dessas paisagens que nosso ser vai se formando, se construindo, e nós, enquanto quadros da existência, esculturas da natureza, vamos ganhando cores únicas, formatos inéditos. Na minha história não foi diferente, pois como diz Coutinho (2004):

Carregamos nossas vivências em nossa memória, mas elas só passam a compor uma história e tornam-se experiências no momento em que nos dispomos a refletir, a relacionar e a tecer nossas singularidades. Carregamos vestígios comuns ao nosso meio, ao nosso contexto, à nossa época, mas a recepção e o acolhimento dessas vivências passam por filtros de forte teor afetivo e cognitivo que os singularizam. (COUTINHO, 2004, p. 145)

### **Olhares que abraçam!**

A autonomia do professor só se concretiza na relação com os alunos. É Freire (1996) que assim defende:

É na convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando. (FREIRE, 1996, p. 11)

Os meus rabiscos, vamos assim dizer, primeiros momentos que lembro da minha infância e da minha relação com a arte educação eram espontâneos. Em minha memória duas cenas são cristalinas. A primeira que adorava desenhar. Ficava horas tentando uma releitura dos meus desenhos favoritos. Talvez fossem minutos, porém, foi marcante. Mas era só um primo chamar que eu ia correndo para a rua. Sempre gostei de interagir, de me movimentar. A segunda lembrança é de quando aprendi a ler e escrever. Pode ser que não estejam corretos o tempo e o espaço, mas na minha mente ainda consigo visualizar a forma e o desenho do meu pensamento enquanto criança.

Eu: sozinho, construindo textos, diálogos, extremamente cômicos. Me lembro da história em que dois piolhos conversavam. Quando mostrei esse texto ao meu pai, ele duvidou: - Você escreveu? Não foi a professora?

Fiquei bravo, mas logo passou. Tudo ficou tatuado em minha mente. Como era legal escrever! Infelizmente não tenho nenhum registro material daquele momento, mas é saboroso escrever e rememorar isso, uma maneira de materializar um pouco da minha colcha de retalhos, das cores que compõem o que fui e sou.

Foi nesse cenário que nasceu minha relação com a arte e com a própria docência. Costumo dizer que depois que entrei na escola nunca mais sai.

Sou o quarto filho de uma família de cinco irmãos com pouco recurso e muita gente. Nas férias, meu lazer era brincar na rua aproveitando os espaços públicos. A escola era um lugar fascinante e cheio de amigos, com seu parque onde eu adorava brincar, atento em cada detalhe, cada momento, cada colega, cada professor, cada merendeira. Minha relação nesse universo sempre foi muito afetuosa.

Na quarta série conheci a dona Aurea, uma professora de muita sensibilidade pedagógica. Ela parecia ser da minha família como se fosse assim uma tia, uma avó, alguém muito especial. Foi na turma dela que meu caminho com a arte começou a ganhar corpo, pois ela adorava fazer aulas diferentes. Em uma dessas aulas o teatro apareceu me deixando extremamente motivado. Lembro-me que era o único dos meninos que gostava de fazer parte da apresentação, entretanto a dona Aurea sempre me incentivava. Em suas aulas adaptávamos as

histórias dos livros em forma de teatro para serem apresentados para a comunidade em datas comemorativas. Recordo bem de uma vez em que na festa junina conseguimos elaborar um texto bom divertido e eu interpretei o padre que conduzia a festa. Para nós, alunos, tudo aquilo era uma grande brincadeira e diversão, porém hoje, olhando com o olhar de um profissional de educação, vejo como momentos assim são ricos e repletos de aprendizado. As propostas valorizavam a cultura popular, as artes cênicas, mas também a empatia e o respeito. Havia estímulos cognitivos e psicoemocionais. Era a arte conduzindo o processo de formação com sentido e significado. A arte como a mais profunda liberdade de expressão humana.

A professora Aurea me acompanhou por muito tempo para além da sala de aula. Na adolescência eu e outros colegas que fomos seus alunos na quanta série, resolvemos visitá-la e ela nos recebeu como sempre, com seu olhar que abraçava.

Ao final do ciclo foi uma grande choradeira, pois representava também o fim da nossa presença naquela escola e a transferência para uma nova. Não teríamos mais a professora Aurea e nem o prédio seria mais o mesmo, já que, devido a uma mudança proposta pelo governo, o antigo Lopes Chaves no Centro de Taubaté, abrigaria apenas salas dos anos iniciais, transferindo os anos finais para outro prédio.

Fui estudar na escola conhecida como o Estadão. A princípio parecia muito legal. Ficava na travessa da minha casa e era cobijada por muita gente, ao ponto de as pessoas madrugarem na fila para tentar vaga lá. A escola funcionava em um prédio enorme, com muitas salas. Havia inclusive o curso de magistério e me lembro que na semana das crianças, no mês de outubro as então aspirantes a professora realizavam uma gincana no bairro. Aquele era um momento de muita alegria. Elas faziam contação de histórias, diversas brincadeiras coletivas, como corrida de saco, bandeirinha, modelagem na argila. Lembro que tinha até uma fanfarra nessa escola. Mas quando cheguei lá como estudante muita coisa tinha mudado e não foi como esperado. Com a divisão feita pelo governo muita coisa havia mudado, não tinha mais magistério, nem fanfarra.

Uma coisa boa, porém, me aconteceu no Estadão foi lá que encontrei uma professora que se tornou para mim uma grande orientadora. Ela lecionava matemática e entre um exercício e outro, conversava muito comigo. Ela me fez vislumbrar diferentes possibilidades, me contando sobre um tal vestibulinho para ingresso em uma escola municipal. Segundo ela, lá eu teria mais oportunidades, e claro aceitei a dica daquela que me acolheu. Lembro-me de atormentar meus pais para fazer minha inscrição, que acabou dando certo e eu pude começar um novo momento.

Comecei o sexto ano no período noturno na escola conhecida à época como Santa Luzia, mas que hoje chama-se José Ângelo Victal. Era o de 1997, quando iniciei a antiga sexta-série. Aquele foi um dos ambientes mais sensacionais da minha história. Era um local de muito acolhimento. Todos que ali estavam, tanto corpo discente quanto docente, pareciam ter muita paixão. Lógico que a arte se fazia presente material e imaterialmente perpassando todo ambiente.

E lá que a professora Majô, uma professora de Português da escola, propôs que realizássemos um projeto de teatro que teria como pano de fundo as obras infantis de Monteiro Lobato. Os próprios alunos deveriam montar o roteiro das apresentações, escrever as peças, criar o cenário, figurino e maquiagem. Coube a mim o papel do personagem Visconde de Sabugosa, um sabugo de milho muito inteligente. Fiquei fascinado com aquilo. Fizemos muitas leituras e o projeto ganhou forma e fama, ao ponto de nosso grupo passar a percorrer outras escolas com apresentações. Essa junção de teatro e escola me tocava de uma forma mágica. Lembro como foi prazeroso estudar gramática por meio da obra Emília no País da Gramática em um estudo por imersão, diversão e muita sede de sabedoria.

Como já foi citado, a arte nessa escola estava em toda parte. Cada professor e cada professora nos dava sua contribuição, independentemente de sua matéria. Por meio das equações matemáticas nas aulas do professor Osni, colecionávamos figurinhas de Santos Dumont. Sua prova tinha o formato de um álbum de figurinhas. Eram dez quadradinhos, e em cada quadrado uma figura diferente. Era preciso encontrar o local correto para colar a figurinha por meio da resposta do exercício. As aulas de história do professor Maurinho eram literalmente uma contação de história. Nas aulas de artes da professora Marcia, ouvíamos causos contados por ela, além, claro, das atividades mãos na massa. Lembro de ficar encantado ao consegui finalizar um mosaico. Mas, encantamento mesmo tive quando aprendi a técnica de envelhecimento usando betume e papel alumínio.

Nessa escola namorei e fiz grandes amigos que caminham comigo até hoje e que se tornaram, inclusive colegas de profissão, professores e professoras. Lá fui presidente de grêmio estudantil, participei dos jogos da primavera que envolvia todo município. Eu não jogava, mas era um ótimo torcedor. Gostava de estar no coletivo, de transpirar a química humana, de celebrar e também chorar com meus amigos.

Não posso me esquecer de um grande mestre, o professor Hélio que lecionava Educação Física. Hélio nos acompanhava de bicicleta nas idas e vindas da escola para os locais dos jogos. Eu gostava de participar ativamente de suas aulas, mas como ele mesmo dizia: meu esporte era a arte, o teatro. Suas aulas iam muito além das práticas esportivas, eram também repletas de práticas de empatia e respeito. O professor Hélio era um exemplo com sua leveza e cuidado que unia de uma forma quase inexplicável toda a turma. Obviamente possuía muito conhecimento e muita técnica, mas seu grande diferencial era olhar a cada aluno como um ser único.

Ainda no ensino fundamental fui convidado para participar de uma oficina, um curso rápido de técnicas teatrais no museu Histórico, Folclórico e Pedagógico Monteiro Lobato, conhecido por Sítio do Pica Pau Amarelo. Esse local é onde nasceu e viveu o escritor Monteiro Lobato. Foi nesse momento que o teatro começou a ficar mais sério para mim, mesmo que nunca tenha perdido a ideia do palco como lugar de liberdade. Ao chegar, conheci o professor, ator e diretor Mola, o Adriano, primeira pessoa a me apresentar o teatro como possibilidade profissional. A partir dali não parei mais, foram muitas e muitas peças em que voltei a encenar meu personagem dos tempos do projeto da Majô: o Visconde de Sabugosa. Isso durou até que fui desafiado pelo diretor a fazer o personagem Pedrinho. No começo achei sem graça um menino encenando outro menino, mas à medida que ia encenando, lendo as obras e conhecendo melhor o personagem, fui ganhando amor por ele e me aprimorando na interpretação, chegando a receber o convite para fazer parte do elenco oficial do museu.

Na época o museu contava apenas com um elenco, e fazer parte desse dele era algo muito valorizado. Aquele era mesmo um projeto lindo que teve início com a professora Conceição Molinário e ganhou o público, atraindo pessoas de todas as idades, credos, classes sociais, cidades e até países para o museu. Era mesmo um sonho: um adolescente que começou brincando de fazer teatro na escola, havia se tornado ator do elenco principal do museu, museu do Sítio do Pica Pau Amarelo.

### **“Um país se faz com homens e livros” ... e muita arte**

Apesar de ter começado a atuar profissionalmente apenas com 15 anos, milha com a arte educação foi tomando novas cores e muita vida, compondo um grande mosaico.

A partir do momento que comecei a compor o elenco oficial do Sítio do Pica-Pau Amarelo, precisei intensificar os estudos e senti a necessidade de cursar artes cênicas a fim de aprender mais desse universo. Uma possibilidade seria a escola Municipal de Artes Maestro Fêgo Camargo, uma referência regional na área. Ao ingressar nesta escola que era só de artes, um novo mundo se abriu para mim, uma vez que se intensificava a relação do curso de artes cênicas com os outros cursos tais como: artes plásticas, musicalização, ballet, teoria do teatro, história, interpretação, expressão vocal e regionalismo. Havia muito rigor, pois era uma escola erudita. Não sei se pelo meu jeito, pela minha idade na época, ou se perfil comum entre os alunos de artes cênicas, tudo transcorreu com muita leveza. Aquele era um ambiente em que adorava estar. Lá eu tinha a possibilidade de conviver com pessoas que admirava. Dessa forma foi ficando cada vez mais claro a arte é uma construção coletiva.

Na cabeça do adolescente que ingressara no ensino médio ao mesmo tempo que trabalhava, muitos sentimentos se misturavam. Esse período se configurou como um momento de muita fertilidade criativa literária e de vida.

Para o ensino médio precisei mudar mais uma vez de escola. Desta vez fui para o cobiçado colégio Ezequiel. Nessa escola pude continuar intensificando minha participação no movimento estudantil. Lá também tive grandes mestres que me inspiraram e inspiram até hoje, a exemplo da professora Rosana de português. Essa professora me incentivava a escrever de um modo livre, permitindo que a escrita representasse uma expressão do sentir. A professora Rosana me fez superar um trauma com a correção de uma redação em sala de aula vivida no passado. Na ocasião meu texto foi exposto perante a turma e foi evidenciado que não estaria no formato adequado, que não se tratava de dissertação, que se aproximava mais de poesia. Me lembro de ficar com muita vergonha e com o rosto vermelho na frente dos colegas. Esse episódio me marcou negativamente a tal ponto de tirar minha vontade de escrever. A professora Rosana, por sua vez, incentiva os alunos a escrever. Em suas aulas eu o fazia, mas não gostava de compartilhar. Pedia que não mostrasse a ninguém, até que um dia ela elogiou minha criatividade, dizendo que eu escrevia muito bem. Ela me contou que adorava escrever poemas e propôs um trato: toda semana eu traria algo para ela ler e ela faria o mesmo comigo. Desse modo, me restabeleceu a autoconfiança. Foi uma experiência marcante. Parece que parte de mim havia sido preso e essa

professora havia libertado, promovendo um sentimento de liberdade, de alegria, de euforia. Hoje compreendo com clareza através desse retalho da minha história como a expressão é importante para nosso desenvolvimento socioemocional, para nosso desenvolvimento pleno enquanto seres sociais.

Tendo em vista a tríade composta por ensino médio, escola de artes e trabalho, posso dizer que se mostrou incrivelmente significativo para minha formação. Tenho a sensação que o início da minha profissionalização enquanto docente se dá nesse momento, em especial pelo espectro da arte que perpassou por essas trilhas. Muitas das competências e habilidades necessárias para ser bom professor eu passei desenvolver, aprimorar ou aprofundar no período. Foi nesse emaranhado de vivências que aprendi a lidar com pessoas de todas as idades, a trabalhar em equipe de modo cooperativo, criar meu projeto de vida, ter um pensamento crítico e priorizar as questões atitudinais.

Foi nesse momento que muitas janelas se abriram. Meu repertório musical ganhou novo sentido. Fiz uma participação, ainda que tímida, como contrarregra da montagem a Lira dos Vinte Anos de Álvares de Azevedo, cuja a trilha sonora marcou meu pensamento social. Conheci o mundo filosófico de Shakespeare encenando Oberon da obra Sonhos de Uma Noite de Verão. Trabalhei com cultura regional com a professora a Conceição Molinário tanto na Escola Fêgo Camargo, como no Sítio do Pica Pau Amarelo, participando de montagens de suas adaptados dos livros de Lobato para o teatro.

Ao olhar para esse momento de tantas histórias, de tanto repertório, de tanto aprendizado, de tanta vida, tantos encontros, compreendo como é lógica e verdadeira a pedagogia freiriana, como ele mesmo nos revela:

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que aprendemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação. (FREIRE, 1996, p. 50).

Podemos ir além, pois escola, educação, arte e cultura são encontros. Não falamos de paredes, mas sim de pessoas que formam esses espaços. Paulo Freire nos fala, em sua Pedagogia da Autonomia, da “boniteza de ser gente” (1997, p. 67), da beleza de ser professor: “Ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da beleza e da alegria”.

### **Boniteza de ser gente, beleza de ser professor, beleza de ser arte**

Elenco do Museu Histórico Pedagógico Folclórico, Monteiro Lobato, Predinho



Fonte: Arquivo pessoal

Foi nesse contexto artístico que a licenciatura entrou em minha vida. Queria ser político, sonhava em mudar o mundo, em melhorar a vida das pessoas. Imaginava isso desde criança e já havia pensado em diversas profissões como ser militar, como meu pai era, ser médico, ser padre, advogado, político, coisas que fazem parte da infância e adolescência de muitos. Apesar de ser tão orgânico em minha história, a docência demorou a se concretizar, até que optei pela geografia. Minha ideia era cursar algo que me desse uma visão mais aprofundada do mundo. Não pensava em deixar o teatro, essa era minha arte. Por outro lado, não queria nenhum tipo de burocratização. Foi no universo da geografia que descobri que poderia mudar ou contribuir com a mudança do

mundo por meio da educação. Retomei a consciência da minha relação com a escola (com esse espaço sempre foi saudável para mim!), de como as pessoas mais importantes da minha vida faziam parte do meu processo de aprendizagem, como meus próprios pais me deram como herança muita sabedoria, de todas minhas professoras e professores desde a infância até aquele momento de início da graduação. Foi químico, foi descoberta. A docência já estava em mim e gritava cada vez mais forte em eu peito.

Já nos primeiros anos da faculdade a sala de aula se fez realidade. Depois de formado tive a oportunidade de assumir uma orientação pedagógica, posteriormente a coordenação pedagógica e agora a gestão pedagógica de uma escola que atende desde o ensino infantil até o ensino médio. Nesse caminhar me formei também em pedagogia, mergulhei no mundo da educação e cada dia queria ajudar mais, compreender mais e nesse mesmo traçado cheguei ao mestrado em educação. Estando no mestrado me deparei com uma educação que vai muito além do estereótipo que havia construído sobre o que era a vida acadêmica. Eu acreditava que encontraria apenas muitos textos e muitas teorias, mas o Mestrado Profissional em Educação (MPE) rompeu muros, pois após 13 anos de docência, estou experimentando algo inédito e necessário, que é a tomada de consciência sobre processos que muitas vezes são naturalizados. Por meio da ciência e da pesquisa tenho descoberto muitas outras janelas, o que fica visivelmente esclarecido pelo professor Paulo Freire ao afirmar que:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazerem se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei. Porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervindo, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2016, p.31).

Essa reflexão define minha experiência no strictu sensu e me impulsiona como ser social, como aluno e professor, na melhoria de um mundo melhor, como afluente de rio abundante que deságua em outro rio e assim vamos impactando o mundo, atuando no local e ecoando no global, pois pertencemos a mesma casa, a mesma aldeia e por meio da arte, da cultura e da educação podemos avançar para uma sociedade com mais equidade, menos muros e mais pontes, em que os territórios de paz sejam abundantes e prósperos.

## REFERÊNCIAS

- COUTINHO, R. Vivências e experiências a partir do contato com a arte. In. TOZZI, Devanil;
- COSTA, M. M; HONÓRIO, T. Educação com Arte. (Série ideias n. 31). São Paulo: FDE, Diretoria de Projetos Especiais. 2004.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a prática educativa. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1996.

## PERCURSO DOCENTE: CONEXÕES COM A ARTE E A EDUCAÇÃO

Raquel Balduino da Silva

O presente texto apresenta o percurso pessoal e profissional na Arte-Educação, com destaque às relações que permeiam a constituição como Arte-Educadora. Considerando o que mais fundamenta a trajetória, por meio de um texto carregado de reflexões, afetos, percepções, vivências, experiências com a Arte e a Educação na relação intensa com a vida.

No entanto, início com um trecho da Carta do Papa João Paulo II[1] aos Artistas (1999), fonte de inspiração e motivação, no percurso da vida.

De facto, a sociedade tem necessidade de artistas, da mesma forma que precisa de cientistas, técnicos, trabalhadores, especialistas, testemunhas da fé, professores, pais e mães, que garantam o crescimento da pessoa e o progresso da comunidade, através daquela forma sublime de arte que é a « arte de educar ». No vasto panorama cultural de cada nação, os artistas têm o seu lugar específico. Precisamente enquanto obedecem ao seu génio artístico na realização de obras verdadeiramente válidas e belas, não só enriquecem o património cultural da nação e da humanidade inteira, mas prestam também um serviço social qualificado ao bem comum. (Carta do papa João Paulo II aos Artistas, 1999)

Assim, a visita às memórias foi intensa e gratificante, refletir como a Arte e a Educação vão se constituindo no percurso da minha vida é compreender as relações existenciais através delas, de modo que ambas sempre estiveram e estão presentes em todos os períodos da minha vida, da infância à maturidade, na relação com o criador, consigo mesma, na condição humana e divina, com a família, amigos, comunidades, com o ambiente, natureza, escola, trabalho, enfim, no contexto existencial.

Dessas relações apresento de onde eu vim: sou a filha caçula de uma família de cinco filhas, pai e mãe. Filha de agricultores, sou natural de Centenário do Sul – PR.; até os 18 anos de idade, residi em um sítio localizado na zona rural do Município de Guaraci – PR, ao norte do estado, cidade tranquila, muito acolhedora e com características peculiares, das quais me recordo com muita afetividade. Meus pais me educaram a mim e a minhas irmãs, com muita simplicidade, amor, apesar das dificuldades financeiras, amor não faltou; minha infância sempre limitada de bens materiais como brinquedos, bonecas, porém, desfrutei da natureza como cenário para minhas brincadeiras, explorações, com minhas irmãs e primos como companhia, tais pessoas amadas considero com valor inestimável.

Tardif e Raymond (2000), em seus estudos consideram que a inscrição na história de vida do professor e sua construção ao longo de uma carreira, é particularmente importante para compreender a genealogia dos saberes docentes. De fato, como as memórias da infância, conduzem a experiências afetivas que percebo como estão presentes nas metodologias que busco desenvolver na docência – cuidado e respeito ao aluno em sua totalidade.

Deste modo, a visita às memórias de onde vim promover reflexões sobre o ponto de partida, a essência. Na sequência, avanço para o percurso da infância e da adolescência, descrevendo como a Arte e a Educação vão me seduzindo, encantando. Posso afirmar uma “História de amor”.

**Figura 1:** Sítio Água do Bagé



Fonte: Arquivo pessoal

A infância foi vivida no Sítio Água do Bagé, cuja experiência de vida estimo como um grande privilégio, o de estar presente em um ambiente próximo à natureza, com o carinho, atenção de minha família, minhas irmãs, a primeira e a segunda, sempre cuidando de mim e das minhas duas irmãs. Isto é muito marcante para mim. A natureza compondo os cenários, o lindo e azul céu, o verde da vegetação destacam em minhas pinturas a óleo. A geografia do lugar se transformava em um espaço para apresentações, com uma bateria que era a carriola de pedreiro do meu pai, que eu tombava e acrescentava algumas latas, as árvores que se tornavam condomínios residenciais, resíduos da natureza se transformavam em mobília e objetos decorativos. Minhas grandes invenções eram os brinquedos confeccionados com a espiga de milho, a qual transformava em boneca, latas em tambores, caixa de papelão em caixa de som

**Figura 2:** Pintura a óleo



**Fonte:** Arquivo pessoal

Para Lowenfeld & Brittain (1970), a criança mostra-nos muita coisa em suas produções artísticas, a criança em cada fase de sua vida é capaz de perceber o mundo de formas diferentes, sendo a Arte importante para a criança, para seu desenvolvimento emocional e perceptual, seus processos de pensamento, conscientização social e para seu desenvolvimento criador, de forma que as experiências na minha infância e adolescência contribuíram intensamente no desenvolvimento destes aspectos. Como a filha caçula, fui a última a frequentar a escola. Eu ficava na expectativa e queria muito ir à escola. Cursei da 1ª à 4ª série em escola rural, com a sala multisseriada (1ª a 4ª série), minha professora era brava, mas comprometida com a aprendizagem de seus alunos. Fui uma criança extremamente tímida, pouco me expressava, entretanto me encantei pela escola e pelo conhecimento, tinha facilidade com a matemática. Quando terminava minhas atividades primeiro, a professora solicitava para que eu ajudasse meus colegas. Eu gostava bastante de ajudar, acredito que o interesse pela docência começou a aflorar nessa fase.

Na minha infância tive contato com a Arte por meio da família, com o enfoque no fazer através do artesanato e pintura em tecido, etc. Iniciei minha experiência na pintura com a minha irmã mais velha, que ficava na cidade durante a semana e nos fins de semana retornava para nossa casa na zona rural. Então, como os momentos para praticar a pintura com minha irmã eram poucos, buscava através de observações de suas pinturas dela, aprender. Recordo-me de que ficava motivada com os resultados e vinha-me sempre o encantamento pela Arte. Um processo autodidático, importante para o desenvolvimento dessas práticas artísticas.

A vivência com a Arte foi bastante importante na minha adolescência e favoreceu para ampliar minha expressividade. Neste período de conflitos internos a arte foi se consolidando na minha vida. Desse tempo, tenho guardado em minhas memórias a reforma de um móvel de madeira, uma cômoda usada que minha mãe ganhou de uma tia, realizei um processo de restauração com colagem de folha de revistas, fiquei encantada com o processo e o resultado, minha família apoiou e motivou. Tal tarefa foi bastante significativa. Então, organizei meu quarto também, reutilizando móveis e construindo outros com materiais que tinha disponível. “Que experiência marcante!” Acredito que esse foi o momento que compreendi a Arte não apenas no contexto da prática de artesanato, das pinturas em panos de pratos, senti realmente

a sensação de extasia com esta manifestação humana do saber estético. Realizei o ensino médio realizei concomitantemente ao curso do Magistério na pequena cidade de Guaraci - PR. O referido curso contribuiu expressivamente na minha formação profissional e humana. Acredito que foi o encontro com a docência e um curso para a vida. As aprendizagens foram muitas: as experiências dos estágios obrigatórios, a vencer timidez, condição social para conseguir ficar o dia todo na cidade com a finalidade de cumprir a carga horária do curso, enfim, um tempo de importantes descobertas das minhas habilidades, principalmente nas linguagens artísticas.

Período muito importante para meu desenvolvimento pessoal e habilidades artísticas e tenho até hoje muitas recordações preciosas foi quando fui estagiária do curso do Magistério, pois era pertinente à turma as organizações das apresentações, eventos culturais, promovidos pela secretaria da educação do município, como em datas específicas: dia das crianças, dia da independência, mostras culturais, feira de ciências, apresentações artísticas, festas juninas, entre outras. Deste percurso destaco as vivências por meio da Arte e da Educação, pois estas motivaram a busca por crescimento profissional e pessoal.

Ao concluir o curso do Magistério, não me restavam mais opções para progredir nos estudos e eram bem poucas no campo de trabalho. O desejo de avançar e continuar estudando era grande, motivada também pelas necessidades sociais em promover condições melhores para mim e minha família. Sendo assim aos 18 anos de idade saí da minha querida cidade no interior do Paraná e me estabeleci em São José dos Campos – SP, período de grandes desafios e superações. Deixei meu lar, fui morar 800 km distantes de meus pais, família e os amigos. Nesse novo lar o cenário, as pessoas, o tempo eram todos estranhos. Impulsionada por melhores oportunidades, o enfrentamento diante desta nova realidade foi de manter o foco no que eu compreendia ser necessário e não foi fácil, mas superei.

Minhas duas irmãs já moravam na cidade de São José dos Campos, a mais velha ministrava aulas de pintura, tecido e tela em um pequeno ateliê em um trabalho informal. Surgiu a oportunidade de trabalhar com ela, também com aulas de pinturas e como artesã. Diante da função de professora de pintura, comecei a busca por metodologias para o ensino, momento de superação e aprendizagem, buscando ampliar minha prática com a pintura e organizar formas de ensinar, experiência que também influenciou em minhas escolhas para minha vida profissional.

Desse período foi possível perceber como a arte foi se estabelecendo em minha carreira pessoal e profissional, com enfoque no diálogo com a Educação, não apenas no meu fazer artístico e produções pessoais. Ampliando o relato e recorrendo a Vygotsky (2009), em seus estudos sobre criação e imaginação, por considerar pertinentes as conexões que foram constituídas neste período, desenvolvendo habilidades artísticas em um processo pessoal, destaco a afirmação de Vygotsky (2009):

Toda atividade do homem que tem como resultado a criação de novas imagens ou ações, e não a reprodução de impressões ou ações anteriores de sua experiência, pertence a esse segundo gênero de comportamento criador ou combinatório. O cérebro não é apenas o órgão que conserva e reproduz nossa experiência anterior, mas também o que combina e reelabora, de forma criadora, elementos da experiência anterior, erigindo novas situações e novo comportamento. Se a atividade do homem se restringisse à mera reprodução do velho, ele seria um ser voltado somente para o passado, adaptando-se ao futuro apenas na medida em que este reproduzisse aquele. É exatamente a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando o seu presente. (VYGOTSKY, 2009, p.13)

Trago comigo marcas valiosas que estão presentes em minhas concepções, busco promover possibilidades com a Arte e a Educação nas práticas pedagógicas, visando o processo significativo de ensino-aprendizagem, que o aluno vivencie experiências com as linguagens artísticas, em conexão com a criação, imaginação no processo educativo e no contexto social dos alunos.

Vivia da Arte, ela que me nutria no aspecto financeiro e no pessoal. O desejo de estudar perpetuava, o aprender e ensinar, me provocava, a Arte e a Educação estavam se movimentando em mim. Considerava e almejava a carreira na arquitetura, de forma que não estava sólida a certeza de que seria professora. As condições financeiras não me permitiam ingressar em uma universidade. Pelo fato complexo de retorno financeiro no trabalho de artesã, as fontes de renda são instáveis. Após 6 anos neste trabalho informal, parti para uma empresa administrativa para conseguir estabilidade e iniciar um curso universitário. Aos 27 anos ingressei no curso de Pedagogia, onde o foco principal era a Educação Infantil, confiava que as minhas experiências com a Arte contribuiriam para esse segmento da Educação Básica.

O primeiro contato profissional com a Educação formal foi na Educação Infantil, instância onde desen-

volvi um trabalho em parceria com a direção e os professores da IMEI. O projeto consistia em uma restauração e reorganização dos cantinhos pedagógicos e das salas de aula, foi um tempo de promover um novo espaços e vivências com arte, em ambientes educativos. Trabalho esse que me fez perceber o quanto as práticas pedagógicas com artes visuais produzem novos significados, principalmente na Educação Infantil.

Apesar de ter realizado este trabalho, não me identifiquei com o segmento da Educação Infantil. Diante disso, refleti sobre o desejo de buscar práticas que promovam uma educação humanizadora, sendo a arte este caminho, conforme expressa Huberman (1995, p. 40) Para o professor de uma disciplina de arte ou de esportes há sempre a possibilidade de sonhar com a carreira artística ou desportiva.

Havia prestado um concurso público para trabalhar como educadora social em artes plásticas, em uma Fundação de Educação não formal da cidade pertencente ao município de São José dos Campos, que atende crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, levando-lhes práticas socioeducativas a diversas unidades. Fui convocada a exercer a função.

Quando assumi minhas turmas a prática de sala de aula se tornou real. Recebi os adolescentes, um público que não cogitava lecionar. Pensei que não conseguiria, pois não conhecia e compreendia o segmento da Educação não formal, projetos sócios educativos, adolescentes em vulnerabilidade social, domínio de sala e conteúdo. Tudo muito desafiador para mim, enfim, muitas dúvidas e incertezas.

O acolhimento dos novos colegas de trabalho foi muito precioso, respeitoso e regado de muita generosidade. Experiência que considero decisiva na constituição desta que vos escreve, como Arte-Educadora. Pois me proporcionaram ricas aprendizagens, sobre os saberes docentes, experienciais, curriculares, as estruturas, e propostas didáticas da Fundação.

Iniciei minha trajetória na Instituição com motivações internas, por acreditar no valor da Arte na Educação, e desejo de contribuir para a formação educacional e humana dos alunos, mas sem experiências, com o desafio de trabalhar com os adolescentes, e aos poucos fui constituindo-me em uma profissional na Arte-Educação.

Todavia, no decorrer do trabalho com os adolescentes, favoreci as aprendizagens ancoradas na abordagem triangular que se refere a conhecer, apreciar e fazer a arte, com projetos interdisciplinares na proposta socioeducativa. Permaneci lecionando na Fundação por sete anos e me apaixonei pelos adolescentes, bem como a criação das atividades que visava elaborar os projetos com foco na linguagem visual, em especial com o trabalho de pintura em tela e criações em diferentes suportes e materiais.

**Figura 2 e 3:** Aula de pintura em tela na Fundação. 2010



**Fonte:** Arquivo pessoal

Além das aulas de pintura, era proposto aos alunos visitas aos parques, espaços culturais, registros fotográficos dos ambientes, exploração dos espaços, momentos de interação. Ao retornar à unidade escolar, os alunos selecionávamos os registros fotográficos, as anotações para as composições artísticas, e realizávamos as práticas artísticas. Recordo-me com muito afeto desses momentos, a percepção que vinha dos olhares, das falas dos alunos, das suas criações, fazendo-os se sentirem pertencentes ao processo, autor de sua autoaprendizagem, considero essa experiência educativa um valor inestimável e motivador para o meu percurso na Arte-Educação.

Em relação aos meus estudos acadêmicos, posteriormente a esse período realizei uma dupla formação continuada: dois cursos de especialização. Um em Arte-Educação e Saúde e o outro: Especialização em Educação Para as Relações Étnico-raciais. Ambos foram fundamentais para minha formação profissional e pessoal, permitindo-me fazer conexões com teoria e prática.

E outro momento importante foi por intermédio da formação continuada com Arte-Educadores e Nesta instituição também foi oportunizado promover diversas “Visitas Culturais” com os educandos, um tempo rico e de muito significado como docente e no contexto humano, lembranças carregadas de emoção e gratidão.

Enfatizo que a formação continuada na Fundação consolidou saberes fundamentais para a minha identidade profissional, pois lá vivenciei pela primeira vez a visita a um museu, o Museu MASP. Experiência singular, e guardo na memória de educadora com muito afeto.

Depois dessas experiências, foi minha escolha a cursar a segunda licenciatura em artes visuais. Após a conclusão do curso, logo prestei o concurso para professora de Arte da rede municipal, uma vez aprovada, fui convocada para a função. O primeiro ano na rede municipal, período de adaptações na educação formal, realizei trabalhos com as linguagens da Arte, o mais marcante do “choque do real”, retornando aos conceitos de Huberman (1995)

Por outras palavras, pôr-se em questão corresponderia a uma fase - ou várias fases - 'arquetípicas(s)' da vida, durante a(s) qual (quais) as pessoas examinam o que terão feito da sua vida, face aos objectivos e ideias dos primeiros tempos, e em que encaram tanto a perspectiva de continuar o mesmo percurso como a de se embrenharem na incerteza e sobretudo, na insegurança de um outro percurso. (HUBERMAN, p.43)

Relaciono também a fase que o autor caracteriza como " Pôr-se em questão" à mudança de segmento de Educação não formal para a Educação formal. Sendo que o trabalho na educação não formal era realizado partindo de projetos socioeducativos, diferentemente da educação formal que tinha um direcionamento por propostas curriculares às quais eu não me sentia pertencente. A primeira escola como professora de Arte estava localizada na mesma região que trabalhei pela Fundação e próxima à IMEI, região do município de alta complexibilidade e vulnerabilidade social, informação que já conhecia, mas devido a proposta curricular na Educação formal, para mim apresentava-se muito mais complexa do que as experiências anteriores, mesmo sendo comunidades de alta vulnerabilidade.

Permaneci por um ano nesta unidade escolar e depois consegui escolher uma outra escola, com um contexto muito diferente, os desafios eram outros, me motivavam a continuar a atuação na docência da educação formal. Esse tempo considero que seria a "Fase de diversificação", segundo Huberman (1995), para o autor nessa fase da carreira os professores seriam mais motivados, destacando como os mais empenhados e dinâmicos nas equipes pedagógicas.

"As pessoas lançam-se, então, numa pequena série de experiências pessoais, diversificando o material didático, os modos de avaliação, a forma de agrupar os alunos, as sequências do programa, etc. Antes da estabilização, as incertezas, as inconseqüências e o insucesso geral tendiam de preferência a restringir qualquer tentativa de diversificar a gestão das aulas e a instaurar uma certa rigidez pedagógica. (HUBERMAN, 1995, p. 41)

No segundo ano de rede municipal foi possível desenvolver melhor meu trabalho no Ensino Fundamental II. Investi em cursos de aprofundamento nas linguagens da arte, teatro e música, o que colaborou significativamente para lecionar para os alunos. Continuo atuando na mesma escola no segmento dos anos iniciais, com outros desafios, porém, tenho compreendido que a necessidade de propiciar a arte na educação é necessária. O trabalho nesta fase inicial do Ensino Fundamental I proporcionou muitas possibilidades em aprendizagem, desafios e estimulou a busca por propostas por meio das linguagens artísticas.

Ao retomar as lembranças da minha infância e história de vida, identifico no meu fazer artístico e na prática em sala de aula em relação ao desenvolvimento das atividades nas diversas linguagens artísticas (dança, teatro, música, artes visuais), as experiências relatadas na infância, pois já estavam presentes em minha trajetória de vida com a arte. É gratificante reconhecer essas vivências e perceber que posso avançar na didática e contribuir no desenvolvimento integral dos meus alunos.

A desejo de ampliar os conhecimentos me provocaram a iniciar o curso de Mestrado, uma importante fase no desenvolvimento dos meus saberes docentes e formação profissional. De modo que busco no mestrado não apenas a complementação da formação docente, mas um processo de ampliação de repertório, experiências, preferência por saber sobre o mundo acadêmico, da pesquisa e consciência do meu fazer docente. Confesso que sou impulsionada a continuar no percurso da vida, como muita esperança e fé.

Um percurso de desafios, vitórias e superação. Desafios superados, muitas vezes não da forma que imaginava, mas do jeito que era para ser, com muita aprendizagem, determinação, coragem e fé. A Arte sempre como impulsionadora, mediadora, orientadora, provocadora de vivências ricas de significados, que proporcionaram experiências singulares na consolidação da minha identidade profissional e muito mais intensa, na existencial, posso afirmar que é um privilégio.

Concluindo expresso que a minha experiência pessoal com a arte me impulsionou a buscar a profissionalização como arte educadora. E aspiro o conhecimento não somente para mim, mas para todos os meus queridos alunos, para todas as pessoas em sua integridade humana e divina, todos os ambientes internos e externos, todos os tempos, enfim, em todos os corações.

Queridos artistas, como bem sabeis, são muitos os estímulos, interiores e exteriores, que podem inspirar o vosso talento. [...] Abençoa-o com uma espécie de iluminação interior, que junta a indicação do bem à do belo, e acorda nele as energias da mente e do coração, tornando-o apto para conceber a ideia e dar-lhe forma na obra de arte. Fala-se então justamente, embora de forma analógica, de « momentos de graça », porque o ser humano tem a possibilidade de fazer uma certa experiência do Absoluto que o transcende. (Carta do Papa João Paulo II aos Artistas, 1999)

Finalizo com mais um trecho da Carta do Papa João Paulo II aos Artistas (1999), com a certeza de que, a Arte-Educação são transformadoras, e com coragem, fé, amor, podemos provocar o mundo a ser mais reflexivo, possibilitando olhares sensíveis para toda humanidade e por um mundo melhor para todos. E destaco a importância de personalidades, pessoas próximas, familiares, amigos, referências da Arte e da Educação e outras importantes referências de conceitos humanos e espirituais- muito significantes no desenvolvimento da Arte-Educação no meu percurso pessoal e profissional, por contribuem intensamente com provocações, mediações preciosas.

**Figura 4:** Evento artístico cultural escolar



**Fonte:** Arquivo pessoal

## REFERÊNCIAS

HUBERMAN, Michel. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). Vida de professores. tradução de Maria dos Anjos Caseiro e Manuel Figueiredo Ferreira. Portugal: Porto Editora, 2. ed,1995.

JOÃO PAULO II, Papa, Carta do Papa João Paulo II aos Artistas. Vaticano,1999. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_23041999\\_artists.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf_jp-ii_let_23041999_artists.html) Acesso em: 10 set.2021

LOWENFENFELD, V; BRITAIN, W.C. Desenvolvimento da capacidade criadora. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

TARDIF, Maurice Saberes docentes e formação profissional / Maurice Tardif. 17. ed. — Petrópolis: Vozes, 2014.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. Educação & Sociedade, n. 73, dezembro/2000.

VYGOTSKY, Lev S. (Lev Semionovich), 1896-1934, Imaginação e criação na infância: ensino psicológico: livro para professores. Lev Semionovich Vigostski; apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; Tradução Zoia Pretes, - São Paulo: Ática, 2009.

[1] João Paulo II (em latim: Ioannes Paulus PP. II; em italiano: Giovanni Paolo II; em polonês/polaco: Jan Paweł II), nascido Karol Józef Wojtyła e, desde 2014, São João Paulo II (Wadowice, 18 de maio de 1920 – Vaticano, 2 de abril de 2005), foi o papa e chefe da Igreja Católica de 16 de outubro de 1978 até à data de sua morte.

## Introdução

A oportunidade de relatar fatos e acontecimentos marcantes da vida que possibilite a reflexão sobre a construção de quem somos e quem nos tornamos, possibilita rever os caminhos que foram apresentados desde a infância até a atualidade, além disso, permite rever as escolhas, recordações e os momentos que estavam escondidos nas memórias do passado. É como rebobinar um filme. Tal ação envolve momentos de doçura, diversão, alegria, medo, fantasia, sapequice, aventura, timidez, acertos e erros. É o regresso a um tempo em que o maior compromisso era ir para a escola, fazer tarefa, obedecer aos pais e brincar.

A infância é a fase de maior criação de nossas vidas, onde se experimenta e se aprende coisas novas todos os dias. Período de aventura, sem a preocupação de ter que pensar nas coisas sérias. Por isso mesmo, é um tempo de invenção e criação.

Fui uma criança privilegiada por nascer em uma família amorosa, criativa, alegre, que gosta de música, festa e de casa cheia. Meus pais sempre pensaram em nosso bem-estar e tinham aquele sonho de “ver os filhos crescerem bem e saudáveis”. Foi então que uma mudança de cidade, sair da metrópole para morar em uma cidade do interior, possibilitou essa aventura de uma infância com cara de infância.

A maior parte da minha vida de criança teve como do cenário a Rua Portugal, uma rua quase tranquila, se não fosse pela quantidade de crianças. Lá havia muita brincadeira de rua, muita interação, histórias contadas... Era um ambiente de muita amizade, amigos que nasceram na Rua Portugal, mas que duram até hoje.

Outra coisa importante que havia na Rua Portugal era a escola de música da professora Claudia. No caminho da padaria, ao passar pela calçada da pianista, sempre parava para ouvi-la tocar. Às vezes, olhava sobre o muro para ver o que acontecia lá dentro. Deveria ter uns sete anos, e meus pais, ao perceberem que eu gostava de música, logo fizeram minha matrícula nessa escola. Estudei piano clássico pelos próximos sete anos e me tornei motivo de orgulho para eles que gostavam de me ver tocar em recitais e apresentações. Assim fui crescendo, amadurecendo e me aprimorando na música. Tinha facilidade com os dedilhados e gostava de ouvir soar as melodias que iam sendo produzidas pelo martelar dos meus dedos no teclado. Aos quatorze anos migrei para o universo do teclado por achar mais interessante e mais completo, chegando a utilizar esse instrumento, inclusive profissionalmente por algum tempo.

Todas essas vivências, seja na rua, seja os momentos musicais me transformaram na docente que hoje sou, com mais abertura e tato que busca valorizar as múltiplas aprendizagens e habilidades dos alunos.

Hoje como docente, sei que é na infância que, sem querer descobrimos coisas que gostamos e que queremos, construindo assim, nossa identidade.

## Tradições Culturais Familiares na Infância

Nasci numa manhã de inverno no dia 29 de julho de 1978 na cidade de Santo André - SP, no berço de uma família enorme de ambas as partes. São doze tios de cada lado e muitos primos, como uma boa família vinda do Nordeste deve ser. Uma família que buscou cultivar suas tradições culturais. Meus avós, autênticos retirantes nordestinos, migraram para São Paulo motivados pela busca de uma vida melhor e mais digna. Os avós paternos vieram da Bahia e os maternos do Ceará. Com eles aprendi a dar valor à família e às histórias que foram sendo construídas ao longo do tempo.

Meus avós, enquanto eram vivos, adoravam contar as histórias das tradições nordestinas e como bons patriarcas, participavam intensamente dos processos de continuidade da construção de nossa história de vida familiar. Por isso, quando meus pais, visando nos oferecer uma vida com mais tranquilidade, qualidade, boa educação, uma infância digna e com mais liberdade, decidiram mudar para uma cidade menor no interior do estado de São Paulo, Águas de Lindóia, o que mais sentimos foi a falta do convívio com o restante da família, em especial com os avós. Eles moravam em cidades do ABC paulista (como são chamadas as cidades de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano, que ficam no entorno de São Paulo Capital, compondo a região metropolitana). Meus avós paternos moravam com uma tia na mesma rua em que morávamos em São Bernardo do Campo e o convívio com eles era quase diário. Aos domingos, era tradição o almoço na

casa dos meus avós maternos. Recordo-me do sabor do refrigerante de garrafa e ainda sinto o cheiro do bolo de cenoura com aquela calda de chocolate durinha feito por minha avó. Me questionava, como ela conseguia fazer um bolo tão gostoso? E a tapioca da dona Raimunda, minha vó, autêntica tapioca do Ceará. Ela cuidava de todo processo de produção da iguaria, cabendo a nós, darmos apenas o toque final, passando a famosa manteiga de garrafa.

Ainda é vivo em minha lembrança o forró do meu avô Macedo. Era ele quem agitava nossos domingos em família, chamando todo mundo para dançar. Na parte da tarde a tradição era assistir o programa do Silvio Santos que ele não perdia por nada. Quando o Silvio começava, então o silêncio era total, conforme sua determinação. O jeito era sentar e assistir quietinhos com ele.

Uma lembrança que tenho das minhas avós é que ambas costuravam, tanto na máquina, quanto à mão. As duas ainda faziam crochê e eu amava fazer roupas para minhas bonecas com elas. Essa foi uma herança que me passaram e que passei para minha filha que a utilizou como terapia durante o isolamento imposto pela pandemia da Covid 19. Acredito que esse foi um presente que pude passar para ela.

Minha avó Raimunda e sua cunhada, a tia Sinhá eram cozinheiras de mão cheia e faziam tudo manualmente. As balas de coco, doce de leite e cocada que delícia! Lembro que elas colocavam um gancho na porta em que penduravam aquela goma e iam puxando até dar o ponto. Era bonito de se ver aquela coreografia ritmada e quando o doce ficava pronto, nós a criançada, comíamos com muito gosto. Ao rememorar essas coisas, até sinto na boca o gosto gostoso dos doces feitos por elas. Pena que hoje em dia essas coisas se perderam.

A cidade escolhida por meu pai para a nossa nova morada foi Águas de Lindóia, uma linda e pequena cidade distante 160 km da capital, com seus cerca de 15.000 habitantes, onde todos conheciam todos. Não demorou muito até que meus pais se tornassem pessoas muito conhecidas, uma vez que eram comerciantes, e por cima de tudo, gostavam de participar e organizar as festas e comemorações que aconteciam na cidade.

**Figura 1:** Participação de toda família em um carnaval. 1987



**Fonte:** Arquivo pessoal

A timidez era uma das minhas marcas naquela época. A participação nos recitais que eram promovidos pela escola de música e aconteciam todos os anos nos hotéis da região, talvez tenham contribuído para amenizar essa vergonha. Eu só não era tímida quando estava no meio da brincadeira junto aos meus amigos da rua.

A rua era o lugar de muitas brincadeiras, haviam muitas atividades, tínhamos muita criatividade, éramos unidos. As brincadeiras eram: taco (bete), coreia, mãe da rua, entre outras. Também lembro de fazer barquinhos de papel para colocar na água com os bonequinhos de "Playmobil" achando que eles não iam afundar. As casas em construção se tornavam para nós, casas assombradas, e nós nomeávamos cada assombração que lá residiam.

Uma senhora magra com seus cabelos longos cobrindo o rosto que morava na nossa rua, era chamada por nós de “mulher de branco”. Era nossa lenda urbana viva. Nós, crianças com mante fértil, morríamos de medo dela, ao falar dela até arrepiávamos. Quando ela aparecia, todo mundo saía correndo. Um pesadelo coletivo que sonhávamos acordados.

E quantas campanhas tocávamos! Era tocar e: “pernas para quem tem”! Cada um que corresse o mais que podia. Confesso que até hoje me arrisco a tocar algumas para ensinar meus filhos como é viver essa aventura. Mas hoje as coisas são diferentes. As crianças que tocam campanhas são vistas como “meliantes”, sendo filmadas pelas câmeras de segurança, passando a circular em mensagens de WhatsApp.

Águas de Lindóia é um município que tem muitas cachoeiras e nós sempre nos aventurávamos ao excursionar por suas trilhas para desfrutar das belezas naturais do lugar, além de ter a oportunidade, nesses passeios, de assistir a maravilha do sol se pondo entre as montanhas. O desagradável é que pegávamos muitos carrapatos. Um tipo especial deles era bem presente, uns pequenininhos que lá eram chamados de “porvinhas”. Esses carrapatos pareciam explodir no nosso corpo, chegando a demorar até um mês para que fossem eliminados do nosso corpo.

Que delícia, que saudades! Alguns dos meus amigos de infância continuam meus amigos até hoje e cada encontro é como se ainda tivéssemos 10 anos de idade!

### **Contato com a arte musical e a primeira experiência como professora de música.**

Voltando às aulas de piano, como já foi dito anteriormente, iniciei aos sete anos na escola da professora Claudia, que na verdade funcionava em sua própria casa. A escola ficava na mesma rua em que morávamos e eu poderia ir sozinha a pé. As lições eram de piano clássico e o que para alguns seria algo meio chato, para mim soava como um estímulo para progredir nas lições, me proporcionando uma sensação de bem estar. Minha irmã que iniciou junto comigo, logo desistiu. Quanto a mim, fui perseverante até me tornar uma instrumentista. Aos quatorze anos migrei para o teclado eletrônico já que ele permitia maior variedade de sons. A partir daí passei a ser convidada para dar aulas de música e tocar em piano-bar de hotéis. Meu primeiro trabalho como profissional da música foi no Hotel Vacance, em Águas de Lindóia. Eu adorava tocar e não negava qualquer convite, fosse em inauguração de lojas, restaurantes ou pequenos eventos sociais. Às vezes nem recebia para tocar, mesmo assim eu ia, pois aquilo para mim era puro prazer. A música era uma presença tão forte em minha personalidade e na minha que nesses momentos não havia timidez, era como se existisse apenas eu e a música. Ainda hoje quando toco, é como se nada existisse, é uma linda viagem!

Minha experiência com a música e a visibilidade adquirida com as apresentações, fizeram com que eu passasse a ser procurada por alguns pais que me pediam que ensinasse teclado aos seus filhos. Então sem hesitar, logo passei a aceitei a proposta. Porém essa não foi a minha melhor experiência como docente. Inicialmente eram cinco alunos e quando percebi, estava alocada em uma sala em outra cidade atendendo muitos alunos. Logo percebi que o fato de ser instrumentista não fazia de mim uma professora de música. Acredito que a imaturidade, a inexperiência, a falta de prática pedagógica e escolhas metodológicas equivocadas, foram preponderantes para o insucesso como professora de música naquele momento. Talvez me faltaram os requisitos fundamentais para lidar com outros sujeitos como professora, coisas que vim aprender posteriormente.

De acordo com Tardif (2015, p. 117), não existe trabalho sem técnica, não existe meio de trabalho sem relação com o trabalhador. Escrever sobre essa experiência e reconhecer que ela não foi tão boa é importante para perceber os significados que elas tomaram em minha trajetória.

Tive que reconhecer que ainda não possuía os requisitos necessários para lidar com os anseios dos alunos e que ainda não estava pronta para desempenhar a função docente. Assim, foi preciso interromper minha tão breve carreira de professora de piano. Essa foi sem dúvida minha primeira frustração profissional. Me vi diante de um grande obstáculo que era inexperiência como formadora musical.

Segundo Tardif (2014) a profissão docente é um trabalho onde o trabalhador se relaciona com seu objeto de trabalho através da interação, sendo esse um dos pré-requisitos fundamentais para a relação entre professor e aluno. Só que nesta época eu ainda não havia constituído esse conhecimento. Hoje posso dizer que a interação é justamente o meu diferencial, meu “cartão de visita”, afinal sem interação não temos afetividade, sentimento que promove o vínculo que é fundamental no trabalho com os discentes. Talvez a frustração inicial tenha me impulsionado a encontrar formas de me aprimorar como docente.

## Fazer docente, fazer diferente colocando conhecimentos curriculares e sempre com uma pitada de arte.

No ano de 2000, quando casei, vim morar em São José dos Campos. Então, após ter passado por um processo seletivo, fui trabalhar no departamento administrativo de uma escola privada. Lá, senti uma enorme necessidade de compreender melhor o processo educacional, como se dava a elaboração dos planos escolares, dos projetos, a legislações específica do setor e as políticas voltadas para educação. Por esse motivo, em 2007 resolvi ingressar no curso de Pedagogia e me encantei com as inúmeras possibilidades do ato de ensinar e com os caminhos possíveis na formação de outros indivíduos. Assim, depois de 14 anos trabalhando na administração, sem medo nenhum, fiz a opção pela carreira docente. Meu desejo era “transformar vidas”. Então em 2015 pedi demissão do emprego burocrático e corri atrás desse sonho.

Minha primeira turma como professora foi ao mesmo tempo grande presente, mas também um desafio, um 5º ano, fase de transição entre o fundamental I e II, onde os meninos e meninas estão quase entrando na puberdade, com a eferescência hormonal característica dessa fase da vida. A arte passou a ser, então, um recurso utilizado por mim no sentido de inspirar, mas também como meio de aquisição dos conhecimentos. Mesmo não tendo formação específica na área, trago comigo minhas vivências com a arte, além daquilo que pude aprender na graduação em Pedagogia, o que me faz crer que a arte possibilita aprendizado e desenvolve a criatividade, educando e ensinando de forma lúdica e prazerosa. Fiquei nessa instituição apenas um ano e logo novas oportunidades surgiram.

No ano de 2016 me surgiu outro desafio na educação, esse era para trabalhar com crianças com “Alta Habilidades” em uma escola de São José dos Campos, uma oportunidade de desenvolver um outro viés da pedagogia, trabalhar com as múltiplas inteligências, contribuir com a construção de caráter, com a inovação, construindo junto aos alunos um aprendizado com muitos significados. A sala era organizada com várias mesas redondas, formando grupos de trabalhos. Os horários eram diferenciados, de acordo com as necessidades dos educandos. O propósito da escola era que os alunos fossem os protagonistas na construção do próprio aprendizado, e o professor, um gerenciador desses saberes. Uma grande fonte de inspiração dessa proposta eram os estudos de Edgar Morin, que valoriza o lugar da ação e como alunos se reconhecem no mundo, a diversidade cultural inerente a tudo que é humano.

Minha identificação com essa instituição foi imediata, já que se tratava de uma proposta provocadora, forçando todos os envolvidos a “sair da caixinha”, a se descobrir e se reinventar como docente. Eu ainda não estava acostumada com uma proposta tão democracia como essa e no início fiquei um pouco assustada. O ensino proposto na instituição se desenvolvia por meio da aprendizagem baseada em projetos. Um dos projetos desenvolvidos teve o nome de “Eu Cientista”, onde os próprios alunos deveriam montar uma aula sobre um determinado assunto presente no currículo. Eles deveriam pensar em possibilidades de aprendizagem, na mediação dos conhecimentos e na autoavaliação, tudo do jeito deles. Uma atividade que considero importante que pode ser desenvolvida graças a abertura que tenho com a arte, foi a possibilidade de poder levar os alunos para Caravana da Ciência da UNIFESP. Na oportunidade, buscávamos algo novo que fosse prazeroso para eles. O projeto se chamava “Matemática em todos os lugares inclusive na música”, referência à contribuição de Pitágoras no sentido de aproximação entre a matemática e a música. Essa foi uma experiência fantástica.

Em janeiro de 2019 ingressei na Rede Municipal de São José dos Campos como professora efetiva, inaugurando uma nova etapa de minha trajetória na Educação. Mais um sonho concretizado e uma nova realidade e mais uma vez surgia a necessidade de me adaptar. Foram inúmeras descobertas que exigiam de mim abertura ao novo, desde o número de alunos em na sala, passando pela heterogeneidade do público atendido, com crianças de um lado bem instruídas e sabidas, e de outro alguns que apresentavam dificuldades de toda sorte.

Ser integrada a nova equipe, construir novos elos com os pares e conhecer o território escolar, foram situações desafiadoras e os meus saberes precisaram ser repensados. Conforme descreve Morin (2011, p 29), “quando o inesperado se manifesta, é preciso ser capaz de rever nossas teorias e ideias, em vez de deixar o fato novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo.”

A chegada na nova instituição despertou a necessidade de trabalhar outras habilidades elencadas no currículo, tais como: aprender mais sobre a realidade sociocultural destes alunos, aprimorar novos conhecimentos, desenvolver novas linguagens para que meu papel como educadora fosse realmente efetivo e eficaz. Por isso fui buscar modos de desenvolver projetos com finalidade social, conhecendo as características do território onde a escola estava inserida, aspectos estes que se tornaram relevantes para o bom desempenho do meu trabalho.

Atrair projetos ao currículo foi uma maneira que encontrei de superar obstáculos de aprendizagem junto ao meu 5º ano. Era preciso construir novos saberes e aprendizados. Foi então que mergulhamos num projeto

que visava desenvolver as habilidades socioemocionais dos alunos, despertando o senso de solidariedade e a empatia. Em contrapartida, promoveria a superação dos alunos nas principais dificuldades apresentadas por eles. A prioridade recaiu sobre um grupo que ainda necessitava ser alfabetizado e desenvolver as habilidades mínimas na área de linguagens, criação, expressão de sentimentos. Para isso foi elegido o gênero Cartas, sob a alcunha de Projeto Cartas Perdidas. Foi um sucesso! Esses alunos despertaram para a construção de saberes e aos poucos, foram obtendo novas conquistas como atenção, autodisciplina, confiança, cooperação, conforme o pensamento de Freinet defendido por Elias (2010) em sua obra sobre o autor.

Por minha iniciativa, com a autorização da secretaria de educação do município e contando com o apoio do Movimento Futuro e CENPEC educação, inscrevi este projeto no 1º Prêmio de Aprendizagem Solidária do Brasil, alcançando o 6º lugar na edição do ano de 2020. Tais conquistas corroboram o pensamento de Elias (2010) quando diz:

A escola e o professor necessitam trabalhar as relações no grupo e a responsabilidade de cada um, tendo como meta o crescimento pessoal/social da classe. Não se deve ter pressa. Se o educador não tiver paciência, não der tempo para o aluno assimilar os conteúdos, não fará mais que um trabalho de superficialidade. (ELIAS, 2010, p. 40)

Para os alunos, seus pais e toda a comunidade escolar, a ação se configurou como uma grande vitória. Foi interessante saber que esses alunos ganharam muitas coisas, mas o mais importante foi perceber o aprendizado individual e coletivo que ficou marcado neles, despertando a solidariedade, a criatividade, e o amor ao próximo.

### **A pandemia chegou, tudo mudou.**

Em meados de março de 2020 chegou à pandemia do Coronavírus e mudanças urgentes se fizeram necessárias no mundo todo, na brusca por adaptar os empregos ao formato remoto. Essa fase gerou muitas angústias, medos, anseios, e a maioria das profissões precisaram se reinventarem e se reestruturar. Com as instituições escolares não foi diferente. Os saberes docentes foram colocados à prova. Nós professores aprendemos muito com o ensino remoto.

O conhecimento docente necessitou se adaptar a novos formatos rapidamente. Foi preciso pensar novas formas, novas formações, conceitos, estratégias, reformulações. Foi necessário desenvolver um tipo de sala de aula que acontecesse no ambiente virtual, sincronizar as novas e antigas tecnologias de modo urgente. Foi uma verdadeira corrida para garantir o aprendizado dos alunos principalmente nas escolas públicas de periferia com pouco ou nenhum acesso e conectividade. Os problemas sociais foram agravados, sendo mais que necessário ao professor encontrar soluções rápidas para alcançar todos os alunos em meio a falta de acesso de muitos desses educandos.

Imbuída pelo desejo de encontrar saídas possíveis para esses problemas, me voluntariei para gravar videoaulas no projeto da rede municipal em que trabalho. As aulas seriam veiculadas pela TV, do Youtube, e WhatsApp, fazendo assim que o conhecimento curricular e as habilidades chegassem a todos os alunos.

**Figura 2:** Gravação de videoaulas



**Fonte:** Arquivo pessoal

Por fim, posso dizer que refletir sobre o papel da arte na palavra, no gesto, na oralidade e na escrita, permite a transformação do mundo em um mundo de pensamentos, percepções, questionamentos, significados, afetos e comunicação.

A arte tem relação com o modo como uma pessoa se entrega, se expressa e se descobre. A arte da palavra, assim como tantas outras maneiras de expressão na educação, é fundamental para que as crianças, mas não só elas, aprendam a se expressar, se compreender e compreender o mundo, pensando no quão importante é que a arte esteja presente nos textos, nos estudos e reflexões.

Todas as experiências artísticas que ocorreram em minha vida, contribuíram para a profissional que sou hoje na educação, participar de projetos onde ocorrem exposição de imagens, a forma com que conduzo minhas turmas, esses instrumentos me fortaleceram enquanto docente a enfrentar o novo, ter controle, realizar trabalho diferenciado, não ter medo do que irão dizer, só consegui realizar e modificar tudo isso porque fui nutrida de arte e criatividade.

Todas as experiências artísticas que ocorreram em minha vida, contribuíram para a profissional que sou hoje. Uma profissional da educação, disposta a participar de projetos, fazendo uso de diferentes imagens. Contribuíram também a forma como conduzo minhas turmas. Esses instrumentos me fortaleceram quanto docente, me tornando apta a enfrentar o novo, ter controle das situações, realizar um trabalho diferenciado, não ter medo do que irão dizer. Por tudo isso posso afirmar que só consegui realizar minhas conquistas e modificar minhas práticas porque fui nutrida de arte e criatividade.

## REFERÊNCIAS

TARDIF, Maurice; Saberes Docentes e Formação Profissional. 17 ed. -Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

MACHADO, Regina. A arte da Palavra e escuta. Ed.Reviravolta -2015 <https://leitor.arvore.com.br/e/livros/ler/a-arte-da-palavra-e-da-escuta?p=AdCbwbNwvkWmhUPtedDW>

ELIAS, Marisa Del CIOPPO. Célestin Freinet, uma pedagogia de Atividade e Cooperação, 9º ed- Petrópolis, RJ: Vozes 2010

## DE UM PULO SE FEZ UM PASSO: uma trajetória pela arte

Juliane Raphael Vicente

Um pulo, um sopro, um sonho. De um pulo se fez um passo, e assim, a arte foi de gota a gota despejando suas cores, seu brilho, seu encanto em forma de dança para ser sentida, experimentada, vivenciada por todo um corpo carente de afeto. Da música fez-se as notas que tocaram a alma e de traços em traços, tanto retos como curvos, foram sendo construídos os castelos que seriam habitados no futuro.

O sopro da arte foi luz, mesmo na escuridão das noites sem rumo, e, clareza nos momentos de decisão.

De um sonho de criança, sem mesmo que entendesse o significado da arte, fez-se a base de uma profissão, criticada pela maioria das pessoas ao meu redor, mas alimentada por mim que não via limites para alcançar o céu.

Escrever sobre a arte é muito difícil quando se trata de estar relacionado a nós e as nossas experiências, principalmente, quando você nunca foi entendida por suas escolhas, por nunca ter sido senso comum. Ser diferente não foi uma escolha, foi uma constatação de quem eu era, o que hoje, agradeço, pois, assim foi possível construir minha personalidade à margem da minha essência. Nunca aceitei ser cópia de nada e de ninguém, e, por esta escolha fui inúmeras vezes rejeitada. Me mantive viva pela arte e por todos os momentos que estive concatenada a ela.

Para muitos, revisitar a infância traz uma sensação gostosa, tanto de calma, como de sonhos, de ilusão, mas, para mim, traz um vazio enorme, um buraco no peito. Talvez, as respostas para essas sensações estejam nas citações acima.

Meu brincar na infância era mais restrito ao dentro de casa. Tive uma vizinha que era a minha companheira nas brincadeiras. Brincávamos de amarelinha, pular corda, boneca, casinha. Ela teve o sonho de fazer ballet, porém, não queria ir sozinha, então sua mãe veio pedir a minha se eu poderia fazer junto. Lembro como se fosse hoje minha mãe me perguntou se eu queria. Respondi que sim sem ao menos saber o que era. Nessa brincadeira, fiz aulas durante 16 anos, e minha vizinha? Parou depois de um ano. Assim, deu-se meu primeiro contato com a arte.

Dedicada, uma aluna exemplar no ballet clássico, passei a viver a arte em sua plenitude, em toda sua beleza. Ali tive o encontro com a música. A música clássica tocava minha alma, me transportava para um mundo só meu, onde acessava partículas de um eu que tenho a sensação de já ter nascido com a arte entrelaçada, conectada ao meu mundo.

Todos os meses minha mãe me leva na loja de discos para eu escolher um ou dois. Eu ia para a ala dos LPs de músicas clássicas. Pedia para atendente colocar o início de cada faixa de música para que eu analisasse se valeria a pena, pois, tinha definido comigo se a música atingisse meu nível de emoção no início era algo para ser degustado em sua íntegra. Dessa forma, até hoje, tenho esses discos de vinil que guardo como pedras preciosas, visto que, contêm memórias de uma infância e adolescência vividas pela, por e para a arte.

Neste percurso da dança, nas festas entre família, eu sempre tinha uma música separada para ser improvisada com passos e movimentos que não eram da técnica do ballet clássico. Não sei dizer o que me movia em direção a liberdade de movimentos, haja vista que eu era apaixonada pela expressão clássica. Em algumas performances era acrescentado meu cenário móvel. Este, era um castelo, desenhado em cartolina, que fiz acreditando ser como dos grandes ballets. Com o tempo fui aperfeiçoando, meus cenários passaram a ter objetos cênicos.

Dos 7 aos 8 anos passei da criação de cenário para a criação de figurinos com minhas bonecas. Cortava, costurava e bordava os tutus com os restos de tecidos das almofadas da minha mãe. Fui modificando os modelos, como se eu soubesse nessa época da história da dança, me apropriei de novos modelos, mais soltos, mais livres.

Na mesma época, assisti no cinema o filme Xanadu, pedi para minha mãe comprar o LP e, todos os dias eu me transformava em Olivia Newton John, protagonista do filme. Dançava e cantava seu tema principal o dia todo. Até hoje minha mãe tem trauma da música.

Em um passeio com tios meus a uma estância turística, encontrei pedras de diversos tamanhos e ali vi a possibilidade de criar arte com pedras. Recolhi várias que eu achava que seriam de bom proveito e, no dia seguinte iniciei meu processo criativo. Surgiram assim, vaquinhas, tartaruga, taturana. Vislumbrei com a fauna criada, pensei até em comercializar, porém, criei uma relação afetiva e quis ficar com toda coleção.

Com 10 anos, ampliei meu gosto musical. Pedi de presente de aniversário a minha tia um LP de um grupo que eu tinha visto na televisão, o ABBA. Estava completamente envolvida com essa nova abertura musical. A partir de então, meus movimentos de dança, nas novas improvisações, ficaram ainda mais livres.

**Figura 1:** O dia que recebi o desejado LP ABBA



**Fonte:** Arquivo pessoal

Com 11 anos passei a frequentar a biblioteca municipal com minha mãe. Li toda a coleção da Agatha Christie e a Coleção Vagalume. Passei a buscar os livros de dança, que na verdade eram pouquíssimos. Primeiro foi o de Anna Pavlova, depois Nijinsky (que eu não gostei), mas hoje entendo que não era para idade que me encontrava, todavia, fiquei fascinada com o livro “Minha Vida” de Isadora Duncan. Estive em todos os lugares que ela esteve, visualizei cada ambiente que ela relatou, estive de corpo, alma e imaginação naquela história. Foi como se eu tivesse adentrado naquele livro, me perdi e me achei durante toda a leitura. Ele tinha cores, ele tinha movimento, ele tinha vida, ele era extasiante. E sobre a Isadora Duncan, Laban relata que:

O principal êxito de Isadora Duncan foi, sem dúvida, haver reanimado uma forma de expressão da dança que poder-se-ia chamar lírica, diferenciando-se das formas primordialmente dramáticas do balé. Não havia um argumento por trás de suas danças que eram, como ela mesma definiu, a expressão da vida de sua alma (LABAN, 1990, p.13).

Aqui, chego no ápice da minha história com a dança. Isadora foi um divisor de água, embora não tenha entendido no momento. Ela fez-me enxergar a dança que meu corpo já tinha encontrado, embora minha mente ainda não tivesse reconhecido e, que só na vida adulta esse conceito viria à tona.

Passei então a criar coreografias para apresentar na escola. Dos meus colegas, nem todos gostavam, e eu não estava nem aí, pois eu gostava. Em contraponto, meus professores adoravam. Era um alimento para minha alma e estava mostrando minha arte. Ali, eles viam uma outra Juliane, pois eu era extremamente tímida, tinha vergonha de me colocar por meio da fala. No meu corpo encontrava toda a expressão que a voz não era capaz de alcançar.

Desta época de escola lembro pouco das atividades em arte, porém, paralelo a esse momento, ficou registrada em minha memória as cenas e sentimentos das apresentações do ballet.

Acessando meu histórico escolar do 1º grau, descobri que tive aulas de Arte Musical na 5ª e 6ª série. Não estava conseguindo recordar do conteúdo trabalhado. Perguntei a amigos que cursaram comigo e poucos recordam dessas aulas. Os que tiveram lembranças relatam que nas aprendíamos e cantávamos hinos e, em alguns momentos, fizemos uma investigação de objetos que produzem sons e até criando alguns com latas de refrigerantes. Já nas aulas de Educação Artística, o pouco que lembro, são dos desenhos no caderno coloridos com lápis de cor e de uma boneca de pano que fiz e ficou em exposição na escola, além do conteúdo de desenho geométrico, calcado no mecanicismo e na Pedagogia Tecnicista, tradicional, com tendência conceitual do Ensino de Arte Pré-Modernista.

Acredito que o motivo do trabalho ser concatenado com aprendizado e ensaios de hinos está embasado no fato de que vivíamos em regime militar. Estava em vigência neste período, a Lei nº 5.692/71, definindo que o ensino de arte no Brasil seria intitulado de Educação Artística e sendo desenvolvido como mera atividade.

Entretanto, querendo trazer a lembrança e não conseguindo, busquei por mais informações com meus amigos, dessa maneira, uma amiga relatou que tivemos um aprendizado por meio de análise de fotos em estilos arcaico, romanos, góticos de elementos arquitetônicos de diferentes períodos, feito o estudo, desenhávamos depois, colunas, arcos. Ela lembrou que era realizado muito desenho livre que me fez trazer à tona essa lembrança.

Quando fui para o colegial, segmento do ensino referente ao ensino médio atualmente, continuei com minhas apresentações no ambiente da educação formal. Sempre estava envolvida com alguma proposta de dança. Nessa fase, meus amigos passaram a entender, aceitar e prestigiar mais minhas propostas. Recordo do terceiro colegial, onde tivemos uma gincana e a proposta era uma apresentação artística. Reunimos os terceiros anos e, com a música *The Wall*, do Pink Floyd, que era sucesso na época, criamos uma coreografia trazendo o tema liberdade como proposta. Era uma dança-teatro impactante que me rendeu a fala de um professor para que eu nunca deixasse de dançar, pois, eu tinha acessado nele um sentimento que ele não conseguia traduzir e que ele levaria para o resto de sua vida.

Nesta mesma época, me tornei professora de dança. Em um primeiro momento, substituindo minha professora de ballet em algumas aulas, e tempos depois, assumindo como professora de sapateado americano de duas turmas da academia e professora de baby class em uma escola de educação infantil.

Prestei vestibular em dança e para meu desespero não passei nem na primeira fase. Senti um desespero maior, quando a pedido de minha mãe prestei o vestibular para curso de química e passei. Na segunda fase realizei a prova quase que amarrada, fiz de qualquer maneira, porque já tinha decidido que faria de tudo para não passar. Claro que desta forma não consegui ir para próxima fase. Minha mãe mesmo assim não desistiu, continuou buscando outros cursos, então fui estimulada realizar a prova para administração pública. Para o meu alívio zerei na prova de história.

Então a próxima foi prestar para o curso de educação física e pedagogia. Fui aprovada em ambos, e tive que escolher Pedagogia por conta de ser no período noturno, para que eu pudesse trabalhar no vespertino, pois neste ano abri minha primeira escola de dança em uma cidade no interior do estado de SP, em parceria com a primeira professora de ballet. Logo a escola ficou apenas sob minha direção e a mantive- a por 10 anos.

Nesta época foi período muito intenso, adentrava na graduação de Pedagogia, era proprietária de professora de uma escola de dança e ministrava aulas de sapateado em várias cidades e ainda era aluna de aulas de ballet clássico.

Um aspecto interessante a ser mencionado sobre minha experiência com as artes, refere-se aulas de teatro, que fui orientada a realizar durante as aulas de ballet clássica na escola que estudava, o objetivo era para que desenvolvêssemos a expressividade. Inicialmente participei das aulas a contragosto e mesmo assim fui escolhida para ingressar em uma peça sob título *Diretor desorientado* a procura de atores sem rumos, que estava em fase final de montagem. Em primeira instância meu personagem seria de uma dançarina, mas durante os ensaios fora criado um novo, assumi a responsabilidade de encenar dois personagens. A diretora da peça via em mim um potencial que eu não enxergava. A peça estrou e ficamos em cartaz por um tempo. Ao finalizar esse trabalho voltei a me dedicar unicamente a dança.

Alguns anos depois comecei a realizar um trabalho de dança com grupo de 3ª Idade da mesma cidade onde tinha escola de dança. Posteriormente, fui trabalhar na Prefeitura da mesma cidade exercendo o cargo de encarregada do setor de cultura, cabendo-me a responsabilidade de gerir a parte burocrática do setor, ministrar aulas de dança para terceira idade, aulas de ballet e sapateado para a creche municipal e aulas de dança para ensino fundamental – anos iniciais, em duas escolas municipais.

Quando cheguei nas escolas municipais, deparei-me com uma situação nova até o momento. Todo aprendizado com o ballet não estava mais tendo fundamento dentro do dispositivo escolar. Trouxe para mim a questão de incompetência. Até aquele momento, como profissional, nunca tinha falhado, mas também nunca tinha saído do meu conto de fadas de bailarina.

Corpos diversos estavam ali para que trouxesse o melhor deles. E eu sabia como? Não! Eu sabia transferir o mesmo conhecimento técnico que tinha recebido até aquele momento. Foi frustrante. Vi em poucos dias morrer minha arte, aquela que eu tanto acreditava. Permaneci no cargo por um ano e meio e resolvi desistir por acreditar que eu não era capaz de estar ministrando aulas na educação formal, mesmo sabendo que em todos os outros lugares estava dando certo.

Pedi demissão e, muito perdida, comecei a dar aula de dança country para um primo meu. Surgiram alunos e acabei tendo um grupo de dança country, que viajei por muitas cidades, participando de programas de televisão. Porém, ainda inconformada com minha suposta derrota, decidi aproveitar para administrar um processo de estudo autônomo. Comecei a ler livros de dança. Uma amiga, sabendo de toda minha crise, trouxe o livro Ensino de dança hoje: textos e contextos, de Isabel Marques. Assim, conheci o trabalho de Rudolf Laban e descobri que minha percepção a respeito daqueles corpos na educação era o fio condutor para um estudo aprofundando daquilo que meu corpo havia entendido e encontrado enquanto criança no contato com a leitura da biografia de Isadora Duncan.

Pesquisei, estudei e me reinventei, agora, pronta para minha real missão, que era levar não a minha arte no âmbito educacional, mas a arte que é de todos e para todos. Escolhi estar neste dispositivo, porém, nunca quis estar nele por ser uma artista frustrada. Eu queria poder dividir os momentos com corpos que tinham muito a me dizer. Fiz curso de especialização em Dança. Mudei-me para cidade de São Paulo, aprofundei meus estudos em Laban, trabalhei em diversos locais.

Meu primeiro trabalho foi no Ballet Stagium, no Joanhina, um projeto social da companhia, que oferecia aulas de dança em vários estilos e era voltado para crianças a partir dos sete anos e também, no Professor Criativo que trazia uma vivência corporal para professores e gestores da Rede Pública Estadual de Ensino.

Desenvolvi como oficina, junto a extinta Secretaria Municipal de Participação e Parceria de São Paulo, aulas de dança em diversos locais, trabalhando com as diversidades tanto de idades como de corpos. O local mais impactante deu-se em um centro de acolhida. Por meio da dança eles puderam trazer para seus corpos toda a dor que a vida lhes proporcionou. Vi nascer arte em sua total pureza de corpos que a sociedade excluiu. Ao final de cada encontro eu dava a palavra a esses alunos. Era incrível ouvi-los. Eram adultos que nunca tiveram a oportunidade de ter contato com nenhuma linguagem artística, no entanto, traziam a essência não apenas da dança, pois, durante o processo, propus cenas teatrais. Entrei naquele espaço para ensinar, mas quem ensinou de verdade, foram eles. Entrei uma e sai outra.

Por três anos ministrei aulas de expressão corporal em um projeto de teatro, aguçando a minha vontade de me aprofundar nesta linguagem, mas acabei prorrogando esse estudo para um pouco mais adiante.

**Figura 2:** Aula de expressão corporal - criação de cena



**Fonte:** Arquivo pessoal

Minha trajetória continuou, até que consegui chegar no lugar de onde nunca deveria ter saído, a minha verdadeira casa a escola. Consegui ser professora de dança dentro da educação formal para alunos da educação infantil, nos anos iniciais e finais do ensino fundamental. Pude ver corpos vividos, corpos que não eram reflexos do meu, consegui trazer a identidade corporal de cada um, seguindo a proposta de Laban (1990):

Nas escolas onde se fomenta a educação artística, o que se procura não é a perfeição ou a criação e execução de danças sensacionais, mas o efeito benéfico que a atividade criativa da dança tem sobre o aluno. A questão referente à apresentação de danças nas escolas deve ser abordada, portanto, com extrema delicadeza e ter-se-á que seguir ideias e procedimentos definidos, que devem ser analisados detalhadamente. O instrumento que se pode oferecer ao educador na dança moderna é a perspectiva universal sobre os princípios de movimento (LABAN, 1990, p. 18).

Durante todo esse processo de aprendizado com a dança, digo aprendizado, porque ser professor é estar em constante aprendizado, cursei faculdade de artes visuais e teatro. Trabalhei por um ano na educação formal com artes visuais nos anos iniciais e outro com teatro nos anos finais e ensino médio.

Nos últimos anos de trabalho desenvolvi uma pesquisa junto a estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental, conjuminando no estudo de dois artistas-autores, Rudolf Laban e Wassily Kandinsky, favorecendo a contextualização da história e obras de ambos estimulando o interesse e despertando o olhar como espectadores e fruidores de arte. Para as propostas de pesquisa, cada estudante pode criar suas obras tendo como referência todo contexto apresentado e, ao final do processo, apreciar o produto de todos os colegas das diferentes turmas.

Obtive como resultado o interesse de alguns alunos em saber mais sobre as obras de Kandinsky, e até alunos que ao verem obras abstratas na casa deles ou de parentes quiseram saber se eram do autor.

**Figura 3:** Aula - Pesquisa Laban/Kandinsky



**Fonte:** Arquivo pessoal

**Figura 4:** Aula - Pesquisa Laban/Kandinsky



**Fonte:** Arquivo pessoal

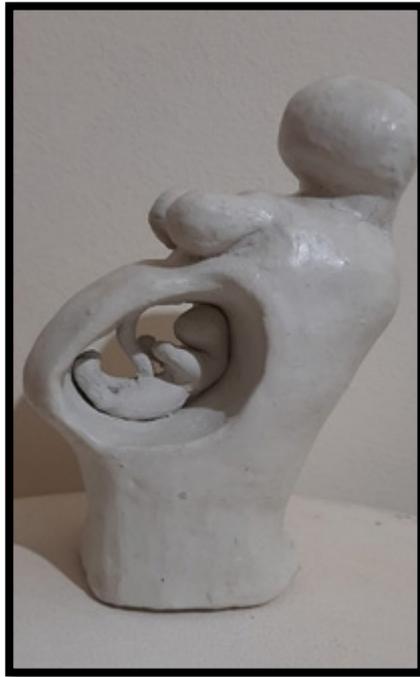
**Figura 5:** Aula - Pesquisa Laban/Kandinsky



**Fonte:** Arquivo pessoal

Diante das vivências relatadas me percebo como essa escultura, obra que produzi durante os estudos na licenciatura em artes visuais. Outrossim, como a escultura sou a mãe em plena gestação e a criança é minha arte. A cada novo ciclo novas criações estão em processo de gestação, e logo surge minha expressão mais pura e radiante em plena forma.

**Figura 6:** - Escultura em argila



**Fonte:** Arquivo pessoal

Quando entro em um Teatro enquanto espaço físico, é inexplicável o sentimento que surge, imbuídos de sensações que me remetem a cheiros, a cores, a sonhos, a texturas e a minha relação na infância com esse espaço. O palco se transforma na minha segunda casa, mesmo que eu não esteja nele. Ali, eu existo enquanto filha de uma arte que não morrerá enquanto houver um pulso, um sopro e um sonho.

Atualmente meu foco está no estudo, curso duas especializações em Teatro e educação e Ensino de arte e musicalidade, somados dois cursos livres em música, porque sinto a necessidade de me qualificar nas quatro linguagens para poder oferecer aos alunos um trabalho com embasamento consistente.

Como profissional acredito que devemos estar em constante busca pelo conhecimento, diante disso participo do grupo de pesquisa de estudos em arte e criação da UNITAU, para desenvolver saberes relacionados a pesquisa em arte e educação. Em uma próxima etapa pretendo dar continuidade aos estudos com foco na área acadêmica, de maneira a contribuir com um ensino de arte comprometido com a vida, com os corpos e a identidade dos sujeitos em processo de desenvolvimento.

## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LABAN, Rudolf. Dança Educativa Moderna. São Paulo: Ícone, 1990.

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>

[http://revistalampejo.org/edicoes/edicao-17-vol\\_9\\_n\\_1/8\\_-\\_A\\_cartografia\\_como\\_m%C3%A9todo\\_de\\_pesquisa.docx.pdf](http://revistalampejo.org/edicoes/edicao-17-vol_9_n_1/8_-_A_cartografia_como_m%C3%A9todo_de_pesquisa.docx.pdf)

## A ARTE EM SUAS INFINITAS FORMAS

Cintia dos Santos Magalhães

[...] O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (Kuhlmann, 1987, p. 224-225)

Ao ser instigada a lembrar sobre minha experiência com Arte no decorrer dos tempos, um desespero veio instantaneamente. “Eu não lembro nada desta época!”, “Eu não vivi muita coisa sobre isso!”. Enfim... Como afirma Marli André

A reflexão é, pois, um dos componentes fundamentais dos diários - ou memoriais - dos professores. Ao incidir tanto sobre o narrador quanto sobre o objeto narrado, possibilita a integração da descrição (o quê e o como fazem) com os aspectos expressivos pessoais (sentimentos, emoções, desejos, dúvidas). (ANDRÉ, 2005, p.286)

Retornar mais de 35 anos é uma passagem pelo túnel do tempo, e revivendo cada momento percebo o quanto a Arte esteve e está presente em minha vida. Quando se fala em ARTE, primeiramente procuramos por algo concreto que esteja diretamente ligada à arte no sentido real da palavra. Mas revirando meu baú do passado para a construção deste relato, percebo que vivi e vivo a arte diariamente, em diferentes formas e contextos.

### Nascida na Cidade Secreta do Mundo

Resido em Cachoeiro de Itapemirim, cidade ao sul do estado do Espírito Santo, terra de muitos artistas, vários deles conhecidos nacional e mundialmente. A cidade é conhecida como Capital Secreta do mundo, pela grande quantidade de filhos ilustres que tiveram seus trabalhos reconhecidos no Brasil e mundialmente.

Entre eles o rei Roberto Carlos, o grande escritor Rubem Braga, lembrado como um dos melhores cronistas brasileiros da história. Newton Braga, jornalista, advogado e poeta, Raul Sampaio, cantor e compositor. Temos também Sérgio Sampaio, cantor e compositor de vários estilos, desde o samba e choro ao rock'n roll, blues e badala. Dora Vivacqua, conhecida como Luz del Fuego, outra artista, dançarina, naturalista, atriz, escritora e feminista. Alguns destes artistas estão sendo homenageados recentemente em painel artístico, conforme apresentado na foto abaixo. A obra ainda está em fase de conclusão.

**Figura 1.** Personalidades cachoeirenses destacadas em painel artístico



**Fonte:** <https://www.agazeta.com.br/es/sul/cachoeirenses-famosos-sao-homenageados-em-painel-artistico-1019>

A cidade também é conhecida por seus diversos patrimônios materiais, imateriais e naturais.

Como exemplos de patrimônios materiais temos a Casa dos Braga, a Biblioteca Municipal “Major Walter dos Santos Paiva”, a Casa de Cultura “Roberto Carlos”, o Museu Ferroviário “Domingos Lage”, o Teatro Municipal “Rubem Braga” e a igreja católica “Nosso Senhor dos Passos”, Fábrica de Pios Maurílio Coelho, entre outros.

**Figura 2:** Patrimônios materiais de Cachoeiro de Itapemirim.

- A: Casa de Roberto Carlos.
- B: Igreja Nossa Senhora dos Passos.
- C: Teatro Rubem Braga.
- D: Pios da Fábrica de Pios Maurílio Coelho.



**Fonte:** A: <https://tribunaonline.com.br/cachoeiro-de-itapemirim-nao-tem-apenas-a-casa-de-roberto-carlos>  
B: <http://www.ipatrimonio.org/cachoeiro-de-itapemirim-igreja-nosso-senhor-dos-passos/#!/map=38329> –  
C: <https://www.agazeta.com.br/es/sul/um-ano-apos-enchente-teatro-rubem-braga-segue-sem-reforma-em-cachoeiro-0121>  
D: <https://www.agazeta.com.br/es/sul/a-fantastica-fabrica-de-pios-de-cachoeiro-tradicao-e-superacao-0420>

Os patrimônios imateriais que em Cachoeiro são reconhecidos pela Lei Mestre João Inácio, que protege e incentiva a transmissão de manifestações como o Caxambu, a Folia de Reis, a Comunidade quilombola de Monte Alegre e a Capoeira.

**Figura 3.** Patrimônios imateriais de Cachoeiro de Itapemirim.

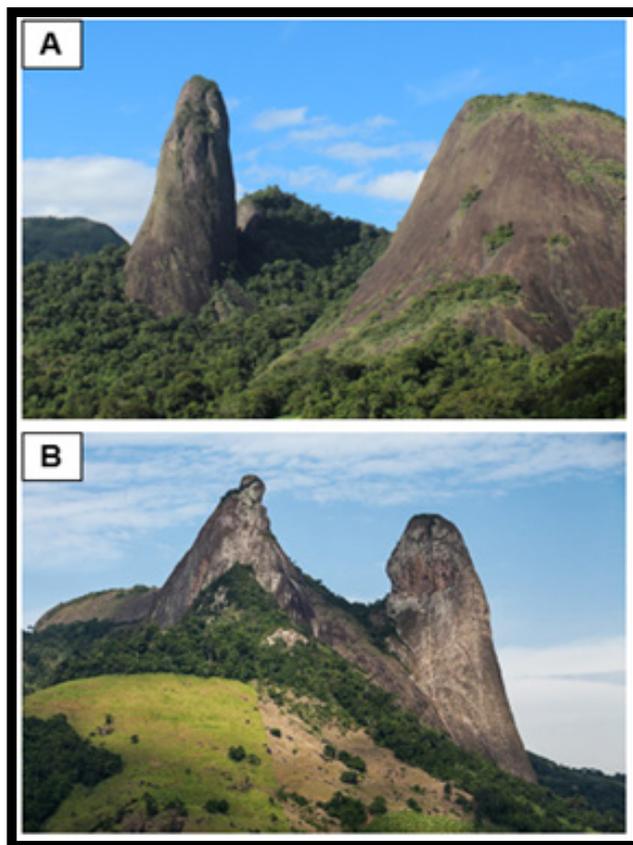
- A: Folia de Reis.
- B: Capoeira.



**Fonte:** A: <https://secult.es.gov.br/Not%C3%ADcia/folias-celebram-dia-de-reis-em-cachoeiro-de-itapemirim>  
B: <https://jornalfato.com.br/cultura/roda-de-capoeira-agora-e-patrimonio-da-humanidade,246647.jhtml?amp=1>

Os patrimônios naturais presentes na cidade são os pontos turísticos “O frade e a freira”, a “Pedra da Ema”, o “Pico do Itabira”, a “Cachoeira Alta”, entre vários outros lugares divinos.

**Figura 4.** Patrimônios Naturais de Cachoeiro de Itapemirim.  
A: Pico do Itabira.  
B: O Frade e a Freira.



Fonte: A: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pico\\_do\\_Itabira](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pico_do_Itabira)  
B: [https://iema.es.gov.br/MONA\\_Frade\\_Freira](https://iema.es.gov.br/MONA_Frade_Freira)

Julguei necessário este apanhado geral sobre as diversas formas de arte na minha cidade para melhor compor meu relato e minhas experiências por este campo maravilhoso que vivemos tanto dentro de um museu, de uma escola, de um teatro, de um concerto quanto à céu aberto, nas mínimas coisas do nosso cotidiano. E viajar no tempo relembrando e revivendo estas lembranças me faz refletir como a arte foi e é tão presente na minha vida e muitas vezes se passa despercebida.

### **A primeira infância: os primeiros contatos com a arte**

Da primeira infância, boas lembranças me vêm. Hoje percebo que a Arte vai muito além de atividades lúdicas, recreação ou pintura, e até mesmo a exposição de obras de arte de grandes artistas, ela está presente nos mínimos detalhes, muitas vezes invisíveis por conta da correria do dia a dia.

Lembro nitidamente um momento em que minha mãe teve a brilhante ideia de passear de ônibus pelos bairros da minha cidade. Sim, passear de ônibus!! Eu, ela e meus dois irmãos. Foi mágico!!! Ela na sua pura inocência, sem estudos, nos instigava a observar sobre as belezas da cidade, as casas antigas, alguns pontos turísticos, as lembranças que ela carregava sobre determinado lugar. E nosso tour a tendo como guia turístico foi mágico. Nos marcou de uma forma que mamãe não faz ideia.

Sempre participei de festas culturais da cidade onde moro e cidades vizinhas acompanhada de familiares. Aqui, as festas religiosas sempre tiveram grandes destaques. Entre estas festas, estava a celebração de Corpus Christi, com seus lindos tapetes feitos com materiais reciclados e mãos voluntárias de pessoas com dons artísticos natos. Como eram e são fascinantes estes tapetes, embora estejamos há dois anos sem apreciar está linda arte por conta deste trágico momento pandêmico.

Figura 5. Corpus Christi na cidade de Castelo, ES.



Fonte: <https://setur.es.gov.br/Not%C3%ADcia/corpus-christi-tradicionais-tapetes-colorem-castelo>

Seguindo um “cadim” mais adiante, já em período escolar, lembro da atividade de releitura da música “Aquarela”, de Toquinho. Apaixonei-me pela letra e melodia. Não cansava de ouvi-la. A atividade de releitura nos cabia desenhar o que percebíamos na música. Eu amava desenhar, embora sem muita habilidade, confesso! Atividade quase concluída, faltava desenhar a “linda gaivota a voar no céu”. Meus Deus, como desenhar esta gaivota? Me recusava entregar a atividade sem a gaivota. Então tive a brilhante ideia de pedir meu primo, desenhista nato, para fazer a linda gaivota. A lá vai ele e me desenha um V, e está pronta a gaivota. Que decepção! Que alívio! Um V vira uma gaivota? Se eu soubesse disso, já teria feito! E fim, e sim, mais um momento artístico marcante em minha vida.

Caminhando a passos mais largos, percebo a arte em vários momentos no decorrer do período estudantil, participava de grupos de apresentações de dança, de teatro e do desfile cívico escolar, como era esperado este momento! Embora houvesse mais gosto pelo desenho.

Este fascínio aumentou em uma determinada aula de arte, na qual a professora nos pediu para reproduzir uma imagem selecionada pelos próprios alunos. Eu levei uma fotografia de um beija-flor, lindo, colorido e em pleno espetáculo de seu voo. Porém nada fácil de desenhar, quanto mais colorir, buscando a perfeição da imagem.

A professora foi orientando passo a passo, algumas técnicas de desenho e pintura e o resultado final foi formidável. Nem eu imaginava ser capaz de tão belo desenho. A emoção foi tanta que coloquei a imagem numa moldura e pendurei no meu quarto.

### **A segunda graduação: artes visuais**

Minha primeira graduação foi Letras/literatura. Alguns poucos anos depois me formei também em Artes Visuais. Possuo amor por ambas, uma vez que a arte e a literatura estão intercaladas, caminham em sentido paralelo.

Estas lembranças citadas acima, vieram reverberar minha escolha pelas Artes Visuais, minha paixão pela arte-educação e a busca por fazer diferença no processo ensino-aprendizagem. Aprendi com minhas experiências pessoais e com minhas professoras no decorrer do caminho o modelo que eu gostaria de seguir e os professores que carrego como referência me deram muita bagagem para que minha prática docente faça diferença na vida dos meus alunos. Como afirma Tardif:

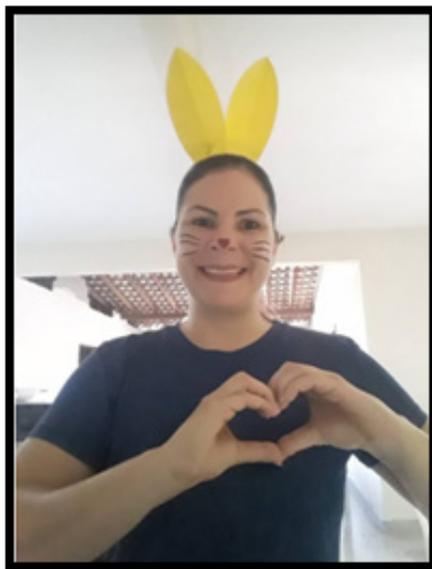
[...] os diversos saberes dos professores estão longe de serem todos produzidos diretamente por eles, que “vários” deles são de um certo modo ‘exteriores’ ao ofício de ensinar, pois provem de lugares sociais anteriores à carreira propriamente dita (TARDIF; RAYMOND, 2000, p. 215).

Sou professora de arte na educação básica, desde a educação infantil até o nono ano do ensino fundamental. Visto a camisa de arte educadora e me proponho a apresentar a arte da forma mais contextualizada e prazerosa possível, de acordo com cada nível de ensino.

Amo os pequenos da educação infantil. E em tempos de pandemia o contato direto ficou um tanto inviável, e para que as aulas fossem mais dinâmicas e divertidas eu gravava vídeos de forma que eu pudesse interagir melhor com meus alunos. Segundo Tardif:

gostar de trabalhar com jovens e crianças, ser capaz de seduzir a turma de alunos, dar provas de imaginação, partir da experiência dos alunos, ter uma personalidade atraente, desempenhar o seu papel de forma profissional sem deixar de ser autêntico, ser capaz de questionar a si mesmo (TARDIF; RAYMOND, 2000, p. 213).

**Figura 6:** Interação com os alunos nas aulas de arte



**Fonte:** Arquivo pessoal

As aulas de arte nos permitem perpassar caminhos diferentes e divertidos para chegar ao conhecimento e procuro fazer isso de acordo com a linguagem e metodologia que melhor se adequam a cada série.

Ser arte educador vai muito além das paredes das salas de aulas. Da mesma forma que minha mãe, lá atrás me proporcionou um novo olhar sobre as belezas de minha cidade, o arte educador também tem este domínio, abrir janelas e poder apresentar para seus “meninos” um novo norte, um novo horizonte.

## REFERÊNCIAS

A GAZETA. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/sul/cachoeirenses-famosos-sao-homenageados-em-painel-artistico-1019>. Acesso em: 12 set. 2021.

A GAZETA. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/sul/um-ano-apos-enchente-teatro-rubem-braga-segue-sem-reforma-em-cachoeiro-0121>. Acesso em: 12 set. 2021.

A GAZETA. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/sul/a-fantastica-fabrica-de-pios-de-cachoeiro-tradicao-e-superacao-0420>. Acesso em: 12 set. 2021.

ANDRÉ, M. Memorial instrumento de investigação do processo de constituição da identidade docente. *Contrapontos*. Itajaí, v. 4, n. 2, maio/ago. 2004. p. 65.

IPATRIMONIO. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/cachoeiro-de-itapemirim-igreja-nosso-senhor-dos-passos/#!/map=38329%20%E2%80%93>. Acesso em: 12 set. 2021.

INSTITUTO ESTADUAL DE MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS. Disponível em: [https://iema.es.gov.br/MONA\\_Frade\\_Freira](https://iema.es.gov.br/MONA_Frade_Freira). Acesso em: 12 set. 2021.

JORNAL FATO. Disponível em: <https://jornalfato.com.br/cultura/roda-de-capoeira-agora-e-patrimonio-da-humanidade,246647.jhtml?amp=1>. Acesso em: 12 set. 2021.

KUHLMANN JR., M. Infância e educação infantil: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação. 1998.

SECRETARIA DE ESTADO DO TURISMO. Disponível em: <https://setur.es.gov.br/Not%C3%ADcia/corpus-christi-tradicionais-tapetes-colorem-castelo>. Acesso em: 12 set. 2021.

SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. Disponível em: <https://secult.es.gov.br/Not%C3%ADcia/folias-celebram-dia-de-reis-em-cachoeiro-de-itapemirim>. Acesso em: 12 set. 2021.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. Educação & Sociedade, n. 73, dez. 2000. p. 209-244.

TRIBUNA ONLINE. Disponível em: <https://tribunaonline.com.br/cachoeiro-de-itapemirim-nao-tem-apenas-a-casa-de-roberto-carlos>. Acesso em: 12 set. 2021.

WIKIPEDIA. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pico\\_do\\_Itabira](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pico_do_Itabira). Acesso em: 12 set. 2021.

# AS VOLTAS QUE O MUNDO DÁ, A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE UMA ARTE EDUCADORA-PESQUISADORA

Juliana Marcondes Bussolotti

Minha trajetória na arte e educação é marcada por encontros, desafios e criações que moldaram a construção de minha identidade como arte educadora e pesquisadora. Cada etapa dessa jornada reflete o diálogo entre o sensível e o pedagógico, elementos essenciais na formação de uma prática educativa enraizada na arte.

## Raízes Formativas

Minha jornada teve início no vibrante ambiente do **Colégio Equipe**, nos anos 1970. Foi nesse espaço que descobri a potência transformadora da arte, participando de grupos de teatro, eventos culturais e das aulas que despertaram minha paixão por linguagens artísticas.

Durante esse período, estudei com mestres como **Maria Duschenes**, que me apresentou a dança como linguagem expressiva universal, e tive o privilégio de integrar o **Jogo Estúdio** com **Eugenia Thereza de Andrade**, que me fez compreender a arte como um campo de experimentação e pedagogia.

## Improvisações e Jogo Estúdio

No **Jogo Estúdio**, os processos criativos envolviam a integração de teatro, expressão corporal e jogos, revelando possibilidades pedagógicas inovadoras. Essas experiências foram essenciais para a construção de meu olhar sobre o movimento e a narrativa como ferramentas educativas.

**Figura 1:** Improvisações no Jogo Estudio, expressão corporal e jogo teatral (1979)



Fonte: Acervo rede social, 1979

Essa vivência me conduziu à **Escola de Comunicações e Artes da USP**, onde iniciei o curso de Artes Cênicas em 1979.

Na USP, participei da histórica **Semana de Arte e Ensino de 1980**, que consolidou minha visão sobre o papel transformador da arte na educação.

### **Da Educação Alternativa ao Campo Ambiental**

Após concluir a graduação, comecei a lecionar em espaços inovadores como a cooperativa de monitores e pais Curió, em São Paulo e **depois de sua dissolução com a criação da Alecrim**. Esses ambientes ofereciam liberdade para explorar metodologias criativas, conectando as artes às realidades dos alunos e ao currículo interdisciplinar.

Em 1989, ao mudar-me para **Ubatuba**, assumi um novo desafio: coordenar a escola **Era Uma Vez – Ybatyba**, que mais tarde se transformou na **Cooperativa Educacional de Ubatuba (Cooeduba)**. Nesse período, desenvolvi práticas educativas que incentivavam alunos e professores a usarem a arte como forma de expressão e transformação.

Paralelamente, fundei a **Estalagem Recanto das Amoreiras**, um espaço que combinava **ecoturismo e educação ambiental**. A estalagem tornou-se um ponto de encontro para ecoturistas, mergulhadores, educadores e ativistas, unindo vivências turísticas à sensibilização para a preservação ambiental.

### **A Integração de Arte e Pesquisa**

Minha atuação na educação ambiental motivou minha pesquisa no **Mestrado em Ciências Ambientais** pela UNITAU, onde estudei práticas pedagógicas em áreas protegidas. Posteriormente, no **Doutorado em Geografia pela UNESP**, aprofundi a análise sobre territórios democráticos dos conselhos do Parque Estadual Santa Virginia e seus espaços educativos e metodologias criativas, consolidando a questão colaborativa como eixo transversal de gestão.

### **Grupo de Estudos Arte, Educação e Criação**

A criação do Grupo de Estudos Arte, Educação e Criação, em 2020, marcou um novo capítulo na minha trajetória. Vinculado ao Mestrado Profissional em Educação da UNITAU, o grupo nasceu em meio à pandemia, com o objetivo de discutir e reinventar práticas artísticas no ensino remoto.

Durante oito encontros em 2020 e doze em 2021, reunimos professores, pesquisadores e artistas para compartilhar experiências e construir saberes coletivos. Exploramos temas como:

- Cartografias pedagógicas, inspiradas em Paulo Freire e Michel Tiollent.
- A identidade do arte-educador, em colaboração com especialistas como Roberta Puccetti, Tadeu Chiarelli, Marisa Fonterrada, Mirian Celeste Martins.....
- Produções artísticas em tempos de pandemia, investigadas por meio da pesquisa colaborativa com 57 educadores.
- Parcerias nascendo.

Essas iniciativas mostraram como a arte pode ser uma ponte entre a escola, a família e a comunidade, promovendo uma educação mais inclusiva e humana.

Figura 2: Síntese das discussões por Carmem Lúcia Caetano de Souza, 2021



Fonte; Acervo Grupo de Estudo, 2021

Figura 3: Formando pesquisadores e 1º encontro de parcerias

**Jéssica Makino (FFCLRP-USP/GPAP)**  
**Jurema Sampaio (Unicamp/GPAP)**  
**Lelê Ancona (Circularte Educação/GPAP)**  
**Renata Americano (UPM/Instituto Acaia/GPAP)**

**Rose Silva (UNITAU)**  
**Dilla Aquino (UNITAU)**  
**Helena Xavier (UNITAU)**  
**Gulfo Moreira (Prefeitura de Jacarei)**  
**Ana Raquel Sanches (Prefeitura de SJC)**  
**Del Aquino (UNITAU)**  
**Jade Godoy (UNITAU)**  
**Raissa Duarte (UNITAU)**  
**Professores das Redes: Izabel Cristina, Cristiane Santos, Naiara e Roseli**

## Onde as parcerias iniciaram.....

- ❖ **Qualificação Michael** – Unitau. Banca: Mirian Celeste e Ana Maria Calil
- ❖ **Encontro 1: Delineamento da Proposta de Pesquisa em Rede UNITAU-UPM** (Mirian Celeste, Juliana Bussolotti e Michael Silva)

Fonte: Acervo Grupo de Estudo, 2021



## **Legado em Construção**

Hoje, como professora do Mestrado Profissional em Educação, continuo unindo a prática artística à pesquisa acadêmica. Cada etapa da minha trajetória – do Colégio Equipe ao Grupo de Estudos – reflete a crença de que a arte não apenas educa, mas também inspira, transforma e conecta.

O texto da minha história, assim como o título “As Voltas que o Mundo Dá”, simboliza o movimento contínuo de aprendizado e criação, que ainda pulsa e ressignifica minha atuação como arte educadora e pesquisadora. Que essa jornada continue a inspirar práticas pedagógicas enraizadas na humanidade e na arte.

Não começo este texto pelo começo de minha história com a Arte. Talvez devesse. Inicialmente era esta a proposta. Porém, ao revisitar minhas memórias, em uma sequência cronológica, me envolvi no kronos, expresso nas peças de teatro, nos acordes do violão, nas horas de ensaio, nos rascunhos dos desenhos e nas proposições formativas com tinta, pincel e poesia, que me vi, eu mesma, tentando costurar uma “Colcha de Retalhos”, como a das palavras de Silva (1995), que “conta a história de uma avó que explica para seu neto as histórias que estão impregnadas em cada retalho de uma colcha que estava em sua cama. O neto descobre a magia contida no pano e a importância da preservação da memória familiar” (JOSÉ, 2011, p. 56).

Começo então, como em uma Colcha de Retalhos. A Colcha da história infantil. Não a Colcha de uma escrita cortada. Cada retalho contém uma parte da minha história com a Arte em diferentes momentos da vida: na infância, em casa, na igreja, na escola, na adolescência, na faculdade, no mestrado, no doutorado, na docência, na gestão e, agora, no grupo de pesquisa.

## **São três os meus retalhos: o teatro, a música, as artes plásticas.**

Eles contêm as minhas próprias observações sobre diferentes fatos. Quisera reproduzi-los como, de fato, aconteceram, mas minha memória é frágil demais, escapam-me os momentos dos momentos, esvanecem as objetividades e as subjetividades se formam na mesma medida em que as ações foram forçadas. Afinal, como já diziam Denzin e Lincoln (2006, p. 33):

Não existem observações objetivas, apenas observações que se situam socialmente nos mundos do observador e do observado – e entre esses mundos. Os sujeitos, ou indivíduos, dificilmente conseguem fornecer explicações completas de suas ações ou intenções; tudo o que podem oferecer são relatos, ou histórias, sobre o que fizeram e porque o fizeram. Nenhum método é capaz de compreender todas as variações sutis na experiência humana contínua.

Os retalhos são costurados pelas linhas do meu texto de doutorado, também repleto de recortes, mas imbuído de sentido. De um sentido que já não me lembrava com tantos detalhes, mas que a revisita, de agora, me permitiu ver, assim como o menino que viu o mar pela primeira vez. Pude aprender a olhar ao longo desse tempo todo e, por isso, me sinto à vontade para compartilhar com vocês.

## **PRIMEIRO RETALHO: O TEATRO**

Passando o mouse pelas páginas da minha tese, me deparei com uma reflexão sobre ser ator e ser autor, uma metáfora sobre o processo educativo. Iniciei o capítulo com as afirmações: “Ser a pessoa que representa e interpreta é condição intrínseca àquele que se denomina ator. Mas o que seria representar e interpretar?” (JOSÉ, 2011, p. 26).

Tenho certeza de que são poucos os que sabem, mas, aos sete anos, no primeiro ano do Ensino Fundamental eu fui a Xuxa na escola, durante a Semana da Criança. Era outubro de 1987. A despeito de todo o desenrolar que esta frase possa promover – e à minha defesa, obviamente – preciso esclarecer-lhes os fatos. Lembro-me com alguns detalhes que não foi somente colocar uma fantasia e, loira que sou, dançar uma música no meio das crianças – eu posso explicar. Eu, com sete anos, fiz a coreografia de algumas músicas (acho que três ou quatro), planejei com as meninas da turma (as paquitas, pensem) todos os passos, o roteiro, as roupas. Ensaíamos em casa, na escola. Marcamos o chão. Revisei o script e lembro de ter feito o cartão de apresentação das músicas, com cartolina branca, com o logo pintado com lápis de cor e a letra milimetricamente linda, exatamente como era na TV.

Pois bem, representar, interpretar, fazer o personagem, foram ações que me acompanharam deste o início da minha vida escolar. Procurava modelos, inspirações, referências. Eram essas as que possuía.

Ao longo de minha vida na escola, nos Anos Iniciais e no início dos Anos Finais, desenvolvi um amor pela leitura. Para se ter uma ideia, ao ir ao shopping, a parada obrigatória era na livraria. Voltava lendo no ônibus. Lia à tarde. Queria que meus professores da escola pública obrigassem a lermos livros paradidáticos (o que nunca aconteceu). Achava chique minhas primas terem que fazer isso (elas estudavam em escolas parti-

culares) e eu não. Enfim... Neste ínterim, passei a ler Monteiro Lobato. Ainda tenho a coleção em casa. Iniciei por *Reinações de Narizinho*. Depois fui lendo um pouco de cada um: *Viagem ao Céu*, *Os Doze Trabalhos de Hércules*, *Aritmética da Emília* (que nunca terminei) e *Geografia da Dona Benta* (que também não vi o fim). Fui construindo um repertório, aos poucos.

Até chegar ao ano de 1992, em que cursava o sétimo ano do Ensino Fundamental. Relato em minha tese de doutorado que “a professora da disciplina de Educação Artística solicitou a cada grupo de alunos da classe a realização e apresentação de uma peça de teatro para toda a escola. Após reunião com meu grupo de colegas, decidimos que caberia a mim escrever a peça” (JOSÉ, 2011, p.45).

Por ocasião do doutorado, reescrevi a peça a partir das fotografias que encontrei na casa dos meus pais:

A história se passa no Sítio do Picapau Amarelo. Dona Benta vivia com sua fiel cozinheira, Tia Nastácia, com sua neta Lúcia, conhecida por todos como Narizinho, com a boneca Emília, que há pouco aprendera a falar e com o Visconde de Sabugosa. Naqueles dias, o neto de Dona Benta, Pedrinho, estava no sítio, brincando com sua prima durante as férias escolares.

Acontece que, naquela semana, Dona Benta queria deixar o Sítio em ordem, pois sua outra neta, Carla, viria conhecê-lo pela primeira vez. A carta de sua mãe tinha chegado por aqueles dias e a vovó deixou que Emília a lesse para seus netos.

Todos ajudaram na arrumação. Tão entretidos que estavam, nem perceberam que eram vigiados pela Cuca, aquele jacaré gigante e horroroso que não deixava os meninos do Sítio em paz.

A Cuca, esperta como ela só, logo tratou de bolar um plano para raptar a mais nova integrante da turma. Afinal, bastaria apenas estar de olhos bem abertos!

O grande dia havia chegado! Carla chegou com todos os acessórios da cidade: bolsa à tiracolo, saia e blusa combinando e óculos escuros.

Emília já foi logo alertando Narizinho:

- Não gostei dessa uma, não! Parece muito metida pro meu gosto!

- Deixa de ser mal-educada Emília! Olha que eu te levo pro Doutor Caramujo e faço ele tirar na hora a sua falinha.

Emília nem teve tempo de responder. Carla já tinha colocado suas coisas no quarto e fora ao encontro da boneca:

- Ela fala, Narizinho?

- É lógico que falo! Não está escutando? – replicou a boneca, antes mesmo que Narizinho pudesse respirar.

Foi então que Dona Benta chamou as crianças, lembrando-as que o dia apenas começara:

- Venham logo à cozinha! Há muitos quitutes de Tia Nastácia para comer! Ninguém sai pra brincar de barriga vazia!

Num pulo só, as crianças já estavam na cozinha, devorando tudo o que viam pela frente! Afinal, sabiam que a vovó não os deixaria brincar antes de fazer a digestão.

Lá pelas duas da tarde, as crianças, a Emília e o Visconde foram levar Carla para brincar perto da casa do Marquês de Rabicó, o ilustre porquinho de tia Nastácia. Brincavam todos de roda-roda, sob o olhar repreensivo de Carla – ela era metida mesmo! - quando foram paralisados pelo pó mágico da Cuca.

Narizinho, na tentativa de gritar, arregalou tanto os olhos, que eles pareciam saltar a qualquer momento. A falinha da Emília ficou presa bem ali, perto dos seus dentinhos de pano. Pedrinho ficou com a mão presa no bolso: não tinha sequer chegado perto das pedrinhas do seu estilingue. Visconde e Rabicó ficaram no chão, presos um no outro, paralisados de pavor. Apenas Carla não sofrera com o pó: a Cuca tinha um plano horrível para ela. Com sua voz estridente, o monstro saiu correndo com a menina, direto para seu esconderijo secreto.

O que ninguém esperava, aconteceu. O saci, amigo de longa data das crianças, estava observando de longe os passos da Cuca e a seguiu até o seu esconderijo. Olhando pelo vão da porta, viu que Carla seria comida pela Cuca assim que o caldeirão esquentasse.

Rapidamente voltou onde estavam as crianças e, com apenas um sopro do seu cachimbo, as libertou do feitiço.

- Saci, sacizinho! Você é nosso príncipe, nosso herói! – Emília não parava de cantar.

Visconde estava muito preocupado com Carla. Antes mesmo que perguntasse, o saci convocou todos para uma reunião. Afinal de contas, o único que poderia derrotar a Cuca era ele! Imediatamente seguiram todos ao esconderijo do monstro, atentos à ordem do amigo de uma perna só.

Chegando ao esconderijo, cada um se posicionou conforme o combinado. O saci foi o primeiro a entrar.

Pulou tão rápido que quando a Cuca o viu já era tarde demais: o pó de pirlimpimpim já estava todinho nela e aquele sono imenso a fez desmaiar. Só para ter certeza, Pedrinho mirou seu estilingue bem no meio da testa da bruxa e “pluft”, ela caiu de vez.

Narizinho e o Visconde trataram de desamarrar Carla. Emília, o Marquês, Pedrinho e o saci cuidaram de amarrar bem a Cuca. Já poderiam ficar sossegados, quando ela acordasse eles estariam bem longe dali.

Antes de entrarem no Sítio, já recomposta do susto e do medo, Carla agradeceu os primos e os novos amigos. Se eles não estivessem lá, ela seria o jantar da bruxa. Emília soltou aquele seu gritinho danado e olhou pra Narizinho que imediatamente a reprovou:

- Calma, Narizinho, eu só estava pensando que ela, logo no primeiro dia, já aprendeu a lição.

Dona Benta, alheia às travessuras das crianças, lhes acenou da varanda:  
- Continuem a brincar, meus filhos! Logo, logo a noite cai e todo mundo vai ter que se arrumar pro jantar! Aproveitem!  
Não precisou nem repetir. Todos saíram em direção ao pomar: quem chegasse por último, seria a mulher do padre! (JOSÉ, 2011, p. 45-46).

Ao reescrever esta peça, me lembrei dos ensaios, da definição do figurino e dos elementos do cenário e da distribuição dos personagens. Eu fiz a Emília. Testei a voz, o volume, os trejeitos, os tempos de resposta e de provação. Nós desenhamos no chão do pátio da escola onde seria cada ambiente: a cozinha, a sala, o esconderijo da Cuca, o caminho até lá. Ensaíamos. Apresentamos para a turma e a professora fez com que replicássemos a apresentação para outras turmas, para o outro período (das crianças menores) e para a escola vizinha, cuja diretora era uma das professoras da escola que eu estudava.

O frio na barriga para adaptar o cenário em outro espaço, para apresentar para outras crianças, o medo de dar errado se misturava com a alegria, com o suor, com o riso no rosto, com a taquicardia dos aplausos.

Vivemos um pouco do que Espírito Santo (2007, p. 20) apontou, ao afirmar que:

[...] o ser humano é o único ser vivo que, desde sempre, luta, sofre e teme a morte (diferente do medo de um predador), ou seja, vive um “sacrifício existencial” peculiar e sempre singular. [...] Paradoxalmente é também esse mesmo ser humano que “cria” beleza, alegria e amor de forma única, bastando constatar a existência das sinfonias, das pinturas, dos textos escritos, das peças teatrais, das descobertas científicas e assim por diante.

Ao longo de todo o Ensino Fundamental e, depois, durante o Magistério, os seminários em grupo, sempre que possível, eram apresentados nesse processo de composição do teatro. Foi assim ao trabalhar com festas populares. Foi assim durante as aulas de Literatura e de Literatura Infantil. Novamente, nesta última, criamos novos roteiros sobre o Sítio do Picapau Amarelo e apresentamos para as crianças da escola. Continuei fazendo a Emília. Obviamente, um pouco mais elaborada e mais “professoral”. Agora já era uma estudante do Magistério, que pensava nos roteiros de forma muito mais intencional, para ensinar questões escolarizadas. Enfim. Questão de repertório. Questão de intencionalidade. Questão própria do curso e da necessidade de reproduzir certa disciplina.

Em minha tese, escrevi que “uma de minhas decepções ao terminar o Magistério e iniciar a docência em sala de aula foi a percepção da inexistência de um modelo a ser seguido ou, neste caso, a ser interpretado” (JOSÉ, 2011, p. 28). Fiz uma analogia entre o teatro e o início da docência, de forma muito mais intuitiva do que a que reflito agora:

A opção por representar em sala de aula se constituiu na ação mais racional naquele momento, já que minha formação inicial como professora não foi totalmente capaz de considerar os propósitos e desafios envolvidos na profissão docente. Ao mesmo tempo, isto me levou à reflexão, ainda que de forma incipiente, sobre quem são os autores em educação, quais suas considerações e reflexões sobre este tema e qual o papel dos professores na constituição e articulação prática nas escolas (JOSÉ, 2011, p. 28).

Metaforicamente, se materializava uma reflexão possível entre teatro e docência. Entre ser ator e ser autor. Entre criar e reproduzir. Hoje vejo diversas lacunas nessa reflexão e entendo que, naquele contexto, foi a melhor reflexão possível. Hoje, intensificaria uma problematização muito mais fundamentada na lógica do “e” do que na lógica do “ou”, como Fazenda (2001), já naquela época, insistia para que considerássemos. Hoje incorporaria reflexões muito mais sobre os processos criativos nos movimentos de ensino e de aprendizagem e na composição do “ser professor” como um processo de criação do personagem, da postura, do planejamento, da presença, do estudo e das reflexões.

No entanto, entendo que este processo de construção se faz na medida em que se ampliam as referências, as experiências e os grupos de trabalho e de convívio. Para mim, é um movimento essencialmente interdisciplinar.

## **SEGUNDO RETALHO: A MÚSICA**

Em meados de 1986, se não me engano, fomos morar com minha avó paterna. Desta época até meus 11 ou 12 anos lembro de passar tardes e tardes com a vitrola ligada dançando e dançando e fazendo playback e inventando coreografias das músicas que não conseguia decorar. Todas infantis da época (basta uma pesquisa rápida no google para descobrir, magicamente quais eram). No entanto, para ajudar na curiosidade (obviamente já desmascarada pelo spoiler de ter sido a Xuxa em 1987), eram LPs do Trem da Alegria, Balão Mágico e vários outros que vocês podem imaginar. Eu dançava, imaginando que estava no palco. Fingia que cantava, sonhando que poderia ser afinada.

Pois bem, nessa época, durante a catequese, comecei uma experiência com música “de verdade”: participei do coral das crianças. Não tinha microfone (bem, se tinha, não me lembro e, certamente, não seria eu quem o comandaria), mas tinha ensaio toda semana. Foi aí, nessa vivência que fui aprendendo com o processo. Tinha que ensaiar. Tinha que ler a letra das músicas sem errar. Foi aí que aprendi que era mais fácil decorar. E que era preciso voltar aos poucos a cada verso, depois a cada estrofe, depois a cada repetição do refrão até cantar a música toda. E que nem sempre dava certo, porque, na hora da missa, a música dependia do tempo da liturgia, impresso, também, pelo ritmo das ações do padre.

A passagem pelo coral das crianças durou o tempo da catequese. Talvez um ano a mais. Mas não mais que 11 anos.

Quanto entrei para o Crisma, também comecei a participar de um Grupo de Oração da Renovação Carismática e minhas amigas cantavam e tocavam violão, nos encontros dos grupos e nas missas. Pedi tanto, mas tanto, que ganhei, no Natal, um violão. Di Giorgio. Logo, comecei a aprender a tocar. Passava tardes e tardes treinando os acordes, com a maior dificuldade. Canhota que sou (e teimosa também) decidi não trocar as cordas. Eu queria ter mobilidade de tocar qualquer violão em qualquer lugar. Achei que seria mais fácil. Mas, no fim, deu certo. Com a mão esquerda repleta de calos e unhas sempre bem curtas, aprendi a tocar o básico do violão. Não fazia aquelas peripécias clássicas dos arranjos, mas garantia a base dos acordes e o ritmo das músicas, o que já estava excelente.

Nunca toquei “de ouvido”. Sempre precisei estar de olho nas cifras. E treinar muito. Ensaiaava sozinha antes do ensaio. E ensaiaava sozinha depois também. Isso me garantiu dar conta do recado sozinha ou com mais instrumentistas, sem tremer.

Deixei aos poucos de tocar. Na medida em que comecei a estudar mais, a trabalhar mais, o tempo para o violão foi ficando pequeno, pequeno, até que meus calos praticamente desapareceram dos dedos. Talvez estejam sendo chamados a retornar para os meus dedos. Quem sabe logo.

### **TERCEIRO RETALHO: AS ARTES PLÁSTICAS – e uma pitada de atividades manuais**

Cresci vendo meu pai ampliar enfeites de parede para as festas de aniversário, minhas e do meu irmão. Rapidamente ele quadriculava duas folhas: uma pequena e outra grande e ampliava os desenhos. Depois pintava com perfeição o desenho ampliado e contornava com tinta preta. Quase sempre, com nanquim.

As minhas tentativas davam certo só na hora de fazer o quadriculado: eu media certinho e ligava um ponto a outro com leveza (para poder apagar depois). Nada além disso. Meus desenhos eram do “homem palito” e da casinha com árvores, montanhas, um som e uma nuvem. Às vezes, uma flor. Mas pintava sem borrar, o que já era “ok”.

Meu pai também tinha uma habilidade para a marcenaria (e artesanato, por consequência). No meu aniversário de 7 anos, para se ter uma ideia, ele construiu uma casa para a Branca de Neve de isopor, com jardim, inclusive. Ficou perfeito. Eu passei muitas tardes olhando como ele manjava o estilete para fazer cada um dos detalhes do telhado, das janelas e das portas e, depois, como pintava tudo isso. Queria ter guardado até hoje.

Meu irmão era muito habilidoso também. Rapidamente reproduzia os desenhos. O que eu conseguia era copiá-los com papel vegetal, de uma matriz para outra folha, contornar e pintar. E ficava extremamente satisfeita com isso. Também fazia isso com as matrizes de desenho no mimeógrafo e reproduzia em escala suficiente para distribuir na escola.

Já adolescente, aprendi a bordar ponto cruz com minha avó. Obviamente que o avesso não era lá essas coisas, mas desenvolvi um TOC característico para analisar o bordado dos outros: primeiro o olhar vai para o avesso, depois para o direito.

Minha avó era assim: um primor pra bordar, costurar e fazer tricô. Tenho um casaquinho branco, com bordadinhos na gola, que ela mesma fez quando minha mãe nasceu. Minha mãe usou bem pequena, eu usei quando nasci e a Anna, minha menina, usou recém-nascida. Por alguns poucos meses, quase que minha avó consegue ver três gerações usando o casaquinho. Mas não deu tempo. Ela se foi um pouquinho antes. Também temos uma “vira” de colocar no cobertorzinho do bebê. Hoje, ninguém mais fala disso. Nem eu mesma sabia o que era. A “vira” é um pedacinho de lençol que se coloca no cobertorzinho do bebê, para proteger dos pelos do cobertor. Ainda a tenho comigo.

Foi com essa experiência com minha avó que consegui entender sobre a importância do processo, sobre a necessidade do treino, sobre a construção do repertório e sobre a virtude da paciência, elementos essenciais que sustentaram meus estudos em Interdisciplinaridade, anos depois, no Mestrado, no Doutorado e na formação de professores.

Minha avó também era uma exímia pintora de porcelana. Cresci com a casa repleta de pratos, vasos, qua-

dros e xícaras pintadas – à mão – por ela. Lembro que, ainda criança, vi um vaso pequeno que ela havia pintado para dar de presente de casamento para um casal amigo dos meus pais. Achei um absurdo dar o tal vaso para outra pessoa que não fôssemos nós (depois quero implicar com a Anna...). Pois bem, quem conheceu minha avó – Elizena – vai saber exatamente do que estou falando: imediatamente, ela me deu o vaso. Hoje ele está aqui na estante que uso de cenário para minhas aulas e, com lágrimas nos olhos, compartilho essa memória com vocês.

Durante minha estadia no Mestrado e no Doutorado, sobretudo nas vivências semanais no GEPI (Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade), coordenado pela professora Ivani Fazenda, pude participar de muitas vivências e de muitos estudos em arte, em suas mais diferentes linguagens. Em minha tese (JOSÉ, 2011, p. 58), registrei que “Fazenda (2002, p. 18) afirma que os pesquisadores possuem a missão da descoberta de pedras valiosas em suas pesquisas, pedras raras, que surgem “na medida do interesse específico do indivíduo que pesquisa”. Sem dúvida, o mergulho nas memórias em relação à Arte, em suas diferentes manifestações em minha trajetória de vida, foi uma dessas “pedras raras”.

Acredito que minhas práticas formativas tenham origem em cada uma dessas experiências. Elas trazem a Mariana que dançava, que elaborava roteiros, que sonhava com a história e que traduzia esse sonho na descrição dos personagens, na escrita dos diálogos, na composição do cenário e na condução dos ensaios. Como já afirmava Rojas (2001, p. 209): “Imaginar é possibilitar novas formas de reescrever o mundo. Sentir é realizar um processo de interiorização, é tornar nosso o que foi colocado à distância pelo pensamento, em fase de objetivação”.

Hoje compreendo que minhas práticas de orientação de pesquisa trazem a Mariana, neta da Elizena, que se preocupa com o direito e que tenta cuidar, com mais rigor ainda, do avesso. Que cuida da oratória, da costura da gramática, sem perder a beleza da poesia.

## **AS COSTURAS DOS RETALHOS: UMA COLCHA, FINALMENTE**

Em minha Dissertação de Mestrado, analisei, dentre outros elementos, as narrativas de professoras que trabalhavam comigo, quando era diretora de escola. Já no Doutorado, foram várias análises, com diferentes grupos de participantes: pesquisadores do GEPI, alunas do Curso de Pedagogia e professores que trabalhavam comigo em outra escola, que fui diretora. Apliquei diferentes instrumentos de pesquisa, inclusive alguns, considerados, à época, como “não convencionais”, como nas afirmações de Fazenda e Soares (2010).

Especialmente, um desses instrumentos, passei a usar em todas as minhas aulas do Mestrado, por entender que, ao tocar em outras linguagens, poderia proporcionar uma reflexão importante e necessária no contexto da formação de professores. Trata-se da sociopoética, um conceito metodológico, proposto por Gauthier (2004, p. 130), que diz que as pessoas se agrupam por um duplo agenciamento, de conteúdos e de expressão, os quais denominou de “agenciamento maquínico de corpos, ações e paixões” e de “agenciamento coletivo de enunciação”.

Em linhas gerais, Gauthier (2004) afirmava que, quando se pesquisa, não se tem, ou não se deveria ter, um grupo a ser pesquisado. O que deveria ser feito seria a constituição de um “grupo-pesquisador”, que, em minha tese de doutorado afirmei que poderia “ser construído somente a partir do estabelecimento de relações afetivas, corporais e cognitivas entre seus membros” (JOSÉ, 2011, p. 96).

O agenciamento maquínico de corpos, ações e paixões permite a exteriorização da relação entre corpos, paixões, e da concretização das emoções próprias do homem, as quais ao mesmo tempo em que se atraem, repulsam-se, alteram-se e fazem alianças entre si. Isso porque os grupos (neste caso, de alunas) são constituídos por indivíduos que se compõem e se transformam segundo regras, em tempos e lugares instituídos. P. 97 Já o agenciamento coletivo de enunciação revela as múltiplas falas do grupo, e o seu olhar – sempre coletivo – de uma realidade. Possui como característica fundamental a subjetividade, diferentemente dos corpos e afetos, os quais expressam seus conteúdos próprios. As enunciações coletivas possuem pontos de territorialização que atraem discursos variados, os quais estão inseridos no mesmo campo semântico, e conecta-os, como se constituísse uma supercodificação, de forma a constituir um discurso hegemônico, dominante.

A partir desta compreensão e da leitura de Gauthier (2004), a prática que desenvolvi com minhas alunas da Pedagogia no contexto da pesquisa para a Tese, se constituiu da leitura do texto “Tudo o que eu precisava saber sobre a vida, eu aprendi no Jardim-de-infância” (FULGHUM, 2000) e da audição da seguinte proposição:

Se as coisas mais importantes que você aprendeu, na vida, na escola, na família, na rua, fosse uma Terra, com seria essa terra? Após vinte segundos: Se fosse um túnel, como seria esse túnel?... Se fosse um caminho?... Um labirinto?... Um arco-íris?... Uma ponte?... Uma gruta?... Uma Galáxia? (GAUTHIER, 2004, p. 138).

Pedi a cada aluna, que voltasse a sua atenção à imagem com a qual mais tivesse se identificado, e posteriormente, fixasse em sua memória o maior número possível de detalhes: cor, forma, tamanho e luminosidade, durante o maior tempo possível. Em seguida, deveriam dirigir-se diretamente às mesas coletivas, já posicionadas em um local específico da Faculdade, para posterior reprodução das imagens de forma fidedigna. Tendo em mãos papel canson, tinta e pincel, as alunas deram início à produção de suas pinturas (JOSÉ, 2011, p. 100).

Todos os desenhos das alunas foram analisados em minha tese, a partir das proposições presentes no trabalho de Gauthier (2004) e nas questões da Interdisciplinaridade (FAZENDA, 2001). Inúmeros foram os desenhos que retratavam caminhos, pontes e labirintos, em diferentes contextos e com diferentes detalhes, como pode ser observado na figura a seguir:

**Figura 1** – Desenhos do grupo-pesquisador



**Fonte:** Dados de pesquisa (JOSÉ, 2011)

Durante as análises dos materiais produzidos pelas estudantes, relatei que “A vivência as levou a produzir artisticamente, ainda que muitas afirmassem não saber desenhar... O principal objetivo não era a produção de obras de arte, mas sim o resgate de suas memórias, imprescindíveis ao seu processo de formação pessoal e profissional” (JOSÉ, 2011, p. 101).

## **POR UM ARREIMATE**

Durante muitos anos, ouvi Fazenda (2008) dizer que, na Interdisciplinaridade, o movimento era o das bordas, o de ir pelas brechas, o de encontrar os pontos laterais para ir encontrando cada vez mais espaço, até envolver as pessoas e transformar os contextos.

Em minha tese, emprestei o poema “Frestas” (ESPÍRITO SANTO, 1998), de autoria do Prof. Rui, para refletir sobre isso, já que o fazia muito melhor que minhas tentativas vãs de explicação:

### **Frestas**

Regulamentos

Circuitos fechados

Censura

Burocracia

É o universo denso que nos envolve

A incomunicação

O vínculo cego com a lei

A solidão decorrente

É preciso perceber as frestas

Os espaços criados a cada instante

Espaços que surgem da efetiva presença

Somente descobre as frestas aquele que sabe a direção

Sabe para onde caminha  
Fruto da postura interna, que decorre da busca do autoconhecimento  
Que o traz crescentemente para a “eternidade do agora”.  
O homem habita a forma e pode sempre transformá-la  
Dos sons, a música  
Das cores, a pintura  
Do barro, a imagem  
Da palavra, os textos  
E assim numa infindável dança...  
O homem pode sempre abrir as frestas na forma  
Se assim o desejar, com sua vontade consciente,  
Pela fresta, enxerga a totalidade,  
Pela fresta, pode efetivamente se comunicar com o outro.  
(ESPÍRITO SANTO, 1998, p. 63).

Estas memórias, de arte e de tempo, tentaram cumprir um papel de compartilhar com vocês que o pesquisador se constrói ao longo de sua trajetória de vida, de suas experiências pessoais a profissionais. Fui forjada ao longo de minhas escolhas, ao redor de minha família. Trago comigo fragmentos de minha memória, marcados por uma parcela da experiência toda. Quisera que toda ela estivesse marcada. Mas não é assim. Aqui se faz um ponto, de todo o conjunto de pontos que a construiu e que, vez ou outra, me trazem de volta e, ao mesmo tempo, me impulsionam para seguir.



**UNITAU**  
Universidade de Taubaté

